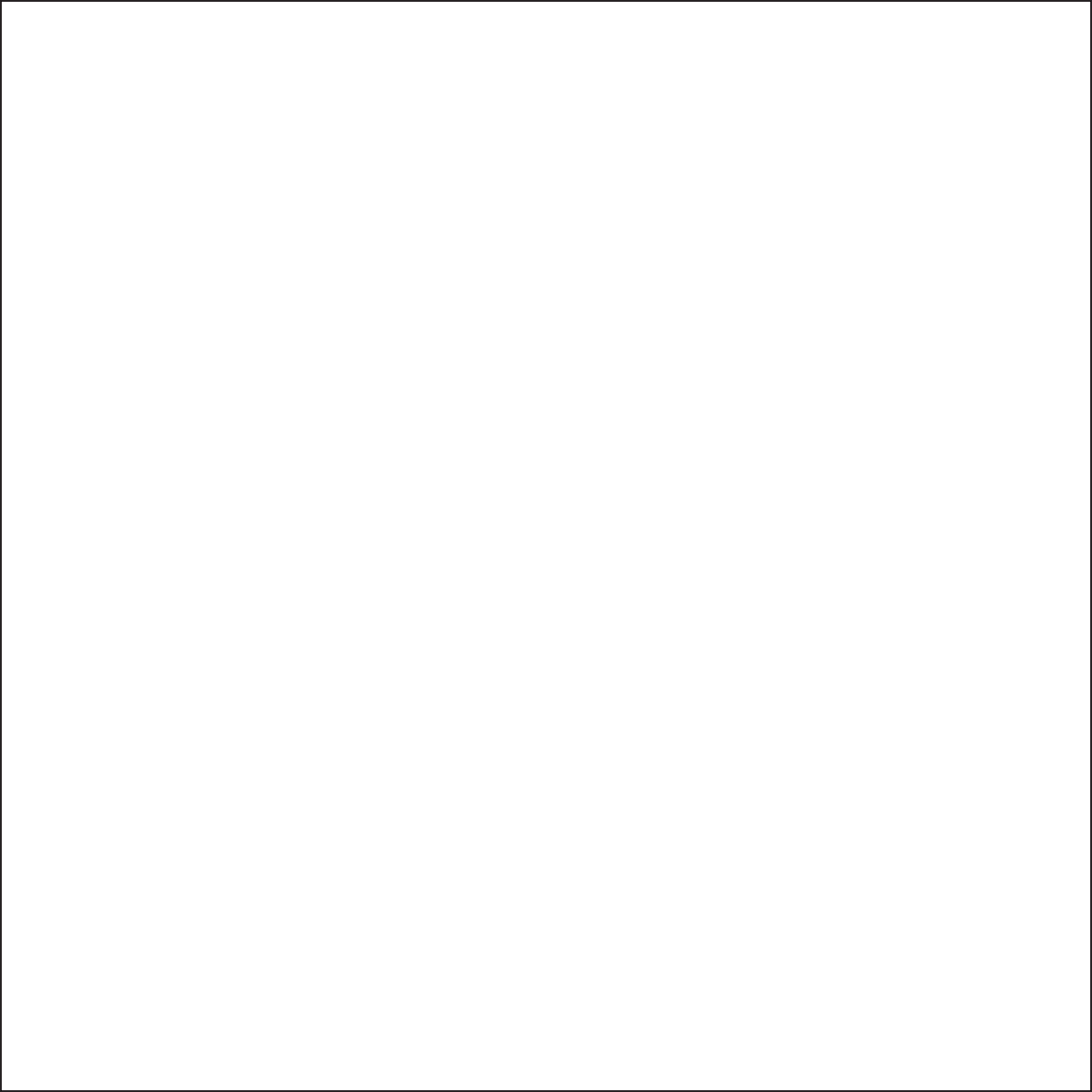


BAIRRO CALOUSTE GULBENKIAN ALENQUER



ISCTE-IUL
2017





Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Melinda de Jesus da Costa Rodrigues

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Título do trabalho da vertente teórica
Habitações a Custos Controlados, Bairro Calouste Gulbenkian-Alenquer

Orientador da vertente teórica:
Doutora, Maria Teresa Marques Madeira da Silva, Professor Auxiliar

Título do trabalho da vertente prática
Reabilitação do Bairro Calouste Gulbenkian

Tutor da vertente prática:
Arq. Pedro Viana Botelho, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE-IUL

Lisboa, Outubro de 2017

Agradecimentos,

Antes demais quero agradecer a todas as pessoas que me acompanharam neste percurso académico.

Desde já um obrigado aos professores da Universidade dos Açores onde iniciei esta jornada, um especial obrigado ao Arq. Jorge Kol de Carvalho, pelos seus conhecimentos transmitidos.

Aos professores do ISCTE, aos meus orientadores Pedro Botelho e Teresa Madeira da Silva pelo acompanhamento e orientação neste trabalho final, sem eles não seria possível.

Aos meus pais, e às minhas irmãs Lúcia e Cândida, pela ajuda e apoio que me deram ao longo do curso.

Aos meus colegas e amigos Leslie Amaral, Marisa Marques, Carolina Botelho, Bruno Abreu e outros.

E por fim, mas não por último ao meu companheiro Hugo Adriano, pela paciência, pela ajuda, e motivação que me deu ao longo deste tempo.

Um obrigado a todos.

Resumo

O tema deste trabalho desenvolvido na vertente teórica de Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, é sobre habitações a custos controlados e tem como objeto de estudo, uma análise e diagnóstico para uma possível intervenção no Bairro Calouste Gulbenkian construído na década de 60 em Alenquer. Após a revisão da literatura e de pesquisas efetuadas em vários trabalhos procedeu-se ao estudo do bairro. No primeiro capítulo é feita uma abordagem ao tema com uma introdução sobre o objeto em estudo, os objetivos a alcançar neste trabalho, a metodologia adotada para desenvolvimento desta investigação, perceber como se enquadra o tema das habitações a custos controlados com o objeto em estudo, o estado da arte, casos de estudo de referência e o enquadramento histórico do bairro Calouste Gulbenkian. No segundo capítulo foi necessário fazer o levantamento de peças graficamente desenhadas para ajudar a entender e complementar toda a informação sobre o Bairro Calouste Gulbenkian. O aspeto abordado neste segundo capítulo passa pela descrição geral do bairro, a localização, a evolução da malha urbana de Alenquer, a relação com a envolvente, transportes públicos, composição do lote e tipologia habitacional, características gerais para cada lote e composição construtiva. No terceiro capítulo face à análise anterior, é efetuado um diagnóstico ao Bairro Calouste Gulbenkian, com a identificação das patologias estruturais e não estruturais, perceber em que estado de conservação se encontra as redes de águas, esgotos, e eletricidade, se existe segurança contra incêndios, recolha de resíduos, e a funcionalidade do edificado e dos fogos e por fim o trabalho de investigação é finalizado com uma conclusão e algumas recomendações.

Palavras-Chave: Habitação a Custos Controlados/Reabilitação de Edifícios/ Reabilitação urbana/Edifício de habitação/ Diagnóstico

Abstract

The subject of this work, developed in the theoretical area of Final Architecture Project of the ISCTE-IUL Integrated Architecture Master's Degree, is about dwellings at controlled costs and has, as an object of study, an analysis and diagnosis for a possible intervention in the Calouste Gulbenkian Neighborhood built in the 60s in Alenquer. After the review of the literature and of researches done in several works, the neighborhood was studied. In the first chapter an approach to the subject is made with an introduction about the object under study, the objectives to be achieved in this work, the methodology adopted for the development of this research, to understand how the theme of housing is framed at controlled costs with the object being studied, the state of the art, reference case studies and the historical framework of the Calouste Gulbenkian neighborhood.

In the second chapter it was necessary to survey graphically designed pieces to help understand and complement all the information about the Calouste Gulbenkian Quarter. The aspect discussed in this second chapter refers to the general description of the neighborhood, the location, the evolution of the urban network of Alenquer, the relationship with the surroundings, public transportation, composition of the lot and housing typology, general characteristics for each lot and constructive composition. In the third chapter of the previous analysis, a diagnosis is made to the Calouste Gulbenkian Neighborhood, with the identification of structural and non-structural pathologies, to understand the state of conservation of the water, sewage and electricity networks, if there is fire safety, waste collection, and functionality of the building and the fires and finally the research work is finalized with a conclusion and some recommendations.

Índice

Agradecimentos, **V**

Resumo **VII**

Abstract **IX**

Capítulo I **1**

1.1. Introdução 3

1.2. Objetivos 4

1.3. Metodologia 5

1.4. Habitações a custos controlados 10

1.5. Estado da arte 14

1.6. Casos de estudo de referência 25

1.7. Enquadramento histórico do Bairro Calouste Gulbenkian 34

Capítulo II: Descrição geral do Bairro **39**

2.2. Acessibilidades 42

2.3. Evolução da malha urbana de Alenquer 43

2.4. Relação com a envolvente 46

2.5. Transportes públicos 48

2.6. Composição do lote e tipologia habitacional 50

2.7. Características gerais para cada lote 52

2.8. Composição construtiva 53

Capítulo III: Diagnóstico	57
3.1. Identificação das patologias estruturais e não-estruturais	58
3.2. Estado de conservação das redes (águas, esgotos, eletricidade)	64
3.3. Segurança contra incêndios	65
3.4. Recolha de resíduos	66
3.5. Funcionalidade do edificado e dos fogos	66
Conclusões	68
Bibliografia	69
Anexos: Inquéritos e visitas aos fogos	75

Índice imagens

Figura 1- Requalificação do Bairro D^a. Leonor, PortoFonte: Inês Lobo arquitetos.Lda, 2005-2013, "Rainha D.Leonor" Social Housing Quarter. Disponível em:<http://www.ilobo.pt/ines_lobo_arquitectos_Ida/01023_Rainha_D._Leonor_Social_Housing_Quarter.html>:Acesso em :15-10-2017. 6

Figura 2- Bairro de Lóios “Pantera cor-de-rosa”, Lisboa-Chelas. Fonte: Guias da arquitectura.com, 1998-2001.Conjunto Residencial de Chelas Pantera Cor de Rosa.Disponível em:<http://guiasdearquitectura.com/pt/produtos/packs-lisbon-district/_177>. Acesso em : 15-10-2017. 7

Figura 3- Bairro do Lagarteiro, Porto. Fonte: disponível em: <http://www.domussocial.pt/assets/misc/img/Habitacao/Bairros/Bairro%20do%20Lagarteiro%20-%202.jpg>>.Acesso em: 15-10-2017. 9

Figura 4- Vista aérea do plano de Alvalade, em 1955 Bairro das Estacas. Fonte: Fotografia de Mário de Oliveira, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, 1955.Disponível em:<<http://biclaranja.blogs.sapo.pt/702003.html>>. 11

Figura 5- Plano para os Olivais Norte 1955-58, e Olivais Sul 1960. Fonte: Olivais Sul-O Bairro Jardim. Disponível em: <<http://bairrojardim.weebly.com/arquitetura-e-urbanismo.html>>. 12

Figura 6- Bairro do Condado,” zona J”, Lisboa-Chelas. Fonte: Dias dos Reis, Bairro do Condado, 2006. Disponível em:<<http://www.pbase.com/diasdosreis/image/16255980>> . Acesso em : 15-10-2017. 15

Figura 7- Bairro cova da moura, Amadora, Lisboa. Fonte: PPL, Livro 'Bairro cova da Moura nos títulos da imprensa. Disponível: <<https://ppl.com.pt/prj/cova-da-moura>> . Acesso em: 15-10-2017. 19

Figura 8- Bairro Vale da Amoreira, Moita. Fonte: Diário do Distrito, Moita| Moradores defrontam-se a tiro no vale da Amoreira, 2017. Disponível:<<http://diariododistrito.pt/index.php/news/9442/126/MOITA-Moradores-defrontam-se-a-tiro-no-Vale-da-Amoreira>> . Acesso em: 15-10-2017. 21

Figura 9- Bairro Calouste Gulbenkian, Alenquer. Fonte: Fotografia de Ricardo Farias e Hugo Adriano, Alenquer, 2017. 24

- Figura 10-** Decurso das obras no interior da habitação, Bairro D^a Leonor, Porto. Fonte: Afaconsult, Requalificação do "Bairro Rainha D.Leonor. Disponível em:<<http://www.afaconsult.com/portfolio/21211/92/requalificacao-do-bairro-rainha-d-leonor> >. Acesso em:15-10-2017. 27
- Figura 11-** Tour Bois le Prêtre, França 1959-1961. Fonte: Photo Raymond Lopez - 1959 [Lacaton & Vassal], in Vitruvius (Em Linha). (Consult. Agosto de 2017). Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4194/pt_BR. 29
- Figura 12-** Reforma de 1990 da Tour Bois le Prêtre, França, 1959. Fonte: Locaton &Vassal, in Vitruvius (Em linha). (Consult. Agosto de 2017). Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4194/pt_BR>.read/projetos/12.133/4194/pt_BR. 29
- Figura 13-** Exemplo da aplicação dos módulos pré-fabricados, [Lacaton & Vassal]. Fonte: Vitruvius, Tour Bois Le Prêtre,2012.Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4194/pt_BR.Acesso em:Agosto de 2017. 31
- Figura 14-** Depois da reabilitação, “Jardim de Inverno”. Fonte: Domus, Intelligent architecture for current times, 2012.Disponível em: <http://www.domusweb.it/en/architecture/2012/02/03/intelligent-architecture-for-current-times.html> .Acesso em: Agosto de 2017. 32
- Figura 15-** Torre Bois le Prêtre, França, edifício depois da reabilitação. Fonte: Domus, Intelligent architecture for current times, 2012.Disponível em:<http://www.domusweb.it/en/architecture/2012/02/03/intelligent-architecture-for-current-times.html> .Acesso em: Agosto de 2017. 33
- Figura 16-** Bairro Calouste Gulbenkian, Alenquer. Fonte: Câmara Municipal de Alenquer, 1967. 37
- Figura 17-** Ortofotomapa de Alenquer, localização do Bairro Calouste Gulbenkian, 2017. Fonte: Caderno de turma ARE3-4 41
- Figura 18-** Planta de acessibilidades. Fonte: Desenho da autora, a partir das plantas da Câmara Municipal de Alenquer, 2016. 42
- Figura 19-**Cartografia de Alenquer de 1927. Fonte: Câmara Municipal de Alenquer, desenhado por Hugo Lopes Martins,2016. 43

Figura 20- Evolução da malha urbana de Alenquer entre 1937 e 1942. Fonte: C.M.A, desenhado por Hugo Lopes Martins, 2016.	44
Figura 21- Evolução da malha urbana de Alenquer entre 1965 e 1992. Fonte:C.M.A, desenhado por Hugo Lopes Martins,2016	45
Figura 22- Planta de equipamentos. Fonte: Desenho da autora, a partir das plantas da Câmara Municipal de Alenquer,2017.	47
Figura 23- Planta de Transportes públicos em Alenquer. Fonte: Desenho da autora, a partir das plantas da Câmara Municipal de Alenquer, 2017.	49
Figura 24- Planta dos andares. Fonte: Desenho da autora, a partir dos desenhos consultados no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.	50
Figura 25- Planta do rés-do-chão dos conjuntos de habitação. Fonte: Desenhos da autora, a partir dos desenhos consultados no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.	51
Figura 26- Alçado Principal Sudoeste (em cima), Alçado Posterior Nordeste (em baixo). Fonte: Desenho da autora, 2016.	60
Figura 27- Alçado Principal Nordeste (em cima), Alçado Posterior Sudoeste. Fonte: Desenho da autora, 2016.	63

Capítulo I

1.1.Introdução

No âmbito de investigação, do trabalho teórico de Projecto Final em Arquitetura (PFA) do Mestrado Integrado em Arquitectura (MIA), o tema seleccionado para o seu desenvolvimento incide sobre as habitações a custos controlados, mais propriamente num levantamento e diagnóstico, para reabilitação de um bairro social de pequena dimensão: o Bairro Calouste Gulbenkian situado em Alenquer.

Segundo o Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) este bairro é constituído por dois edifícios em banda horizontal.“De três pisos cada, com fogos T3, e fachada principal orientada para a rua” com 36 fogos.“De promoção direta estatal, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)”, os edifícios foram construídos com o intuito de realojar as “famílias sinistradas pelas inundações”¹ de 25 de Novembro de 1967.

O conjunto habitacional apresenta-se como fracção esquerdo e direito.

Este caso de estudo localiza-se a sul da Vila de Alenquer, Santo Estevão na freguesia de Paredes, pertencente ao distrito de Lisboa, os blocos habitacionais multifamiliares económicos de promoção pública estatal DGSU (Direcção Geral dos Serviços de Urbanização) e privada (FCG) foram construídos na década de 60. Neste momento apresenta aspectos de degradação notáveis ao nível de construção. É visível a desatualização destes blocos comparativamente com os requisitos e regulamentações atuais. A iluminação natural adequada, a redução nos consumos de energia, o privilegiar a ventilação, as áreas mínimas para habitar, os acessos para idosos ou para pessoas com mobilidade condicionada, são tudo diretrizes para uma arquitectura sustentável que não se observam neste bairro.

¹ SIPA,2010, Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer, Portugal Lisboa, Alenquer, União das freguesias de Alenquer (Santo Estevão e Triana), disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29293>. Acesso em :05 de Fevereiro 2017

1.2.Objetivos

O objetivo deste trabalho é estudar o Bairro Calouste Gulbenkian situado em Alenquer objeto de intervenção na vertente prática de Projeto Final em Arquitetura. Assim pretende-se que a vertente teórica complemente a vertente prática no sentido de melhor compreender o lugar de intervenção para melhor fundamentar as opções de projeto.

Pretende-se:

1. Perceber em que contexto se insere este caso de estudo do Bairro Calouste Gulbenkian no tema da habitação a custos controlados;
2. Rever a literatura existente acerca das habitações a custos controlados (estado da arte);
3. Realizar o enquadramento histórico do bairro;
4. Compreender como as pessoas habitam o espaço, e em que estado se encontra o edificado para uma possível intervenção/reabilitação, através dos levantamentos de peças gráficas do existente, inquéritos e visitas aos fogos;
5. Diagnosticar as patologias estruturais, anomalias, e questionar a funcionalidade do edificado e dos fogos, com base nos levantamentos executados;
6. Concluir com uma possível proposta/cenário de intervenção/reabilitação em resposta ao levantamento e diagnóstico efetuado.

1.3. Metodologia

A investigação inicialmente partiu por definir com clareza o caso de estudo, e recolher toda a informação disponível do bairro. Com o apoio da Câmara Municipal de Alenquer, conseguiu-se obter uma planta de arborização, e de implantação, do projeto original assim como as cadernetas prediais.

Perante a dificuldade em obter toda a informação do projeto original, consultou-se o arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, de modo a perceber todo o projeto, e informação existente. A partir da informação consultada procedeu-se a um levantamento rigoroso do edificado essencialmente para fazer um diagnóstico do bairro produzindo assim todas as peças gráficas que serviram de base a todo o trabalho.

Foi feita uma revisão da bibliografia sobre questões desta natureza para progredir com o trabalho destacamos a tese de doutoramento de Joana Cravo de Almeida Restivo, centrada no tema da “Habitação pública no Porto -Intervir para requalificar”² tendo por base casos de estudo como o Bairro Rainha D. Leonor (Fig.1) construído em 1955 e alvo de intervenção recente da arquiteta Inês Lobo.

Para perceber as metodologias utilizadas para a realização do diagnóstico, serviu de referência o artigo de investigação publicado na revista “Cidades, Comunidades e Territórios com o título: “Edifícios de habitação social: diagnóstico e cenários de intervenção no edificado” decorrente do estudo de avaliação e diagnóstico das necessidades de intervenção para o Bairro do Condado “zona J”, e Bairro de Lóios “Pantera cor-de-rosa” (Fig.2, construídos na década de 1970-80) de Teresa Madeira da Silva, Pedro Marques Alves, Miguel Vasconcelos Magalhães, e Maria João de Oliveira³.

² RESTIVO, J. C. (2014). Habitação Pública no Porto - Intervir para requalificar. Porto: Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Tese de doutoramento.

³ MADEIRA DA SILVA, T., ALVES, P. M., MAGALHÃES, M. V., & DE OLIVEIRA, M. J. (2011). Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no Edificado. Cidades, Comunidades e Territórios, n.22, pp.82-98.



Figura 1- Requalificação do Bairro D^a. Leonor, Porto

Fonte: Inês Lobo arquitetos.Lda, 2005-2013, "Rainha D.Leonor" Social Housing Quarter. Disponível em:<http://www.ilobo.pt/ines_lobo_arquitectos_lda/01023_Rainha_D._Leonor_Social_Housing_Quarter.html>:Acesso em :15-10-2017.



Figura 2- Bairro de Lóios “Pantera cor-de-rosa”, Lisboa-Chelas.

Fonte: Guias da arquitectura.com, 1998-2001. Conjunto Residencial de Chelas Pantera Cor de Rosa. Disponível em: <http://guiasdearquitettura.com/pt/produtos/packs-lisbon-district/_177>. Acesso em : 15-10-2017.

Também o trabalho desenvolvido na Cova Moura designado “Operação Cova da Moura, Iniciativa Operação de Qualificação e inserção Urbana em Bairros Críticos”, Volume I-Diagnóstico⁴ serviu de referência para o nosso estudo. O relatório síntese realizado pelo LNEC: “Colaboração do LNEC na análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das Necessidades de Reabilitação do Edificado. Relatório Síntese”⁵ e os trabalhos “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”⁶ e “Operação Lagarteiro (Fig.3). Lagarteiro, uma intervenção alicerçada na participação”⁷ foram outros dois estudos de referência em termos metodológicos para o desenvolvimento do nosso estudo.

Por forma a tratar a realidade do edificado e envolvente próxima, fez-se um inquérito aos moradores para perceber o agregado familiar que habita cada um dos fogos, procedeu-se ao levantamento fotográfico da situação atual dos interiores e exteriores da habitação, assim como o registo das alterações do edificado e mapeamento de anomalias em forma de peças gráficas.

As visitas aos interiores das habitações foram feitas na presença dos proprietários e acompanhada pelo Presidente da Junta de Freguesia de Santo Estevão Sr. Paulo Matias. Com todo este processo efetuado, levantaram-se questões, tendo em conta uma possível intervenção.

De modo a intervir no edificado foi importante abordar o caso de estudo por fases. Numa primeira fase procurou-se perceber o enquadramento histórico em que se insere o Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer. Numa segunda fase foi realizado o redesenho do projeto original a partir da análise dos desenhos existentes nos arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian e também efetuado um levantamento de todas as informações existentes de modo a poder desenhar todo o conjunto.

A descrição geral do conjunto dos lotes e envolvente, tendo em conta a localização, as acessibilidades ao bairro (percursos pedonais, acessos viários), a relação com a envolvente e os seus valores de proximidade (em relação aos transportes, paragens de autocarros comércio, escolas, centro de saúde,

⁴ AA.VV. (2006), “Operação Cova da Moura, Iniciativa Operação de Qualificação e inserção Urbana em Bairros Críticos”, Volume I-Diagnóstico, in J. Malheiros (coord. geral), Lisboa.

⁵ LNEC (2008), “Colaboração do LNEC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das Necessidades de Reabilitação do Edificado. Relatório Síntese”, Lisboa: LNEC.

⁶ AA.VV. (2006). “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT.

⁷ AA.VV. (2006), “Operação Lagarteiro. Lagarteiro - Uma intervenção alicerçada na participação”, T. S. Marques (coord.), Lisboa.

etc.) a utilização dos espaços verdes e de estadia, a recolha dos resíduos, e a segurança do espaço público, contribuíram para a compreensão geral do espaço urbano. Entender a composição dos lotes e tipologia habitacional, através da sua forma, número de fogos, áreas, circulações de acesso aos fogos e tipologia das unidades habitacionais, assim como, analisar as características gerais para cada lote desde a orientação solar, tipo de cobertura, forma de assentamento do edificado no terreno, distribuição de funções, tipo de proteção solar dos vãos e composição construtiva foram aspetos a ter em conta para a realização do levantamento.

Depois do levantamento executado procedeu-se a uma terceira fase, do diagnóstico, em que se procurou diagnosticar um conjunto de aspetos tais como: o estado de conservação se encontra os edifícios, perceber como tratá-los, identificar as anomalias e patologias estruturais existentes, a manutenção e conservação das redes de águas, esgotos, eletricidade, ventilação etc. Se os edifícios contêm segurança contra incêndios, se estão bem localizados os pontos de recolha dos resíduos, e questionar a funcionalidade do edificado e dos fogos. Nesta fase foi igualmente importante identificar as necessidades dos moradores em relação ao esquema funcional das habitações. Numa quarta fase, a conclusão deste estudo será realizada uma síntese que servirá de base para uma possível proposta de intervenção, face a todos os problemas encontrados.



Figura 3- Bairro do Lagarteiro, Porto.

Fonte: disponível em: <http://www.domussocial.pt/assets/misc/img/Habitacao/Bairros/Bairro%20do%20Lagarteiro%20-%20202.jpg>. Acesso em: 15-10-2017.

1.4. Habitações a custos controlados

Segundo o IRHU, no início dos anos 60, deu-se uma alteração no plano financeiro português, devido a dois principais fatores: a guerra colonial (1961-1974) e a abertura de Portugal a European Free Trade Association (EFTA-1959)⁸. Contudo intensificaram-se as trocas comerciais, devido ao comércio livre, e a indústria ganha expansão e dinamismo. Com estes acontecimentos, surge a oferta de emprego pouco qualificada, em redor das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, aumentando a vinda de pessoas do interior do país para o litoral.

Com o êxodo rural, para as principais cidades sentiu-se a necessidade de criar novas políticas de habitação, para realojar as pessoas isto porque “o crescimento dos bairros clandestinos e dos aglomerados de barracas foi uma consequência destes acontecimentos”⁹. Perante estes acontecimentos, sentiu-se a necessidade de criar um plano que revertesse a situação, semelhante ao que aconteceu nos bairros de Alvalade (1949-1955) (Fig.4)¹⁰, Olivais Norte (1964-1966) e Olivais Sul (1955-1958) (Fig.5). Estes planos integrados aplicados a estes bairros anteriormente citados, não pretendiam apenas construir habitações em altura de modo a albergar inúmeras famílias, mas também complementar a malha urbana, oferecendo um território com mais valias ao nível da acessibilidade, ambiente, equipamentos e integração social.

⁸ IRHU, (2016), Planos Integrados, disponível em: <https://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/habitacao/planeamento/planos.html>. Acesso em :8 de Fevereiro de 2017.

⁹ MELO, Inês Quental - O Mercado de Arrendamento Principais Oportunidades e Fragilidades face ao Mercado de Habitação Própria, 2009, pág.9-10, Dissertação para obtenção de grau de Mestre em engenharia do território. Instituto Superior técnico, Universidade Técnica de Lisboa.

¹⁰ Bairros construídos com o apoio estatal, entre 1953 e 1962.



Figura 4- Vista aérea do plano de Alvalade, em 1955 Bairro das Estacas.

Fonte: Fotografia de Mário de Oliveira, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, 1955. Disponível em:<<http://biclaranja.blogs.sapo.pt/702003.html>>.



Figura 5-Plano para os Olivais Norte 1955-58, e Olivais Sul 1960.

Fonte: Olivais Sul-O Bairro Jardim. Disponível em:
<http://bairrojardim.weebly.com/arquitetura-e-urbanismo.html>.

Dentro do tema das habitações a custos controlados surgiram então vários planos, entre eles numa fase inicial o Plano Intercalar de Fomento depois o III Plano de Fomento, e o Fundo de Fomento da Habitação. No o Plano Intercalar de Fomento (1965-67) é onde “são identificadas as falhas em matéria habitacional pública, assim como as limitações do sector privado na produção social de habitação, e é lançado o embrião do que viria a ser consubstanciado no III Plano de Fomento (1968-1973)”¹¹ .

Segundo o IHRU (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana) o III Plano de Fomento (1968-1973), veio dar resposta coerente ao défice de habitação social, criando mais tarde o Fundo de Fomento da Habitação (FFH-1969), que passou a concentrar as competências do Ministério da Obras Públicas.

Neste contexto ao analisarmos as cadernetas prediais do Bairro Calouste Gulbenkian concluído a 16 de Fevereiro de 1969¹² , constatou-se que o bairro pertenceu ao Fundo de Fomento de Habitação. Podemos considerar que o Plano de Fundo de Fomento da Habitação tem por base ceder financiamento às famílias mais carenciadas de modo a que estas consigam obter a sua própria habitação, combatendo assim a produção de habitações clandestinas e barracas, indo ao encontro do princípio aplicado no plano integrado nos bairros dos Olivais Norte, Olivais Sul e Alvalade.

Face à investigação sobre as habitações a custos controlados podemos concluir que as habitações a custos controlados (H.C.C.) ou habitações de baixo custo destinam-se primeiramente a pessoas com carências financeiras. São habitações “construídas ou adquiridas com o apoio financeiro do Estado, que concede benefícios fiscais e financeiros para a sua promoção, e destinam-se a habitação própria e permanente dos adquirentes, ou a arrendamento.”¹³

Atualmente as entidades autorizadas a promover estas habitações são, as Câmaras Municipais, Instituições Particulares de Solidariedade Social, cooperativas de habitação ou empresas privadas. As habitações a custos controlados abrangem segundo o portal da habitação (IHRU), a aquisição e infra-estruturas de terrenos, a construção de habitações a custos controlados para venda, a construção ou aquisição de habitações a custos controlados para arrendamento, e integra também o equipamento social, espaços comerciais e partes acessórias dos fogos (garagens e arrecadações).

¹¹ IHRU, (2016), Planos Integrados, disponível em: <https://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/habitacao/planeamento/planos.html>>. Acesso em :8 de Fevereiro de 2017.

¹² Documentos consultados no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

¹³ IHRU, (2016) Portal da habitação-Habitações a custos controlados, disponível em: https://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/programas_de_financiamento/custoscontrolados.html> Acesso em:13 de Junho de 2017.

1.5. Estado da arte

Para abordar o diagnóstico do Bairro Calouste Gulbenkian, foi necessário consultar alguns diagnósticos já efetuados neste âmbito de trabalho. Entre os casos de estudo mais importantes destacamos primeiro o artigo de investigação publicado na revista Cidades, Comunidades e Territórios com o título: “Edifícios de habitação social: diagnóstico e cenários de intervenção no edificado” de Teresa Madeira da Silva, Pedro Marques Alves, Miguel Vasconcelos Magalhães, e Maria João de Oliveira¹⁴. Este artigo foi fundamental desde o início, para organizar e desenvolver todo trabalho, porque ajuda a perceber como fazer um estudo de avaliação em dois bairros sociais (Bairro do Condado “Zona J” (Fig.6), e o Bairro de Lóios, “Pantera Cor-de-Rosa”), e ainda diagnosticar as necessidades de intervenção.

Este estudo analisa ainda aspetos como o contexto histórico e o enquadramento onde se insere os bairros sociais. De modo a perceber toda a envolvente apresenta peças desenhadas pelos autores o que facilita a leitura de relação destes bairros com a cidade, a forma dos edifícios e as condicionantes espaciais envolventes como por exemplo os acessos e os atravessamentos pedonais. Outro fator importante foi analisar neste caso de estudo a metodologia que a equipa do ISCTE¹⁵ adotou para desenvolver este trabalho, em que primeiro obteve os projetos desenhados não digitalizados no IHRU (Zona J) e no Arquivo do Forte de Sacavém (Pantera Cor-de-Rosa).

¹⁴ MADEIRA DA SILVA, T., ALVES, P. M., MAGALHÃES, M. V., & DE OLIVEIRA, M. J. (2011). Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no Edificado. Cidades, Comunidades e Territórios, n.22, pp.82-98.

¹⁵ Equipa: Arquitetura: Teresa Madeira da Silva, Pedro Marques Alves, Miguel Vasconcelos Magalhães, Maria João Oliveira. Colaborador: Samuel Dias. Consultores: Pedro Viana Botelho e Pedro Mendes. Fundações e Estruturas: Fernando Rodrigues. Gestão Energética: Vasco Moreira Rato. Redes e segurança integrada: Joaquim Nogueira. Economia, Gestão Urbana e Gestão do Património: Pedro Costa. Coordenação: Teresa Madeira da Silva.



Figura 6-Bairro do Condado," zona J", Lisboa-Chelas.

Fonte: Dias dos Reis, Bairro do Condado, 2006. Disponível em:<<http://www.pbase.com/diasdosreis/image/16255980>> . Acesso em : 15-10-2017.

A partir destes documentos produziram as suas peças gráficas desenhadas pelos autores para servir de base de trabalho no levantamento e no diagnóstico. De modo a abordar o trabalho em questão, fizeram revisões de literatura com casos de estudos muito interessantes como a “Operação Cova da Moura”¹⁶, a “Operação Vale da Amoreira”¹⁷, o “Relatório de Síntese”, produzido pelo LNEC, com “a avaliação das necessidades de reabilitação do edificado do bairro do Alto da Cova da Moura”¹⁸, e a “Operação Lagarteiro”¹⁹ que vamos analisar mais a frente que também serviram de base para o nosso estudo.

Numa segunda fase além das reuniões com as entidades responsáveis do local, procederam a levantamentos do existente, visitas aos edifícios, registo fotográfico, mapeamento de anomalias e registo de alterações para ter em conta questões a abordar, visando uma possível intervenção²⁰.

Depois de toda a informação recolhida e tratada elaboraram fichas para caracterizar o bairro e o espaço público. Também estas fichas permitiram-lhes levantar questões relativamente ao edificado ao nível da segurança, habitabilidade e funcionalidade dos fogos, a eficiência energética, as acessibilidades, relação com a envolvente, gestão do edificado e o tipo de ocupação do espaço público. Este estudo também coloca questões-chave ao nível da atratividade dos bairros em questão, por virem acompanhados de conotações negativas, assim como outras questões da relação do bairro com a cidade, e a qualidade construtiva dos edifícios²¹.

Após as observações e análises executadas, abordam um diagnóstico com base nas questões levantadas anteriormente num grau mais aprofundado, ao nível do espaço urbano, a relação do bairro com a cidade, bairro e espaço exterior público, relações de vizinhança, acessos viários, transportes públicos, gestão de condomínio, e estudo de patologias entre outras tirando no final as suas conclusões do diagnóstico. Com base nas conclusões do diagnóstico visam propor quatro cenários de intervenção: A- Manter a situação existente; B-Reparações, C- Intervenção, D-Nova Chelas. Apresentam esquemas

¹⁶ AA.VV. (2006a), “Operação Cova da Moura, Iniciativa Operação de Qualificação e inserção Urbana em Bairros Críticos”, Volume I-Diagnóstico, in J. Malheiros (coord. geral), Lisboa.

¹⁷ AA.VV. (2006b). “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT.

¹⁸ LNEC (2008), “Colaboração do LNEC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das Necessidades de Reabilitação do Edificado. Relatório Síntese”, Lisboa: LNEC.

¹⁹ AA.VV. (2006c), “Operação Lagarteiro. Lagarteiro - Uma intervenção alicerçada na participação”, T. S. Marques (coord.), Lisboa.

²⁰ MADEIRA DA SILVA, T., ALVES, P. M., MAGALHÃES, M. V., & DE OLIVEIRA, M. J. (2011). Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no Edificado. Cidades, Comunidades e Territórios, n.22, pp.82-98

²¹ MADEIRA DA SILVA, T., ALVES, P. M., MAGALHÃES, M. V., & DE OLIVEIRA, M. J. (2011). Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no Edificado. Cidades, Comunidades e Territórios, n.22, pp.82-98.

gráficos com possíveis cenários de intervenção tanto para o bairro do Condado, “zona J” como para o de Lóios, “Pantera Cor-de-Rosa”. Concluindo o estudo com reflexões sobre as possíveis intervenções²².

O segundo estudo a “Operação Cova da Moura, Iniciativa Operação de Qualificação e Inserção Urbana em Bairros Críticos”, Volume I-Diagnóstico²³; inicia o estudo com uma breve apresentação da localização do bairro do Alto da Cova da Moura, pertencente ao concelho da Amadora, e com o enquadramento histórico do mesmo. Apresenta a planta da área abrangente do bairro, e a localização no território para melhor perceção. Este diagnóstico aborda vários temas, entre eles a caracterização urbanística²⁴ e as acessibilidades, no que diz respeito ao enquadramento urbano, a relação bairro/cidade, a evolução da malha urbana, a morfologia do terreno, e a “leitura visual do bairro e o sistema de vistas”²⁵ que engloba os acessos e trajetos, elementos de referência, espaços de estadia, espaços verdes e o sistema de vistas no que respeita aos enfiamentos visuais.

Os autores fazem também um estudo da densidade ocupacional do território, e do estado de conservação do edificado. Analisam detalhadamente os arruamentos²⁶ os parques de estacionamento, passeios, caminhos pedonais, espaços públicos, mobiliário urbano, redes públicas, recolha de resíduos sólidos e urbanos, a recolha e distribuição de correio, as acessibilidades e transportes etc. Depois de toda esta análise de diagnóstico propõem um plano de ação para melhoramento do bairro com base em reabilitação urbana, e na habitação para melhorar as condições de habitabilidade dos moradores, em alguns casos a destruição de construções ilegais existentes, melhorando assim a segurança dos espaços públicos e privados, e da habitação dos moradores, contribuindo assim para uma melhor imagem do bairro.

²² MADEIRA DA SILVA, T., ALVES, P. M., MAGALHÃES, M. V., & DE OLIVEIRA, M. J. (2011). Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no Edificado. Cidades, Comunidades e Territórios, n.22, pp.82-98.

²³ AA.VV. (2006a), “Operação Cova da Moura, Iniciativa Operação de Qualificação e inserção Urbana em Bairros Críticos”, Volume I-Diagnóstico, in J. Malheiros (coord. geral), Lisboa.

²⁴ AA.VV. (2006b). “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT. (Pág.2-11)

²⁵ AA.VV. (2006b). “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT. (Pág.12-15)

²⁶ AA.VV. (2006b). “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT. (Pág.25-33)

Já o terceiro estudo que serviu de referência para o nosso trabalho, o estudo “Relatório de Síntese”, produzido pelo LNEC, com “a avaliação das necessidades de reabilitação do edificado do Bairro do Alto da Cova da Moura”²⁷ (Fig.7) , vai mais a fundo no desenvolvimento do estudo. Adota uma metodologia de análise que se foca na habitabilidade do edificado aliada às exigências funcionais de anomalias construtivas e espaciais o que obriga a uma reabilitação²⁸. Nesta análise do edificado, fizeram levantamentos das necessidades de reabilitação dos edifícios do Bairro do Alto da Cova da Moura, sessões de acompanhamento e esclarecimento, realização de vistorias, e sistematização e clarificação dos resultados da análise local²⁹. Face ao levantamento procederam à análise e caracterização do edificado, ao nível das tipologias habitacionais (nº de pisos), ao uso do edificado (residencial, industrial, cultural, serviços, etc.), ao nível construtivo, desde elementos estruturais como paredes coberturas, e caixilharia exterior. Neste relatório do LNEC, também é interessante verificar como efetuam o estudo das anomalias no edificado tanto no que se refere à construção, como às anomalias espaciais, decorrendo daí a correção do espaço. Numa fase final apontam problemas e soluções para a necessidade de reabilitação no edificado, e uma síntese de resultados tendo em conta o grau de gravidade das reabilitações médias, ligeiras ou profundas. Com base nestes dados descrevem as suas conclusões finais.

²⁷ LNEC (2008), “Colaboração do LNEC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das Necessidades de Reabilitação do Edificado. Relatório Síntese”, Lisboa: LNEC.

²⁸ LNEC (2008), “Colaboração do LNEC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das Necessidades de Reabilitação do Edificado. Relatório Síntese”, Lisboa: LNEC. Pág.3.

²⁹ LNEC (2008), “Colaboração do LNEC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das Necessidades de Reabilitação do Edificado. Relatório Síntese”, Lisboa: LNEC. Pág.4.



Figura 7-Bairro cova da moura, Amadora, Lisboa.

Fonte: PPL, Livro 'Bairro cova da Moura nos títulos da imprensa. Disponível em: <<https://ppl.com.pt/prj/cova-da-moura>>. Acesso em: 15-10-2017.

O quarto caso de estudo a “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira (Fig.8), Diagnóstico”³⁰, foi essencial para perceber também como é feita a abordagem a um diagnóstico. Inicialmente este caso de estudo apresenta uma introdução definindo os seus objetivos como o “integrar funções urbanas, integrar parceiros e integrar recursos”³¹. Avalia as potencialidades do território e também as fragilidades, para “garantir uma operação sustentável a vários níveis: de performance económica e financeira; de sustentabilidade física e ambiental e de coesão social e cultural”³². Assim pretende que no âmbito da operação Vale da Amoreira, seja feita uma reabilitação urbana e articulada ao bem-estar urbano, à qualidade de vida dos seus moradores melhorando o sistema social e económico da freguesia, com base nestes princípios só assim se conseguem mudar o cenário crítico do território. O diagnóstico tem por objetivo ser um apoio para o planeamento urbano, através de uma estratégia de intervenção, de combate às deficiências diagnosticadas. Também é fundamental perceber as diferentes metodologias adotadas para a elaboração do diagnóstico tal como “a recolha e tratamento da informação disponível, em especial recolhida junto dos parceiros locais, como diagnósticos, planos de atividades ou outra informação considerada relevante”³³.

Quanto ao diagnóstico a equipa começa por fazer uma caracterização geral da zona, do Vale da Amoreira, pertencente ao distrito de Setúbal, no concelho da Moita, indicando os fatores que levaram à formação do aglomerado e populacional, entre outros devido aos movimentos migratórios da década de 60 e 70.

³⁰ AA.VV. “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT.

³¹ AA.VV. “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT. Pág.4.

³² AA.VV. (2006b). “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT. Pág.4.

³³ AA.VV. (2006b). “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT. Pág.5-7.



Figura 8-Bairro Vale da Amoreira, Moita.

Fonte: Diário do Distrito, Moita| Moradores defrontam-se a tiro no vale da Amoreira, 2017. Disponível em:<<http://diariododistrito.pt/index.php/news/9442/126/MOITA-Moradores-defrontam-se-a-tiro-no-Vale-da-Amoreira>> . Acesso em: 15-10-2017.

Este estudo também aborda a evolução da população do Vale da Amoreira, a nacionalidade da população, a densidade populacional, e a construção dos edifícios assim como os planos de intervenção feitos em anos anteriores na freguesia. A metodologia adotada neste trabalho, foi criar uma equipa que trabalhasse em conjunto com os parceiros locais, e depois separada por grupos de trabalho, sempre acompanhados pelo GAT. O diagnóstico começa com levantamentos de informação existente, através de encontros com as pessoas para a realização de workshops. Estes workshops serviam para identificar os problemas e obstáculos, definir objetivos e potencialidades do território, identificar medidas e ações, e por fim o estudo por eixos de intervenção. Com base no método adotado no desenvolvimento do trabalho incidindo sobre as temáticas abordadas nos workshops, com investigações mais aprofundadas no âmbito das dinâmicas locais, as hipóteses de intervenção, os problemas na educação, as problemáticas do desemprego, coesão e inserção social, multiculturalismo, o espaço público e urbano e os problemas da governabilidade.

Por fim como com base em todo o desenvolvimento do trabalho propõem uma estratégia de intervenção para um novo território agregado e projetado.

O quinto caso de estudo que serviu de apoio para a nossa investigação foi a “Operação Lagarteiro. Lagarteiro uma intervenção alicerçada na participação”³⁴ da autora de coordenação Teresa Sá Marques, e restante equipa técnica. Este estudo aborda a Operação Lagarteiro no Porto, com questões no âmbito do direito ao alojamento, emprego, serviços, cultura, qualidade de vida urbana e cidadania.

Analisa o Bairro do Lagarteiro relativamente à zona onde se insere desintegrado da malha urbana, com a fraca eficiência dos transportes públicos, a rede viária de acesso ao bairro, e o isolamento deste bairro em relação à cidade. No âmbito destas questões para o autor foi importante fazer uma breve introdução do trabalho, e demonstrar as metodologias adotadas, a descrição da zona, dados estatísticos, a construção do bairro e respetivas fases de construção, etc.

Foi interessante perceber como articulou diferentes métodos de análise, desde levantamentos/caracterização, inquéritos, diagnóstico, exemplos de casos já estudados, e a participação das populações locais, e como os aplicou na realidade.

³⁴ AA.VV. (2006c), “Operação Lagarteiro. Lagarteiro - Uma intervenção alicerçada na participação”, T. S. Marques (coord.), Lisboa.

Pode dizer-se que foi através da investigação-participação-ação, que se compreendeu a sociedade ao nível das vivências e dinâmicas locais.

Face às grandes questões colocadas foi importante para os autores abordar o diagnóstico em quatro grandes temáticas. A primeira, segundo os autores, a estruturação urbanística e ambiental, engloba a relação do bairro com a cidade, as suas ligações com a envolvente próxima, ao nível de acessos viários, pedonais, transporte públicos, serviços e comércio. Analisam a faixa etária da população residente e também tomam algum conhecimento da população, se estes moradores gostam ou não de viver no bairro e quais os motivos. Engloba questões sobre o espaço público como a requalificação de espaços exteriores como praças, alamedas, jardins e ruas por se encontrarem degradadas, as relações de vizinhança, e a degradação do edificado ao nível construtivo. A segunda grande temática, as competências locais e atividades económicas, refere-se aos fracos níveis escolares obtidos por parte da população adulta e jovem, e ao abandono escolar precoce por parte desta população, sujeitando-se mais tarde a trabalhos pouco qualificados, e ao aumento do desemprego.

A terceira temática refere-se ao desenvolvimento social e cultural como a deficiente perspetiva de futuro, insucesso escolar, a elevada dependência dos subsídios, as fracas relações pessoais que geram violência, a cultura e os modos de vida pessoais. Por último a quarta temática trata da estrutura institucional e parcerias no que toca à “inexistência de base associativa de bairro, existência de instituições com atividade de suporte no bairro, lideranças locais, concertação institucional inexistente, e a necessidade de reforçar e atualizar competências”³⁵.

Por fim os autores fazem uma análise crítica e conclusiva relativamente ao estudo efetuado, e propõem um plano de intervenção com objetivos gerais e específicos indo ao encontro das necessidades analisadas no diagnóstico, como por exemplo “requalificar urbanisticamente o Bairro, promover a qualificação dos alojamentos habitacionais, resolver carências funcionais, melhorar os níveis de mobilidade, dinamizar as redes de relacionamento com a cidade, criar e animar espaços de sociabilidade”³⁶ entre outros objetivos.

³⁵ AA.VV. “Operação Lagarteiro. Lagarteiro - Uma intervenção alicerçada na participação”, T. S. Marques (coord.), Lisboa, pág.24.

³⁶ AA.VV. “Operação Lagarteiro. Lagarteiro - Uma intervenção alicerçada na participação”, T. S. Marques (coord.), Lisboa, pág.3.

Em conclusão todos estes estudos selecionados criteriosamente, contribuíram de forma direta ou indireta para o desenvolvimento do trabalho do Bairro Calouste Gulbenkian (Fig.9). Todos estes casos de estudo têm em comum métodos semelhantes de abordagem aos problemas em que podemos sintetizar, primeiro descrevem no geral o objeto de estudo, definem os seus objetivos a atingir, adotam uma metodologia (levantamentos, informações, documentos, desenhos, parcerias locais etc.). Para o desenvolvimento do trabalho, com base na informação recolhida, executam o diagnóstico, e por fim refletem sobre os prós e contras e apresentam uma proposta, para solucionar o problema.



Figura 9-Bairro Calouste Gulbenkian, Alenquer.

Fonte: Fotografia de Ricardo Farias e Hugo Adriano, Alenquer, 2017.

1.6. Casos de estudo de referência

Um dos casos de estudo que contribui para o desenvolvimento do trabalho foi a intervenção no Bairro Rainha D. Leonor no Porto, popularmente conhecido como bairro das Sobreiras, da autoria da arquiteta Inês Lobo (2005-2013). Este bairro foi construído em duas fases a primeira concluída em 1953 com habitações de dois pisos e a segunda fase concluída em 1955 com cinco edifícios de quatro pisos cada da autoria do arquiteto Luís Almeida d'Eça³⁷. Foi objeto de intervenção recente por parte da arquiteta Inês Lobo e foi abordado na tese de doutoramento de Joana Cravo de Almeida Restivo, que aborda o tema da “Habitação Pública no Porto – Intervir para Requalificar”³⁸. Foi interessante perceber como a arquiteta fez a reabilitação e transformação da primeira fase do projeto convertendo 150 fogos em 90, com base nas alterações tipológicas, alargando e atualizando as áreas conforme a análise do regulamento geral das edificações urbanas (REGEU) e o agregado familiar dos moradores. Mantendo o carácter arquitetónico e a configuração inicial do edificado e dos arruamentos, propondo melhoramentos e arranjos exteriores nos acessos e logradouros.

Segundo a investigação de Joana Restivo, podemos verificar a análise das áreas no projeto original e após a renovação, através de um quadro comparativo de valores em áreas, assim como a partir da apresentação de plantas e alçados com as alterações tipológicas.

Outro fator interessante foi perceber nesta intervenção (2005-2013) da arquiteta Inês Lobo a opção tomada a nível construtivo que foi muito influenciado pelo concurso lançado pela empresa municipal, em que estipulava uma série de cláusulas. Em que relativamente às construções antigas dever-se-ia optar pela conservação das coberturas, caixilharias existentes, peças de cantaria, vedações dos logradouros (alvenaria em pedra) e arruamentos existentes ou semelhantes aos originais. Também as cláusulas do concurso previam o aumento da área útil dos fogos, permitindo assim a transformação de uma tipologia T1 para T2 ou T2 para T3 ou a junção dos fogos por exemplo.

³⁷ RESTIVO, J. C. (2014). Habitação Pública no Porto - Intervir para requalificar. Porto: Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Tese de doutoramento. Pág. 78.

³⁸ RESTIVO, J. C. (2014). Habitação Pública no Porto - Intervir para requalificar. Porto: Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Tese de doutoramento.

O concurso previa também a criação de espaços programados tais como lavandaria, estacionamento e também a requalificação dos logradouros as vedações dos lotes e os espaços exteriores tais como ruas, passeios, espaços verdes e infraestruturas. Com base nas cláusulas mencionadas anteriormente, as opções tomadas a nível construtivo por parte da arquiteta Lobo, foram a “manutenção das coberturas existentes (que haviam sofrido obras de manutenção e reparação em 2002-2003); aplicação de isolamento térmico pelo exterior, vãos exteriores para refazer segundo os existentes, em caixilharia em madeira”³⁹ propondo também “um novo tipo de vão exterior, correspondendo à união de dois vãos-tipo existentes”⁴⁰, permitindo às tipologias transformadas maior iluminação e espaços interiores mais amplos. Nas novas tipologias a junção de dois fogos implicou as demolições das paredes divisórias (Fig.10) recorrendo às vigas metálicas pelo interior para reforçar a estrutura do edifício. Pelo exterior substituir os pavimentos de acesso ao rés-do-chão, varandas e escadas em betão, e no estacionamento, áreas de lazer e logradouros, aplicação de calçada em cubos de granito. Pelo interior da habitação a opção tomada seria colocar paredes em alvenaria de tijolo furado rebocado e estucado para dividir o espaço, na bancada da cozinha a colocação de ardósia, e azulejo vidrado para revestir as instalações sanitárias⁴¹. Nos pisos térreos os tetos seriam rebocados e estucados, e nos primeiros andares seriam aplicadas placas de gesso cartonado.

³⁹ RESTIVO, J. C. (2014). Habitação Pública no Porto - Intervir para requalificar. Porto: Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Tese de doutoramento. Pág.86.

⁴⁰ RESTIVO, J. C. (2014). Habitação Pública no Porto - Intervir para requalificar. Porto: Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Tese de doutoramento. Pág.79.

⁴¹ RESTIVO, J. C. (2014). Habitação Pública no Porto - Intervir para requalificar. Porto: Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Tese de doutoramento. Pág.86.



Figura 10- Decurso das obras no interior da habitação, Bairro D^a Leonor, Porto.

Fonte: Afaconsult, Requalificação do "Bairro Rainha D. Leonor. Disponível em: <<http://www.afaconsult.com/portfolio/21211/92/requalificacao-do-bairro-rainha-d-leonor>>. Acesso em: 15-10-2017.

Nos pavimentos interiores aplicação de soalho em madeira de pinho, e mosaico hidráulico. Pelo exterior a solução da proposta consistia em “manter e recuperar os pavimentos, muros e escadas em granito existentes (...)”, assim como “um novo percurso a uma cota intermédia entre arruamentos existentes de modo a possibilitar o acesso aos fogos do piso superior de uma banda de novas tipologias T1”⁴². Para a restante envolvente foi também proposto o redesenho da praça propondo um equipamento desportivo, e a requalificação dos espaços verdes mantendo a mesma opção de plantação para os logradouros. Também o realojamento das pessoas em bairros próximos antes do decorrer da obra foi importante perceber, isto porque se tratava de obras de grande profundidade, e os recursos habitacionais que o município dispunha não eram muitos. Então foi feita a obra por fases, por exemplo seriam realojadas 40 famílias em bairros na proximidade, enquanto 40 habitações eram renovadas, depois de renovadas seria da vontade das famílias voltarem para a sua antiga casa já requalificada, ou ficar a residir no bairro onde foram realojados, percebe-se pelo estudo de Joana Restivo que 95% das famílias pretendiam voltar. Outro fator importante foi o estudo efetuado através de um inquérito para saber a satisfação dos moradores após as obras de reabilitação, com resultados na maioria muito positivos, no que se refere ao espaço interior com mais áreas na instalação sanitária e sala, boa luz natural, e o espaço apresentar-se mais prático e funcional. O descontentamento de alguns deveu-se ao fato das tipologias T1 e T3 não disponibilizarem espaço próprio de lavandaria como a tipologia T2. E também pelo fato de alguns residentes passarem a habitar um T1 quando anteriormente habitavam um T2. Outra referência também importante para desenvolver este trabalho, é a intervenção na torre Bois-le-Prêtre de Paris em 2005, da autoria dos arquitetos Locaton e Vassal. Esta torre localiza-se em Paris, foi construída em 1959 e finalizada em 1961⁴³ (Fig.11), da autoria do arquiteto Raymond Lopez e alvo de duas intervenções: a primeira em 1990 pela TECTEAM, este edifício sofre uma reabilitação, em que passados os 30 anos, a proposta de reabilitação consistia numa renovação, com “isolamento exterior, segurança, aquecimento, colocando um portão da frente e a renovação das fachadas”⁴⁴, atribuindo assim uma nova imagem ao edifício (Fig.12).

⁴² RESTIVO, J. C. (2014). Habitação Pública no Porto - Intervir para requalificar. Porto: Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Tese de doutoramento. Pág.86.

⁴³ Pavillon de L'Arsenal, Exposition, 2006, Transformation de la tour Bois-le-Prêtre 1959/2006, 5, bd du Bouis-le-Prêtre, Porte Pouchet, 75017, disponível em: http://www.pavillon-arsenal.com/data/expositions_fbcdd/fiche/8530/pav_173_cp_6208a.pdf, Acesso em 5 de Agosto de 2017.

⁴⁴ Pavillon de L'Arsenal, Exposition, 2006, Transformation de la tour Bois-le-Prêtre 1959/2006, 5, bd du Bouis-le-Prêtre, Porte Pouchet, 75017, disponível em: http://www.pavillon-arsenal.com/data/expositions_fbcdd/fiche/8530/pav_173_cp_6208a.pdf, Acesso em 5 de Agosto de 2017.



Figura 11-Tour Bois le Prêtre, França 1959-1961.

Fonte: Photo Raymond Lopez - 1959 [Lacaton & Vassal], in Vitruvius (Em Linha). (Consult. Agosto de 2017). Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4194/pt_BR.



Figura 12-Reforma de 1990 da Tour Bois le Prêtre, França, 1959

Fonte: Locaton &Vassal, in Vitruvius (Em linha). (Consult. Agosto de 2017). Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4194/pt_BR.

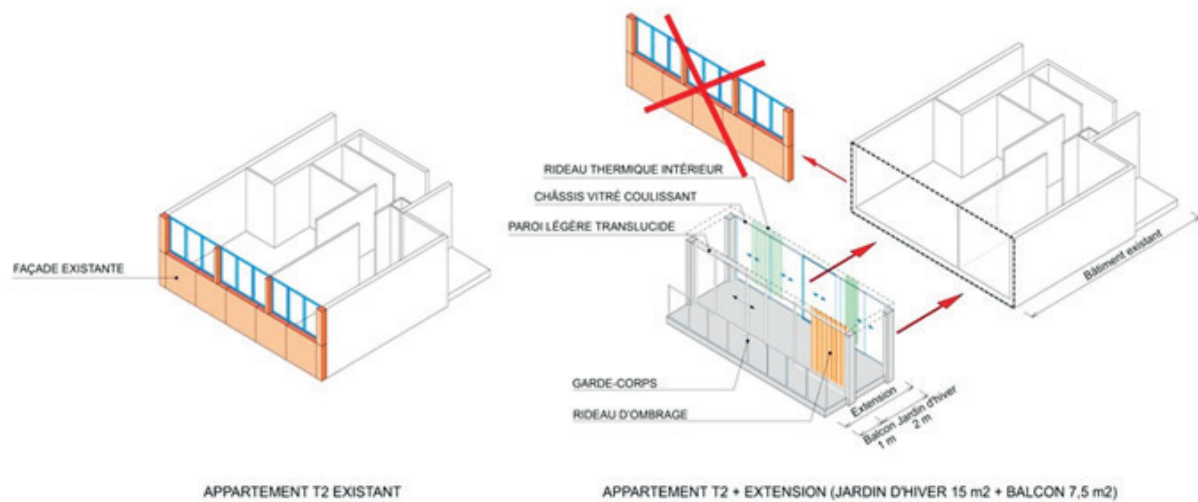
E a segunda em 2005 quando é lançado “um concurso para a transformação do edifício e suas condições de habitação”⁴⁵, entre as propostas apresentadas a concurso a vencedora foi a da dupla francesa Lacaton e Vassal e Druot em que defendiam que uma reabilitação poderia ser menos dispendiosa, de rápida execução e melhor qualidade. A metodologia de trabalho propunha antes de intervir no edificado, primeiro falar com os moradores em conjunto, depois falar com cada família individualmente para perceber as condições de vida e o apego que as pessoas tinham pelas suas casas. Na proposta de intervenção do edificado preservam as estruturas existentes, evitando que os moradores fossem obrigados a sair das suas casas no decorrer das obras. O projeto consistia em ampliar as sacadas, o que aumentava o espaço útil disponível. Adotaram “módulos pré-fabricados que permitiam uma construção rápida, e criaram balcões e jardins de inverno”⁴⁶. (Fig.13)

Para este acréscimo foi atribuído três metros, em que dois são para o jardim de inverno, e um metro para a varanda. Primeiro foram aplicados os módulos à estrutura e, quando estes se estabilizavam, removiam-se as fachadas existentes gradualmente⁴⁷. Estes acréscimos de módulos repetiam-se ao longo da torre constituída por 16 andares, comportando 96 apartamentos. (Fig.14)

⁴⁵ AU, 2012,Edifícios, Projeto de Druot, Lacaton & Vassal contempla inclusão de módulos pré-fabricados em edifício parisiense, disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/217/funcionalidade-sensivel-druot-lacaton-vassal-paris-franca-2005-2012-255667-1.aspx>. Acesso em :05 de Agosto de 2017.

⁴⁶ AU, 2012,Edifícios, Projeto de Druot, Lacaton & Vassal contempla inclusão de módulos pré-fabricados em edifício parisiense, disponível em:<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/217/funcionalidade-sensivel-druot-lacaton-vassal-paris-franca-2005-2012-255667-1.aspx>. Acesso em :05 de Agosto de 2017.

⁴⁷ AU, 2012,Edifícios, Projeto de Druot, Lacaton & Vassal contempla inclusão de módulos pré-fabricados em edifício parisiense, disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/217/funcionalidade-sensivel-druot-lacaton-vassal-paris-franca-2005-2012-255667-1.aspx>. Acesso em :05 de Agosto de 2017.



project: Transformation de la Tour Bois le Prêtre - Paris 17 - Druot, Lacaton & Vassal

Figura 13-Exemplo da aplicação dos módulos pré-fabricados, [Lacaton & Vassal].

Fonte: Vitruvius, Tour Bois Le Prêtre, 2012. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4194/pt_BR. Acesso em: Agosto de 2017.



Figura 14- Depois da reabilitação, "Jardim de Inverno".

Fonte: Domus, Intelligent architecture for current times, 2012. Disponível em: <http://www.domusweb.it/en/architecture/2012/02/03/intelligent-architecture-for-current-times.html> .Acesso em: Agosto de 2017.

Estes módulos são independentes do edifício principal, e são concebidos a partir de colunas metálicas, e com piso misto de aço e betão⁴⁸. Pelo interior renovam os espaços mais críticos como as instalações sanitárias, instalações elétricas, canalizações, cozinhas, melhoram também os espaços de uso comum, como os acessos verticais elevadores e caixas de escadas, e halls de entrada. Esta solução de reabilitação é interessante estudar e perceber pelo facto de se poder manter o edifício sem ter que demolir garantindo a mesma qualidade de construção. Também se consegue dar uma nova imagem mais contemporânea. Com estes módulos pré-fabricados melhoram-se as áreas de habitação, e ao recorrer aos vãos envidraçados consegue-se mais luminosidade, ventilação, e conforto aos espaços de habitação. Por outro lado, este tipo de intervenção permite uma solução muito mais económica do que demolir e voltar a construir (Fig.15).



Figura 15- Torre Bois le Prêtre, França, edifício depois da reabilitação.
Fonte: Domus, Intelligent architecture for current times, 2012. Disponível em: <http://www.domusweb.it/en/architecture/2012/02/03/intelligent-architecture-for-current-times.html>. Acesso em: Agosto de 2017.

⁴⁸ AU, 2012, Edifícios, Projeto de Druot, Lacaton & Vassal contempla inclusão de módulos pré-fabricados em edifício parisiense. Disponível: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/217/funcionalidade-sensivel-druot-lacaton-vassal-paris-franca-2005-2012-255667-1.aspx>. Acesso em :05 de Agosto de 2017.

1.7. Enquadramento histórico do Bairro Calouste Gulbenkian

Em 1967, na madrugada do dia 25 para 26 de novembro as chuvas intensificaram-se na região de Lisboa provocando inundações e causando centenas de vítimas e milhares de desalojados.

Os concelhos da grande Lisboa mais afetados foram- Loures (e Odivelas), Vila Franca de Xira e Alenquer⁴⁹.

“Ao terceiro dia, o DN dá conta na primeira página da visita do chefe do Estado às “povoações martirizadas” e chamou-lhe “peregrinação dolorosa”. Américo Thomaz, “que tinha bem vincada no rosto a emoção”, inquiriu “a todos da tragédia que estavam a viver e procurou passar mensagens de esperança”⁵⁰.

Perante o regime Salazarista, não dando a devida importância em auxiliar os sobreviventes, a comunidade estudantil universitária decidiu intervir, tentando minimizar o desastre, prestando auxílio a todos os desalojados, gerando um movimento de solidariedade, que atravessava fronteiras, recebendo mais tarde ajudas do estrangeiro, por parte do governo britânico, italiano, francês, etc⁵¹. Assim como entidades portuguesas como exemplo a Fundação Gulbenkian, entre outras⁵².

Apesar disso, e dada a gravidade da situação, foram disponibilizadas verbas por parte do governo. Segundo o Diário do Governo, a 17 de fevereiro de 1968, através dos decretos de lei nº48 240, “ Autoriza o Ministro das Finanças a inscrever as verbas necessárias no orçamento em vigor, como despesa extraordinária, para ocorrer à satisfação dos encargos provenientes da reparação dos estragos causados pelas inundações na zona de Lisboa em novembro de 1967”.

⁴⁹ Diário de Notícias,2007, Nunca choveu tanto como em 67.Disponível em:<<http://www.dn.pt/dossiers/cidades/inundacoes-em-portugal/noticias/interior/nunca-choveu-tanto-como-em-67-1042067.html#>>. Acesso em: 05 de Fevereiro de 2017.

⁵⁰ Diário de Notícias, 2014, A tragédia provocada pelas cheias de 1976-Disponível em:<<http://150anos.dn.pt/2014/09/29/a-tragédia-provocada-pelas-cheias-de-1967/>>. Acesso em :05 de Fevereiro de 2017.

⁵¹ Diário de Notícias,2007, Nunca choveu tanto como em 67.Disponível em:<<http://www.dn.pt/dossiers/cidades/inundacoes-em-portugal/noticias/interior/nunca-choveu-tanto-como-em-67-1042067.html#>>. Acesso em: 05 de Fevereiro de 2017.

⁵² Alberto Santos, 2015, Alenquer 25 de Novembro de 1967. Disponível em:<<https://saladainquietacao.wordpress.com/2016/01/13/alenquer-25-de-novembro-de-1967/>>. Acesso em :05 de Fevereiro de 2017.

E o DL. nº 48 241, art.1º refere “a favor das obras públicas, um crédito especial da quantia de 55 000 000\$” assim como outros investimentos ao abrigo do art.º 124.º «Despesas resultantes do Decreto-Lei n.º 48 240, de 17 de Fevereiro de 1968»:

- 1) «Para trabalhos em linhas de água, a executar pela Direção Geral dos Serviços Hidráulicos»;
- 2) «Para obras de infraestrutura urbanística a executar nos bairros de realojamento definitivo, a executar pela Direção Geral dos Serviços de Urbanização»;
- 3) «Para obras a executar em colaboração entre a Direção Geral dos Serviços de Urbanização e as câmaras municipais dos concelhos limítrofes de Lisboa»⁵³.

No contexto em que a região de Lisboa se encontrava atravessando um período de perdas, luto e miséria a Fundação Gulbenkian generosamente “contribuiu com uma verba de 50.000\$00, exclusivamente destinada ao realojamento dos desalojados; a 1.ª fase do Plano de Realojamento dos Sinistrados contempla Odivelas, Mealhada, Sacavém, Venda Seca, Arruda dos Vinhos e Alenquer, e a 2.ª fase, Castanheira do Ribatejo, Alverca, Vialonga, Quintas, Adanaia, Povos e Alhandra;”⁵⁴.

Face à doação de Jorge da Cunha e Carmo dos terrenos do Alto Cardal⁵⁵ e do financiamento por parte da Fundação Calouste Gulbenkian, foi possível construir as habitações, e arrancar com o projeto do Bairro Caluste Gulbenkian.

Propondo dois blocos de habitação horizontal, de três pisos cada, o projeto incluía um bloco mais a sul comportando 18 fogos e respetivas caves e o bloco mais a norte simplesmente 18 fogos sem caves, perfazendo um total de 36 fogos. Com o custo médio por fogo de 97.440\$00, e o valor de empreitada pelos fogos de 3.508.400\$00⁵⁶.

⁵³ Diário do Governo, Ministério das Finanças: Dec. Lei n.º 48 240 e Dec. Lei n.º 48 241, Fevereiro de 1968.

⁵⁴ SIPA, 2010, Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer, Portugal Lisboa, Alenquer, União das freguesias de Alenquer (Santo Estevão e Triana), disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29293. Acesso em :05 de Fevereiro 2017.

⁵⁵ Alberto Santos, 2015, Alenquer 25 de Novembro de 1967, disponível em: <https://saladainquietacao.wordpress.com/2016/01/13/alenquer-25-de-novembro-de-1967/>. Acesso em :05 de Fevereiro de 2017.

⁵⁶ Consulta do Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

A cargo do empreiteiro João da Costa Riscado, com prazo de execução dos fogos de 330 dias, com data de adjudicação a 23 de março de 1968, e data de conclusão a 16 de fevereiro de 1969 o projeto foi construído. Além do projeto dos dois blocos de habitação o tratamento da envolvente consistia na arborização e ajardinamento (Fig.16) com estimativa de custo de 40.000\$00, e um equipamento destinado ao parque infantil de 50.000\$00⁵⁷.

Segundo as cadernetas prediais urbanas, fornecidas pela Câmara Municipal de Alenquer, verifica-se que o Bairro Calouste Gulbenkian estaria ao abrigo do Fundo de Fomento da Habitação (FFH).

Este fundo foi criado na década de 60, pela necessidade que houve em combater o défice de habitação existente no país. “É então perspetivada a construção de quase 50 mil fogos, sendo para isso criado o Fundo de Fomento da Habitação (FFH), entidade que tinha como principal objetivo a promoção direta de habitação social para arrendamento a estratos sociais desfavorecidos.”⁵⁸ Para se efetuar as peças desenhadas, foi necessário recorrer ao arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, visto que esta entidade doou parte do dinheiro para a construção do projeto, faria sentido consultar este arquivo. Ao consultar-se o arquivo, este continha muita informação necessária para progredir com o trabalho, desde a memória descritiva e justificativa, caderno de encargos e desenhos-tipo de plantas cortes e alçados, expeto pormenores construtivos.

⁵⁷ Consulta do Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

⁵⁸ IHRU, 2017, Resumo Histórico, disponível em: https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/_Resumo_historico.html>. Acesso em: 13 de Maio de 2017.

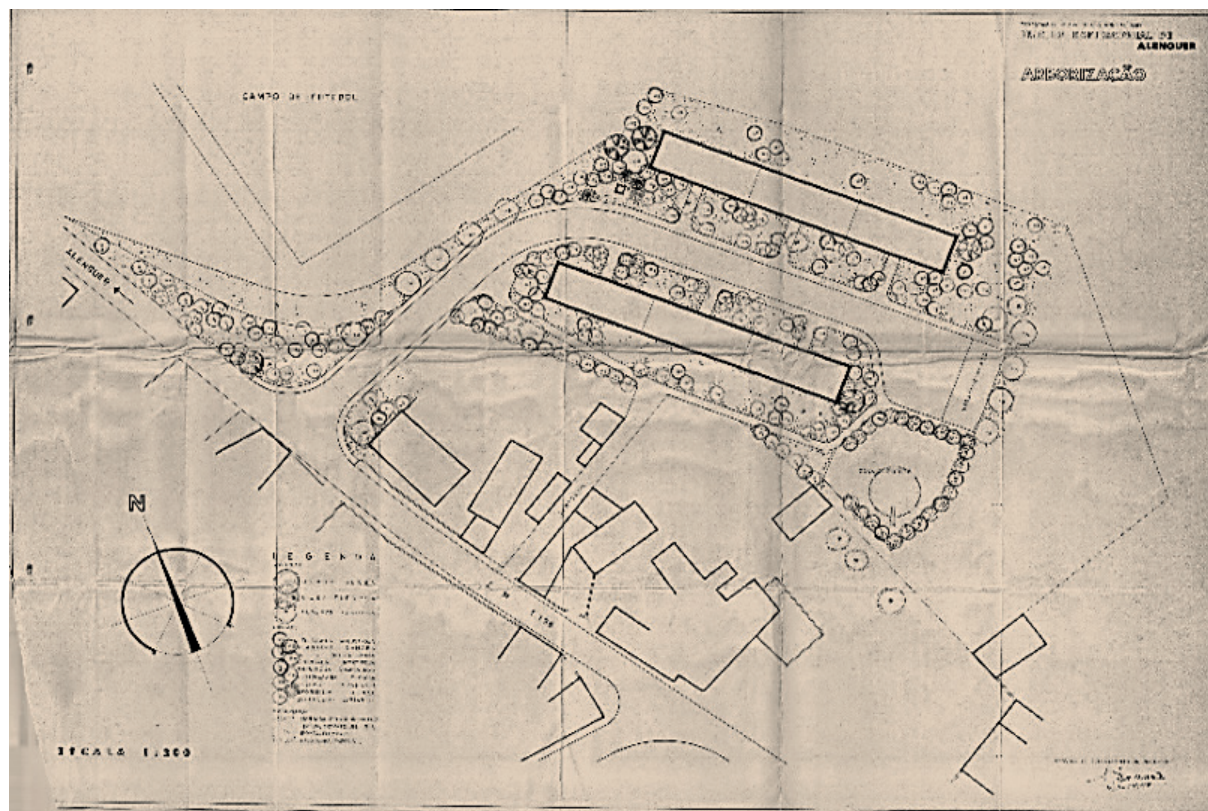


Figura 16-Bairro Calouste Gulbenkian, Alenquer
 Fonte: Câmara Municipal de Alenquer, 1967.

Capítulo II

Descrição geral do Bairro

Posto isto foi pedida a autorização e foram fotografados todos os desenhos no arquivo e mais tarde reproduzidos digitalmente. Após a conceção gráfica digital visitou-se o Bairro Calouste Gulbenkian e fez-se um levantamento do existente para confirmar se todo o projeto original correspondia ao construído.

As peças desenhadas foram neste campo essenciais para assinalar as alterações que existiram entre o projeto proposto o construído e as alterações feitas pelos moradores. Tendo em conta que o projeto original só apresentava plantas, cortes e alçados-tipo correspondentes a um dos blocos mais a norte, teria de se verificar presencialmente e registar se o bloco mais a sul teria as mesmas características o que não se verificou. Assim sendo, sem as peças desenhadas seria impossível comparar e avaliar com detalhe o bairro em estudo e registar alterações feitas pelos moradores às fachadas do edifício, assim como problemas de construção e respetivas anomalias.

2.1. Localização

O Bairro Calouste Gulbenkian situa-se na área metropolitana de Lisboa, na zona de Paredes (Fig.17) parte poente do aglomerado urbano de Alenquer, em terreno doado à Câmara Municipal de Alenquer com esse objetivo.



Figura 17- Ortofotomapa de Alenquer, localização do Bairro Calouste Gulbenkian, 2017.
Fonte: Caderno de turma ARE3-4

2.2. Acessibilidades

O acesso ao bairro faz-se de duas maneiras: de automóvel ou a pé. O acesso de automóvel faz-se através de uma via que separa os dois blocos e termina num impasse. O bairro não é servido de estacionamento privativo, dadas as circunstâncias os habitantes acedem mais facilmente a pé uma vez que o acesso automóvel é condicionado.

O acesso pedonal é mais simplificado, existe uma passagem entre casas, da rua principal para o bairro, e ainda um caminho em terra batida efetuado pelas pessoas, de passagem direta às escolas, pavilhões, serviços e comércio(Fig.18).

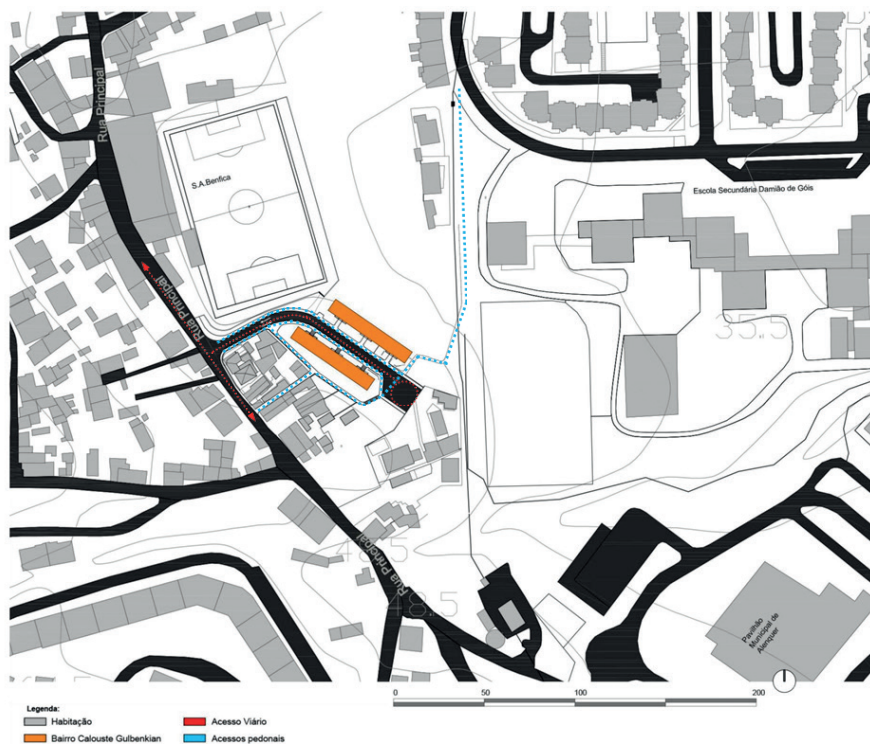


Figura 18- Planta de acessibilidades
Fonte: Desenho da autora, a partir das plantas da Câmara Municipal de Alenquer, 2016.

2.3. Evolução da malha urbana de Alenquer

Se olharmos para a cartografia do passado de Alenquer em 1927 (Fig.19), constatamos que os primeiros assentamentos urbanos da vila se dão junto a uma linha de água, mais conhecida pelo Rio de Alenquer. O povoamento foi aí se alojando devido à presença de três grandes indústrias: a Fábrica de Papel fundada por decreto de 15 de julho de 1802 e com construção iniciada a 14 de março de 1803⁵⁹, a Fábrica da Romeira (Lanifícios -1872), e a Fábrica da Chemina (Lanifícios-1889) inaugurada em junho de 1890⁶⁰. Estas fábricas foram construídas no período da revolução industrial, junto às margens do rio, e adaptando-se às condições morfológicas do terreno. Este rio com “bom caudal d’água para as diferentes utilizações industriais (força motriz, lavagem dos tecidos, preparo da pasta de papel, etc.), estando próxima do mercado consumidor, fornecedor de matérias-primas e de operários especializados, que era Lisboa”⁶¹, permitiu contribuir para uma maior produção, e desenvolvimento da economia local. O fato de as fábricas empregarem muitas pessoas, a maioria dessas pessoas nasceram e moravam em Alenquer, por isso foram construindo as suas casas perto dos seus postos de trabalho e constituindo família em Alenquer.

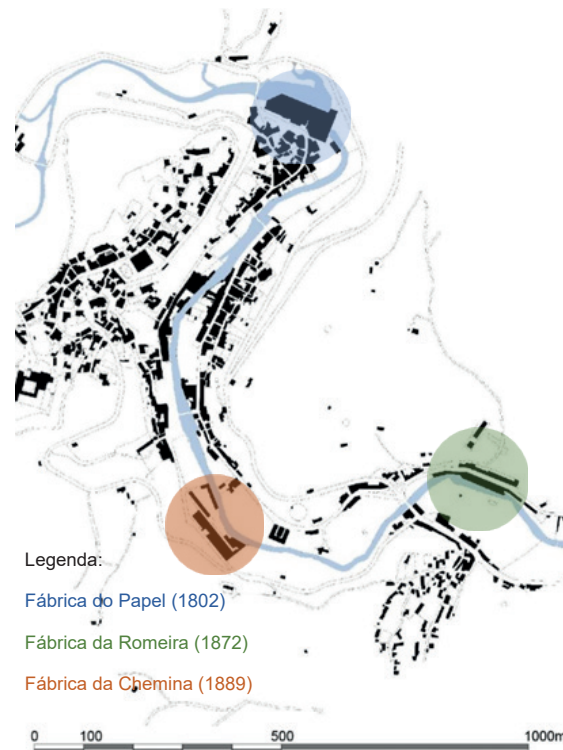


Figura 19-Cartografia de Alenquer de 1927.

Fonte: Câmara Municipal de Alenquer, desenhado por Hugo Lopes Martins, 2016.

⁵⁹ CMA, 2006, Fábrica de Lanifícios da Chemina, disponível em: <http://www.cm-alenquer.pt/Catalogs/listentities.aspx?category=24&page=11>. Acesso em :15 de Maio de 2017.

⁶⁰ CMA, 2006, Fábrica de Lanifícios da Chemina, disponível em: <http://www.cm-alenquer.pt/Catalogs/listentities.aspx?category=24&page=11>. Acesso em :15 de Maio de 2017.

⁶¹ Aldo Paviani, 1968, em: Finisterra-revista portuguesa de geografia, disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>. Acesso em: 13 de maio de 2017. Pág.56.

Em 1937 (Fig. 20) é claramente visível o crescimento demográfico e a malha urbana mais densa junto ao rio. Tendo em conta a morfologia declivosa do terreno, com os preços praticados pelos terrenos no alto da vila, em 1942 (Fig. 20) o assentamento urbano toma uma direção mais a sul, classificada como zona agrícola, onde os terrenos eram mais baratos, e os acessos se davam por caminhos de terra batida.

Se observarmos a cartografia de Alenquer em 1965 (Fig. 21), a vila alta (Paredes) considerada um meio rural onde o assentamento do edificado era aleatório e onde “as casas foram erguidas anárquicamente, ao sabor dos desejos dos proprietários, sem prévia consulta à municipalidade, ou, o que é mais provável, se submetendo ao que pode proporcionar uma topografia hostil à urbanização ou fugindo a terrenos muito valorizados”⁶², resulta num espaço desordenado, onde ruas e ruelas não beneficiaram muitas das vezes de redes de águas, esgotos, e iluminação pública noturna.

Conclui-se então que as pessoas compravam o terreno para construir a sua casa constituída por um rés-do-chão e um primeiro piso conforme o número de filhos, e o seu agregado familiar, mas também deixavam uma outra parte do terreno para cultivar. Mais tarde vendiam essa parte do seu terreno a outras pessoas que quisessem construir a sua casa, cultivar, ou até mesmo doar parte do terreno aos filhos para construir as suas casas junto à casa dos pais. Assim sendo a parte poente de Alenquer, considerada a vila alta foi crescendo formando uma Rua Principal dando origem ao primeiro assentamento de Paredes.

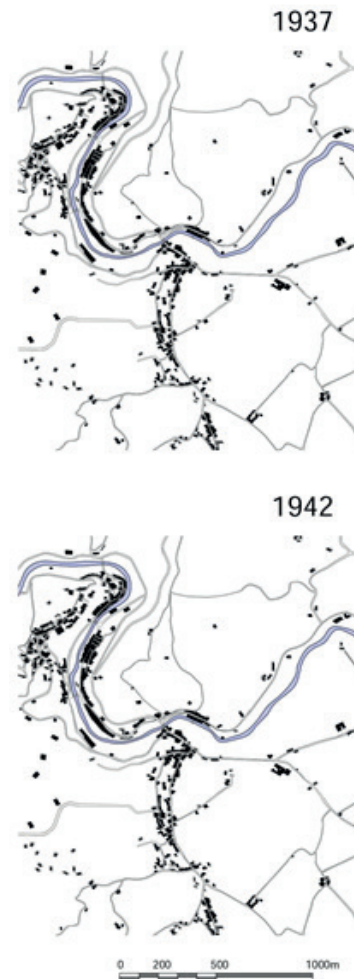


Figura 20- Evolução da malha urbana de Alenquer entre 1937 e 1942.

Fonte: C.M.A, desenhado por Hugo Lopes Martins, 2016.

⁶² Aldo Paviani, 1968, em: Finisterra-revista portuguesa de geografia, disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>. Acesso em: 13 de maio de 2017. Pág.63.

Esta zona de Paredes considerada a vila alta, e a vila baixa de Alenquer nunca foram pensadas como um todo, nunca houve um plano urbano estratégico, pensado para orientar a malha urbana, porque era um local considerado agrícola, e de propriedades privadas. Sempre houve a separação do território, devido à sua morfologia na transição da vila baixa para a vila alta com um declive acentuado, existindo sempre a separação entre as duas.

Em 1967 quando o bairro é construído num terreno agrícola pouco acidentado, com declives na ordem dos 3 a 8%, com algumas linhas de água e com a presença marcante de um aqueduto no sentido sudoeste, verifica-se uma vez mais que não existe o cuidado de integração deste com a envolvente, a malha urbana pré-existente é omitida e cresce sem orientação.

Também pelo facto de o terreno do Alto Cardal ter sido oferecido à Câmara para a construção do bairro, a preocupação focou-se somente em construir para realojar. Dadas as circunstâncias não foi dada a especial importância ao seu contexto social, habitacional e urbanístico. A integração das pessoas na comunidade, a facilidade de transportes públicos, e de estacionamento programado para cada fogo do bloco habitacional, a proximidade de equipamentos são fatores que contribuem para melhor qualidade de vida dos habitantes o que não se verificou em proposta de projeto.

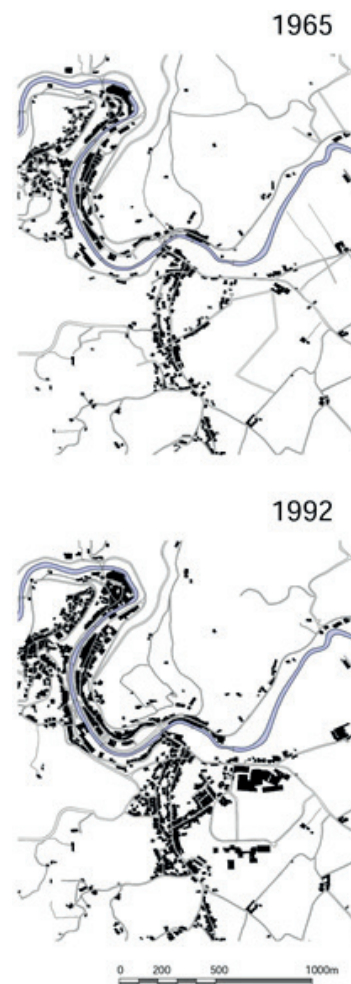


Figura 21- Evolução da malha urbana de Alenquer entre 1965 e 1992.

Fonte: C.M.A., desenhado por Hugo Lopes Martins, 2016

2.4. Relação com a envolvente

O Bairro Calouste Gulbenkian, situa-se relativamente perto do campo de futebol (Sport Alenquer e Benfica) e das escolas básicas e secundária (2º e 3º ciclo Pêro de Alenquer, e secundária Damião de Gois). Também verificamos o fácil acesso ao pavilhão municipal de Alenquer e parque infantil com acesso através da rua principal, e de trajetos pedonais criados pelos residentes da zona e do bairro. Podemos afirmar que são os equipamentos mais dinâmicos da zona de Paredes. À entrada da praça o bairro é servido por um café “Páteo de Alenquer” situado junto à entrada da praça que o serve. Segundo os inquéritos realizados e as visitas aos interiores dos fogos (ver anexo) , as grandes compras mensais são efetuadas na grande superfície comercial no Pingo Doce de Alenquer, que fica a cinco minutos de carro e a 20 minutos a pé, em casos de necessidade deslocam-se às pequenas mercearias mais próximas uma delas situada na Av.Dr.Teófilo Carvalho dos Santos (Minimercado Marina).

Também segundo os inquéritos e as visitas aos fogos, e falando com os moradores do bairro consta-se que, no que toca às relações sociais, a opção é frequentar os espaços em frente às escolas durante a semana porque dispõe de algum comércio (como por exemplo: lojas de roupa, cafés, salão de beleza, mercearias, serviços de limpeza, gás, banco (Crédito Agrícola), seguros, clínica veterinária, oficinas, restaurantes etc.), e é de fácil acesso pedonal. É de notar que ao fim de semana o lazer divide-se entre o campo de futebol o pavilhão e as escolas. Os únicos espaços verdes que podemos encontrar na proximidade além daqueles que rodeiam o Bairro Calouste Gulbenkian é o espaço situado a nordeste do lote, que é privado e utilizado para agricultura. (ver Fig.22)

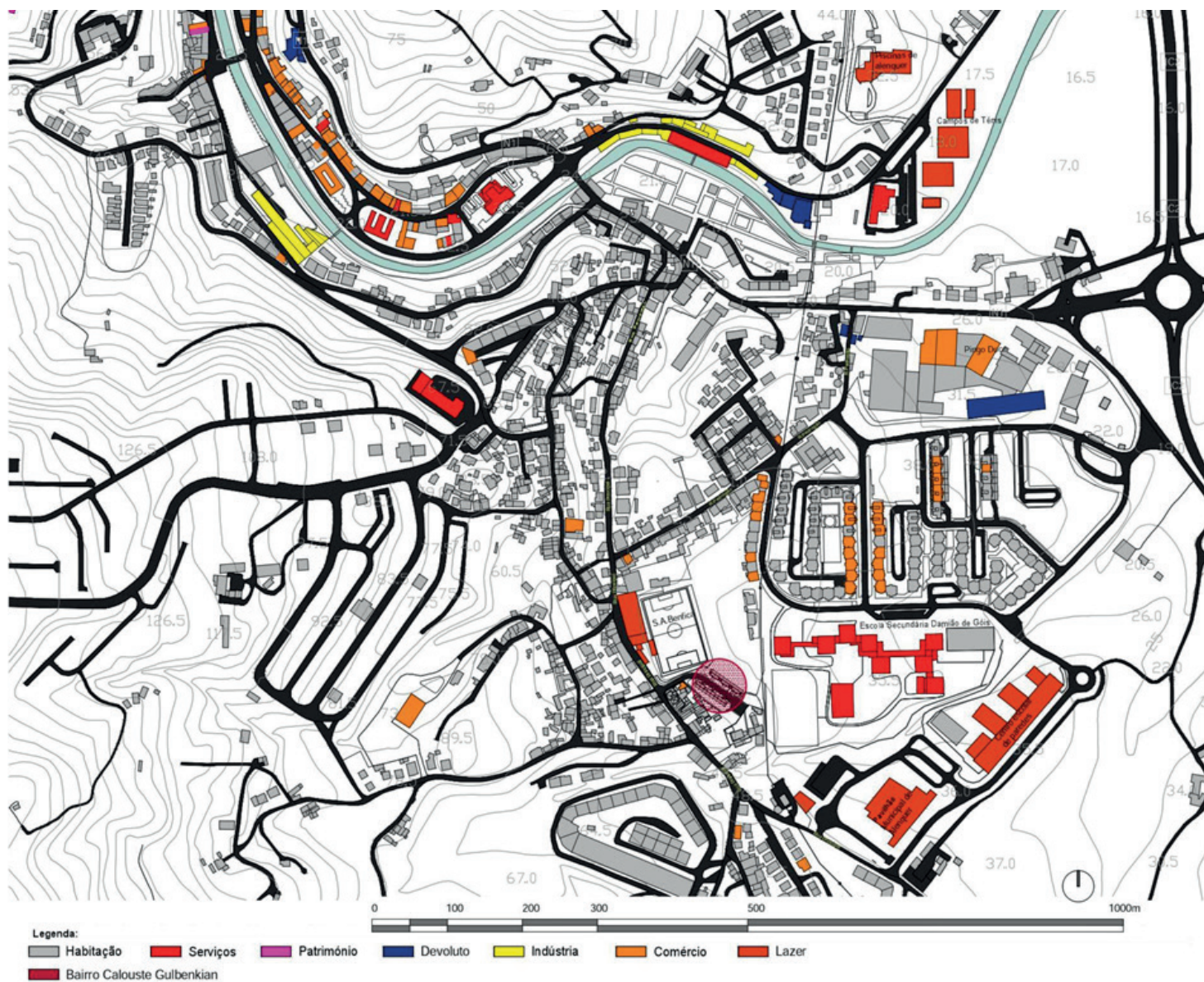


Figura 22-Planta de equipamentos.

Fonte: Desenho da autora, a partir das plantas da Câmara Municipal de Alenquer, 2017.

2.5. Transportes públicos

Os transportes públicos de acesso ao bairro não são muito funcionais. Isto porque na rua principal só passa um autocarro da “Boa Viagem” (linha 10) cuja paragem se situa em frente ao pavilhão “Sport Alenquer e Benfica” que vai em direção ao Carregado (Intermaché).

O acesso aos outros transportes públicos não muito próximos do bairro, uma vez que a paragem de autocarros com mais destinos situa-se em frente à Escola Secundária Damião de Goes, vai em direção a mais destinos entre eles Vila Franca de Xira e Carregado. Esta paragem de autocarros além de fornecer viagem para o Carregado estação (por Guizanderia linha 6) e Carregado Intermaché (linha 10) também fornece viagens para os Casais da Marmeleira (Campera-Linha 28), Abrigada (linha 25) e Torres Vedras (linha 28) etc.

Outra alternativa de transportes situa-se em frente ao Pingo Doce. Aqui existe uma paragem de autocarros que serve muitos destinos entre eles um dos mais frequentes Lisboa, Carregado, Vila Franca de Xira. Se as pessoas do bairro quiserem ir para Lisboa-Campo Grande, tem de fazer 20 minutos a pé do bairro até a paragem de autocarro do Pingo Doce e daí seguir para Lisboa ou apanhar o autocarro para o Carregado estação e apanhar o comboio para Lisboa.

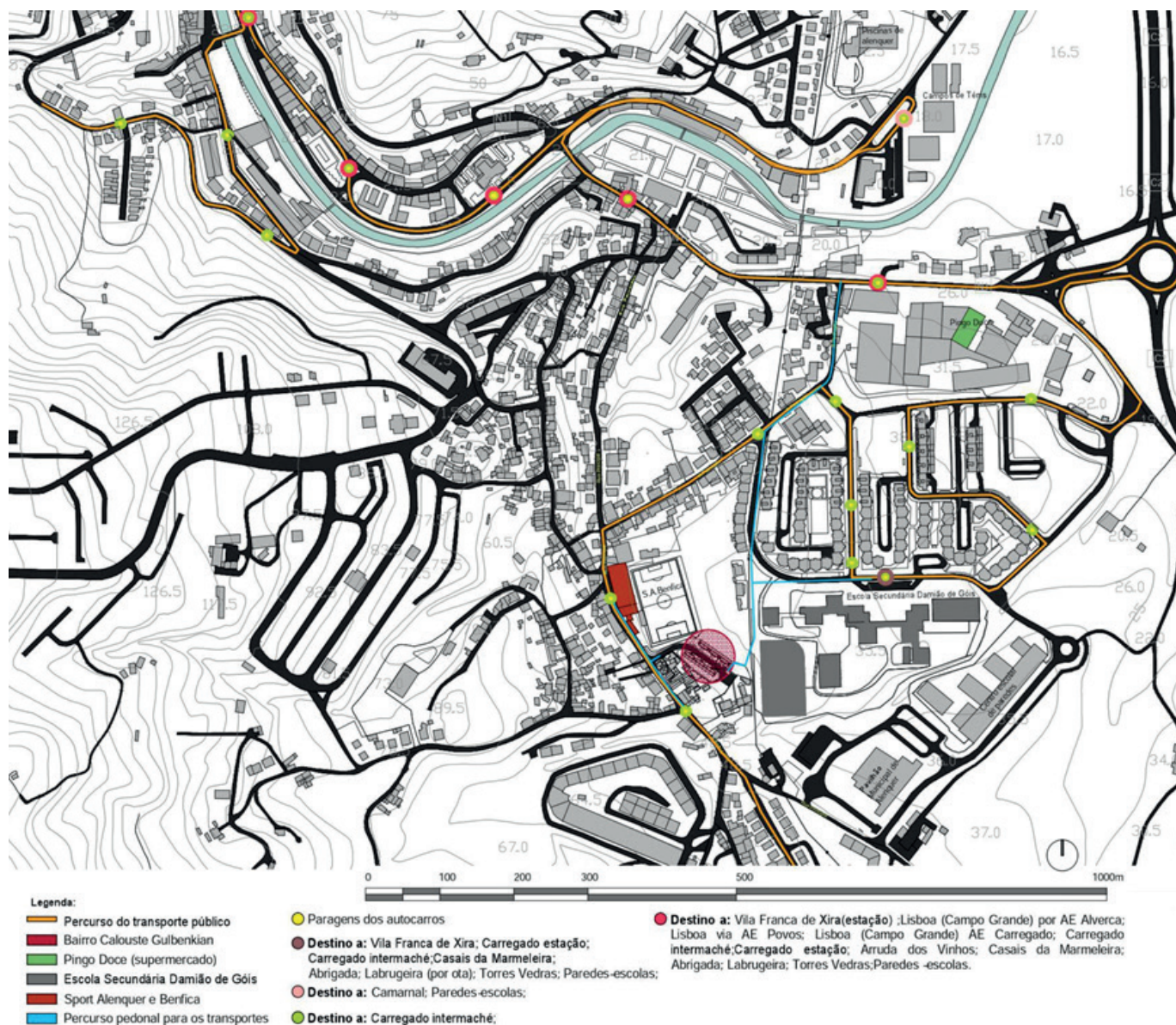


Figura 23- Planta de Transportes públicos em Alenquer.

Fonte: Desenho da autora, a partir das plantas da Câmara Municipal de Alenquer, 2017.

2.6. Composição do lote e tipologia habitacional

O Bairro Calouste Gulbenkian é composto por dois blocos em banda horizontal, com três lotes cada como já foi referido anteriormente. Cada bloco comporta 18 fogos separados por uma rua, com um total de 36 fogos. Segundo a memória descritiva e justificativa do projeto do bairro Calouste Gulbenkian, cada lote (esquerdo/direito) tem uma “área de implantação (bruta)-idêntica para ambos os blocos é de 120m², de que resulta uma área bruta por alojamento (incluindo áreas de comunicações) de 60m². A área habitável/alojamento é de 34,55m², sendo a áreas de serviços, de cerca de 9m². (cozinha mais casa de banho). A área de circulações está reduzida a 2m², e a área de varandas (incluindo a zona de lavagem de roupas/estendal) é cerca de 4, 30m². A área útil global, que corresponde a cada fogo, é assim cerca de 50m²⁶³.

A tipologia das unidades habitacionais é T3, com um programa interior onde se inclui uma sala comum de 10,25m², um quarto principal com 9,00m², dois quartos secundários com 7,65m², uma cozinha com 4,40m², e uma instalação sanitária com 2,55m². As circulações de acesso aos fogos são verticais do tipo esquerdo/direito, seis fogos por cada caixa de escadas.



Figura 24- Planta dos andares.

Fonte: Desenho da autora, a partir dos desenhos consultados no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

⁶³ Consulta da memória descritiva do projeto, no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

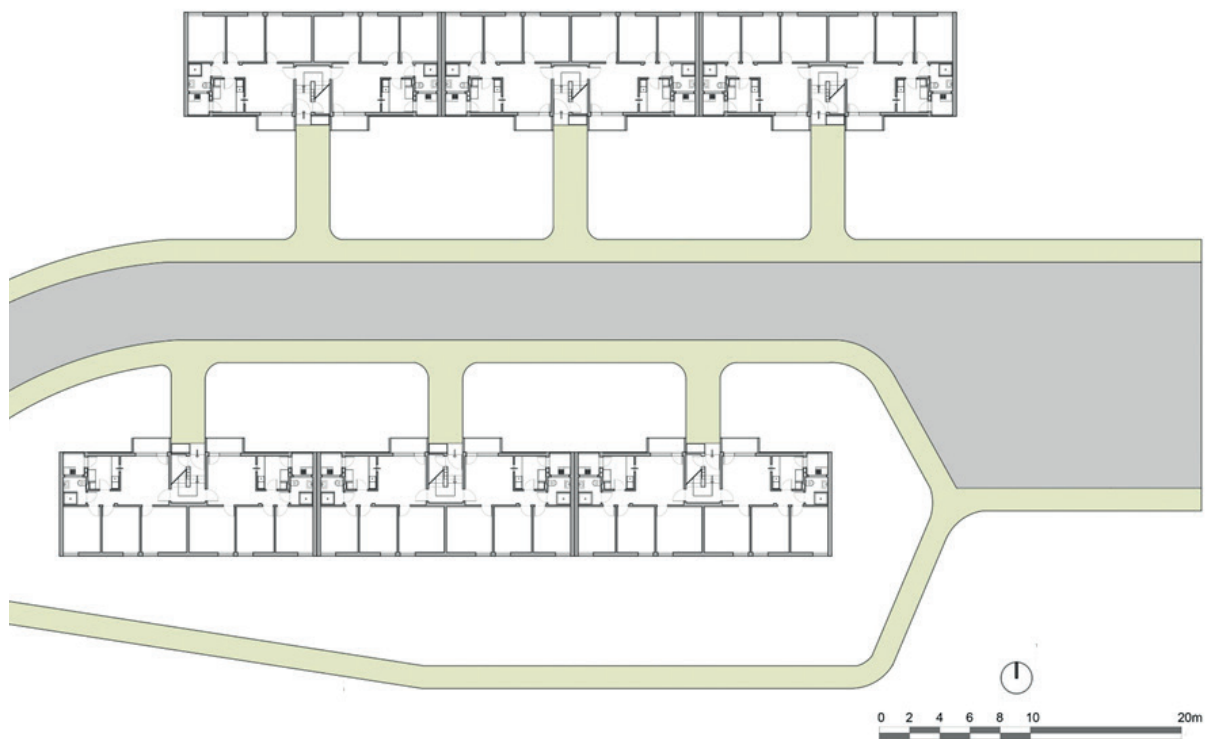


Figura 25-Planta do rés-do-chão dos conjuntos de habitação.

Fonte: Desenhos da autora, a partir dos desenhos consultados no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

2.7. Características gerais para cada lote

Ambos os blocos habitacionais, têm as mesmas características, a nível urbano, o acesso automóvel é feito por uma rua principal, para a praça Calouste Gulbenkian que termina num impasse, ambos os blocos não têm espaço de garagem privativa ou estacionamento programado no exterior, o que resulta num estacionamento em frente aos prédios de um modo aleatório, impedindo a segunda faixa de circulação.

Segundo a memória descritiva do projeto o "bloco mais a norte" (designado por EH-LXII-A) tem as mesmas características habitacionais do outro "bloco mais a sul"(designado por EH-LXII) havendo, contudo, merecido um estudo especial derivado à topografia do terreno de que veio a resultar a concepção de um novo piso (caves) no qual prevê a existência de um grupo de 6 arrecadações por prédio, uma por cada alojamento, com acesso interno a partir da caixa de escada comum"⁶⁴.

O bloco mais a sul dispõe de rés-do-chão, piso 1, piso 2, e cobertura. A fachada principal do edifício está orientada para o sentido nordeste, onde estão dispostas as cozinhas, instalações sanitárias e salas de estar, e na parte traseira voltada para sudoeste, os quartos. O espaço verde em frente a fachada principal encontra-se num mau estado de conservação com a existência de telheiros, gaiolas, hortas etc. Dos residentes que vivem no rés-do-chão, e que se apropriam do espaço verde público. O terreno do espaço verde tem um desnível, as escadas exteriores para vencer esse desnível têm cerca de onze a doze degraus o que dificulta o acesso ao interior da habitação para quem é idoso. Como tive a oportunidade de visitar alguns fogos, verifiquei que estes blocos não contêm caves nem arrecadações, a tipologia das habitações é T3, o acesso ao interior da habitação faz-se por uma caixa de escadas bem ventiladas, tipo esquerdo/direito, que serve seis fogos, e o bloco no total tem três caixas de escadas.

O bloco mais a norte comporta caves/arrecadações, rés-do-chão, piso 1, piso 2, e cobertura. A fachada principal é orientada a sudoeste para onde estão distribuídas as funções de comer, estar, e higiene e a fachada posterior voltada para nordeste, inclui os quartos.

Os espaços verdes em frente à fachada principal deste bloco de habitação encontram-se problemas

⁶⁴ Consulta da memória descritiva do projeto no arquivo Fundação Calouste Gulbenkian.

semelhantes aos do outro bloco tais como: falta de manutenção, limpeza e conservação do espaço verde comum. O terreno deste espaço verde é plano logo facilita a transposição de objetos do interior para o exterior da habitação, tal como mesas/cadeiras velhas, baldes, bidons partidos ao meio com grelhas para fazerem churrascos, lenha etc. que permanecem no espaço por tempo indeterminado até a sua deterioração. O ato de estender a roupa prevalece delimitando o espaço exterior, a criação de telheiros, hortas, e estacionamento de carros/motas etc. A transição no acesso, do exterior para o interior da habitação, faz-se através de uma caixa de escadas e de uma pequena rampa para vencer um degrau, isto porque vivem muitas pessoas idosas neste bairro. À semelhança do bloco anterior, este contém a mesma configuração, mas com um assentamento diferente no terreno. Existem o mesmo número de caixas de escadas, a mesma tipologia habitacional, e a mesma distribuição de funções, mas orientadas em sentidos diferentes.

2.8. Composição construtiva

Segundo a consulta do caderno de encargos do projeto, no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, percebe-se o modo de execução dos trabalhos em que inicialmente foi feito o traçado e piquetagem por parte do empreiteiro, verificado pela fiscalização, se estava de acordo com o projeto. De seguida o procedimento de escavações e movimento de terras como a desmatação do terreno para abertura de caboucos. Os aterros foram formados com terras sem raízes e troncos, com camadas de espessura de 0,20m convenientemente regados e batidos a mão. Os trabalhos “foram encaminhados de forma a facilitar o escoamento das águas pluviais ou de e pequenas filtrações”⁶⁵. Procedeu-se à execução das fundações com sapatas e vigas de travamento em betão armado, e a impermeabilização das fundações constituída por reboco hidrófugo de modo a garantir a estanquicidade das águas.

“Sob ponto de vistas construtivo a solução arquitetónica comporta uma estrutura mista de pilares e vigas, com panos de enchimento a tijolo”⁶⁶ (pelo exterior 25cm, caixa de escadas 15cm e interiores 10cm).

⁶⁵ Caderno de encargos do projeto, arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

⁶⁶ Caderno de encargos do projeto, arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Segundo o caderno de encargos a estrutura da cobertura é constituída por asnas e vigas armadas de madeira aprumadas e travadas entre si pelas madres. “As madres são aplicadas por intermédio de chapuzes fixados por pregos. As ligações das peças que não constituem as asnas, são feitas à meia madeira, não sendo permitido o emprego de peças ligadas topo a topo excetuando a ripa”⁶⁷. A telha lusa foi utilizada para o revestimento da cobertura, e para remate das cumeeiras, assentes com argamassa de cal e areia.

No que diz respeito ao interior das habitações, alguns fogos ainda se mantêm fiéis às construções iniciais como por exemplo, nas salas as paredes são revestidas por reboco com argamassa de cimento, cal e areia com acabamento a tinta branca, os tetos são idênticos às paredes, mas com um acabamento menos áspero, e com os remates de arestas levemente boleados. O pavimento é em tacos de madeira de pinho. Os rodapés são em pinho pintados a tinta esmalte cinza, pregados a tacos embebidos nas paredes.

Na transição da sala para a varanda os caixilhos são de madeira (porta e janelas) as varandas são chumbadas nas lajes, levando um corrimão em madeira pintado a esmalte fixado com parafusos de ferro e todas as peças metálicas são pintadas a tinta de óleo.

Nos quartos, o pavimento e as paredes mantêm o mesmo que na sala. As portas de entrada para os quartos são em madeira, e os vãos das janelas também, contendo estores pelo exterior.

Na cozinha os armários e bancadas são de madeira feitos à medida, o lava-louças é de cantaria de calcário branco, constituída por duas peças pia e escorredouro. Pelo interior a chaminé contém revestimento de pedra lioz amaciada com 5cm de espessura e o pavimento da cozinha é em tijoleira vermelha. A passagem da cozinha para a lavandaria mantém o mesmo pavimento assim como o mesmo acabamento das paredes. Na instalação sanitária o pavimento é revestido de cerâmicos e paredes rebocadas e pintadas a tinta branca mantêm-se o mesmo que o da cozinha, os autoclismos são feitos de fibrocimento com acessórios internos de latão, puxadores de louça e a corrente reforçada em latão cromado assim como torneiras e válvulas.

Exteriormente as fachadas são simples com alguns elementos de valorização nomeadamente as entradas, um portão com batente em ferro, um patamar de entrada em cantaria, completado com caixas de

⁶⁷ Caderno de encargos do projeto, arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

floreira, sendo o seu interior acabado a cimento afagado, e as varandas balançadas, e fachadas com superfícies rebocadas e acabadas a tinta plástica, amarelo e branco. As canalizações para abastecimento de águas quente e fria são constituídas por tubos de ferro galvanizado embebidos nas paredes. É empregue um tubo de chumbo nas ligações as torneiras de segurança, suspensão e contadores⁶⁸. A canalização de água quente parte sempre da chaminé da cozinha (no local indicado em planta) destinado ao esquentador para gás butano. As canalizações para esgotos, assentes em cota inferior à do piso térreo, foram constituídas por tubos e acessórios de grés cerâmico. As restantes, incluindo as prumadas, são em ferro galvanizado. As canalizações dos esgotos foram sendo montadas à medida que as paredes foram subindo, ensaiadas cada vez que se concluiu um piso. Ao longo dos anos, alguns fogos sofreram intervenções por parte dos residentes perdendo o carácter original das construções.

Em algumas visitas efetuadas aos fogos as principais alterações foram ao nível das varandas. Em algumas habitações foram demolidos alguns dos gradeamentos e foram fechadas as varandas com tijolos, aplicando por cima do parapeito caixilharia metálica, ganhando espaço no interior, aumentando assim a área da sala. Noutros casos simplesmente fecharam as varandas com caixilharia metálica.

Outras alterações encontradas nos fogos foram a substituição dos pavimentos das salas, cozinhas e instalações sanitárias por materiais cerâmicos, assim como a alteração nas cozinhas com novas bancadas feitas à medida, e a aplicação de cerâmicos nas paredes junto à lareira. Nas instalações sanitárias também se verificou a alteração do revestimento das paredes com cerâmicos, assim como a inclusão de novos equipamentos sanitários como cabines de duche, lavatórios etc. isto porque anteriormente os duches eram feitos em paredes de alvenaria rebocadas, e acabadas a tinta.

⁶⁸ Consultado na memória descritiva do projeto do bairro Calouste Gulbenkian, no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Capítulo III

Diagnóstico

Face ao estudo previamente efetuado, este capítulo destina-se à realização de um diagnóstico sobre o Bairro Calouste Gulbenkian.

Para se efetuar um diagnóstico, as análises que se desenvolveram “sob diversos pontos de vista abordando aspetos históricos, arquitetónicos e construtivos (...)”⁶⁹ serviram de base para melhor compreender as necessidades de intervenção.

Como anteriormente já foi feita a abordagem histórica, e o “desenvolvimento dos trabalhos preparatórios de informação/reconhecimento destinados a obter uma informação prévia do imóvel e do seu estado de conservação.”⁷⁰, tal como levantamento fotográfico, produção de peças graficamente desenhadas, plantas/cortes/alçados dos amarelos/demolidos e vermelhos/novas construções, visitas ao interior dos fogos será mais fácil detetar a evolução que o edifício sofreu ao longo dos 50 anos e como se encontra o estado de conservação do edificado atualmente.

3.1. Identificação das patologias estruturais e não-estruturais

Como o Bairro Calouste Gulbenkian é constituído por dois blocos habitacionais construídos na década de 60, e padecem as anomalias anteriormente citadas, vamos abordar o diagnóstico por blocos de habitação, porque ambos têm os mesmos problemas, mas em zonas diferentes.

-Bloco mais a norte:

Começamos então pela análise do bloco mais a norte, constituído por caves/arrecadações, Rés-do-chão, primeiro piso, segundo piso e cobertura.

Segundo o relatório do LNEC, fachada a norte (Fig. 26) apresenta nas paredes exteriores fissuras mapeadas superficiais no revestimento do reboco, e o desenho dos blocos de tijolo formados pela variação de cor através da sujidade e microrganismos.

⁶⁹ AGUIAR, J., CABRITA, A. R., & APPLETON, J. (1998). Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais (Vol. 1). Lisboa: LNEC, pág.128.

⁷⁰ AGUIAR, J., CABRITA, A. R., & APPLETON, J. (1998). Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais (Vol. 1). Lisboa: LNEC, pág.128.

Pelo facto de haver fissuras nos panos de alvenaria, de tijolo e manchas de sujidade/fungos pretos, leva a crer que a causa poderá estar na má conceção do material em obra e respetiva aplicação, que mais tarde dará origem à “retração da argamassa de reboco que, restringida pelo suporte, gera tensões de tração”, assim como o “desrespeito pelos tempos de secagem entre as camadas”⁷¹. Além destas fissuras mapeadas nas fachadas a norte, encontramos fissuras superficiais na horizontal junto aos vãos das caves, no rés-do-chão e primeiro piso, dentro dos fogos que tive oportunidade de visitar. As variações climatéricas (temperatura, vento, chuva, sol, radiação etc.) dão origem a erosões, e com o desgaste do revestimento exterior, estas fissuras com o tempo agravam-se e ajudam a desenvolver infiltrações de humidade provenientes do exterior para o interior das paredes manifestando-se nos quartos que estão orientados a norte neste edifício.

Existem vários tipos de humidade entre elas de construção, terreno, precipitação, condensação, humidade devido à higroscopicidade dos materiais e humidade devido a causas fortuitas. Nas caves pelo facto de estarem semi-enterradas e orientadas a norte, a humidade proveniente do terreno (e o tubo de esgoto que passa dentro das caves) afeta as paredes e pavimentos, resultando pelo seu exterior o desprendimento das placas de pedra que revestem todo o seu embasamento, assim como muita colonização biológica (líquenes, algas, fungos etc.) por estar em contacto direto com o terreno. As “águas superficiais ou de águas freáticas tende a ser absorvida e ascender por capilaridade”⁷².

⁷¹ J.SANTOS, A., COELHO, A. B., EUSÉBIO, M. I., RODRIGUES, M., COELHO, L., NASCIMENTO, J., . . . PAIVA, J. V. (Julho de 2010). Cadernos edifícios número 05- Conservação e reabilitação de edifícios recentes. Lisboa: LNEC. Pág.137.

⁷² AGUIAR, J., CABRITA, A. R., & APPLETON, J. (1998). Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais (Vol.2). Lisboa: LNEC. Pág.44.



Figura 26-Alçado Principal Sudoeste (em cima), Alçado Posterior Nordeste (em baixo).
Fonte: Desenho da autora, 2016.

Ao longo do tempo a humidade anomalia não estrutural de carácter geral, manifesta-se com manchas negras (fungos negros e bolores pelo facto da fachada ter pouca exposição solar), formando eflorescências em paramentos interiores e exteriores de paredes, tetos e coberturas, causando o envelhecimento dos materiais mais sensíveis à humidade, e resultando na degradação dos mesmos. Em toda a fachada a norte, é visível, no encontro da laje de piso com a alvenaria de tijolo, o aparecimento de fungos pretos, resultante da falta de impermeabilização dos elementos, ou da má execução da obra, ou ainda a própria incompatibilidade dos materiais.

Nos vãos dos quartos que não foram pintados recentemente pelo exterior, existe manchas de cor laranja, a mancha de fungos é sempre mais acentuada a partir do parapeito e a partir da caixa de estore. Esta manifestação de fungos dá-se pelo facto de haver falta de impermeabilização nos vãos e nas paredes, ou por causa das chuvas ácidas que acelerarem a corrosão e oxidação dos elementos metálicos nos estores. A maioria das caixilharias são de madeira e apresentam elevado desgaste devido ao seu

uso constante. A falta de limpeza e a manutenção periódica assim como as alterações climáticas são os principais fatores que geram o apodrecimento das caixilharias. O facto de serem caixilharias simples, não possuem bom isolamento térmico nem acústico. Como nos vãos, caixas de estore e paredes não existe impermeabilizante, a humidade por precipitação e condensação (interior do edifício, vapores de água) acelera o aparecimento destas anomalias, infiltrando-se nas paredes e manifestando-se com fungos, bolores, cheiros a mofo nos interiores, eflorescências, alterações cromáticas, descamação da pintura etc. A cobertura é composta por uma estrutura de madeira revestida com telha lusa, e algumas destas telhas já se encontram partidas. Como não foram feitos reparos destes elementos afetados, as chuvas causaram infiltrações de água nas paredes, acelerando o processo de anomalias dando origem a humidades constantes, e o possível apodrecimento de alguma madeira na estrutura. É possível também que passados 50 anos, a cobertura apresente índices de insetos xilófagos pelo facto de nunca ter sido submetida a uma vistoria.

A fachada sudoeste deste edifício apresenta alguns fungos pretos na transição de pisos gerando algumas incrustações, mas não tão intensas como na fachada voltada a norte. É de notar a presença de eflorescências e desgaste da pintura provocada pelas humidades, erosões, falta de manutenção dos elementos construtivos como as varandas, os caixilhos de madeira, a limpeza do espaço exterior entre outros.

Neste diagnóstico também é possível constatar as alterações na fachada sudoeste, como por exemplo algumas construções e acrescentos ao edificado feitos pelos próprios residentes, selecionando materiais de baixa qualidade e que por serem os mais baratos do mercado não se ajustam às necessidades. Assim juntando à má execução de obra, estas novas construções apesar de proporcionarem ganhos em termos de espaço no interior das suas habitações, geram mais anomalias na construção do edificado, como por exemplo humidades dentro das salas de estar, mais carga do que a varanda pode suportar, provocando problemas no exterior da habitação, como a agravamento de fissuras. Por outro lado, o não isolamento das caixilharias cria assim mais um problema de humidade dentro e fora da habitação. No interior deste bloco de habitação para além das anomalias encontradas nos quartos orientados a norte como a humidade, a falta de pintura, e dos acabamentos das portas, rodapés etc., outra preocupação são as instalações sanitárias por serem pouco arejadas acabando por ter humidades de condensação. Os vapores ficam retidos nas paredes o que realça o aparecimento de fungos,

bolores e bactérias prejudiciais para a saúde. Com o aparecimento desta anomalia de humidade nas canalizações resultou na queda de alguns azulejos na instalação sanitária.

As cozinhas orientadas para sudoeste, por não beneficiarem de luz natural, nem ventilação direta, criam os vapores da confeção alimentar que acabam por ficar retidos dentro do compartimento, causando o aparecimento de sujidade na parede (gordura da comida), tinta a descamar, e algum apodrecimento do mobiliário fixo como os armários. Na cozinha nos lavatórios de cantaria, a pedra encontra-se desgastada pelo constante uso, assim como pela aplicação de detergentes de limpeza não compatíveis com a pedra que acaba por manchar. Como tive a oportunidade de visitar cinco fogos (ver anexo) apenas dois se mantêm fiéis à construção inicial, os restantes tiveram de substituir elementos como o lava-louças, por este apresentar fendas, fissuras, e alguns cantos da pedra partidos. As canalizações também não são as mais recentes nem apropriadas, e padecem de renovação, tanto nas cozinhas como nas instalações sanitárias e lavandaria. As tubagens de água ao gerar humidade, acabam por afetar alguns armários junto do lava-louças causando o apodrecimento.

O revestimento dos pavimentos na sala e quartos é de tacos de madeira em pinho, mas algumas peças já se encontram soltas, e desgastadas pelo uso e associado à não manutenção do material ao longo do tempo. Em alguns vãos dos quartos e da sala nota-se alguma podridão, pelo facto das caixilharias permitirem infiltrações de água.

Os acessos verticais como são importantes, têm as escadas em pedra devido à durabilidade do material. Neste momento apresentam-se desgastadas devido ao uso por parte dos residentes, a falta de limpeza, as instalações de vasos com plantas em frente às portas das habitações dificultam a passagem entre os lances de escadas. A caixa de escadas é arejada, com contacto direto com o exterior e em cada patim é possível apanhar chuva proveniente do exterior. Verifica-se também que na sua execução em obra alguns degraus não ficaram iguais havendo em alguns casos degraus mais inclinados, e outros com o espelho maior ou menor.

-Bloco mais a sul:

No bloco mais a sul, este é constituído por rés-do-chão, primeiro piso, segundo piso, e cobertura, no entanto, este apresenta a sua fachada principal orientada a nordeste, local mais fresco onde estão distribuídas as cozinhas, lavandarias e salas, e a sudoeste os quartos onde se verifica poucos índices

de humidade. Este bloco de habitação contém as mesmas anomalias do bloco anterior, encontram-se em orientações diferentes. Ou seja, no bloco a norte, a fachada tardo está em contacto constante com a humidade do terreno. Aqui neste bloco por não conter caves não temos anomalias de humidade tão graves como no caso anterior. É importante referir que neste bloco a fachada principal tem anomalias de fissura, micro-fissuras, eflorescências, etc. Mas os residentes fazem mais vezes manutenção no reparo da pintura, e eliminação dos fungos pretos. É também visível a alteração da fachada, através do encerramento da varanda para ganhar espaço no interior resultando em anomalias anteriormente citadas.



Figura 27-Alçado Principal Nordeste (em cima), Alçado Posterior Sudoeste.
Fonte: Desenho da autora, 2016.

A fachada sudoeste, como está mais exposta ao sol, apresenta em alguns panos de alvenaria de tijolo desgaste da pintura devido à erosão, infiltrações de água, a presença de fungos verdes junto ao assentamento do edifício no terreno, (fungos verdes dão-se em ambientes que permite a fotossíntese). No revestimento da pedra no embasamento encontramos algumas lacunas, fissuras, empolamentos, manchas, e placas de pedra solta. Algumas caixilharias já foram substituídas por caixilharias de alumínio, outras mantêm-se, a inicial caixilharia de madeira, mas com elevada degradação, em outros casos verifica-se atos de vandalismos como vidros partidos, paredes grafitadas, etc. Como tive a oportunidade de visitar dois fogos neste bloco de habitação, verifiquei no interior alguns reparos por parte dos residentes, tais como: o pavimento substituído por cerâmicos, a renovação total da cozinha, o acrescento da cozinha, tendo como consequência a ausência total de ventilação direta ou indireta para o exterior, e a aplicação de novos mobiliários na instalação sanitária. Nos quartos voltados a sudoeste, não se verifica muita humidade, como no bloco anteriormente analisado. Também é importante salientar que estes fogos visitados, revelaram um nível de cuidado mais elevado que os anteriormente visitados. Ao nível dos acessos verticais estes blocos de habitação não se encontram aptos para receber pessoas com mobilidade condicionada, nem pessoas idosas. Estes acessos encontram-se no mesmo estado de conservação que o bloco oposto, desgaste das escadas, falta de manutenção e limpeza das paredes, objetos a atrapalhar as passagens nas escadas, etc.

3.2. Estado de conservação das redes (águas, esgotos, eletricidade)

No que diz respeito às redes de gás, o gás usado nas habitações é o gás butano, que alimenta o fogão, e o esquentador (situado na lavandaria porque contem ventilação para o exterior), isto “porque é o único gás engarrafado que se pode armazenar no interior das habitações”⁷³.

As canalizações da água são em tubos de ferro galvanizado, e empregue chumbo nas ligações de torneira. Em ambos os edifícios onde passa as canalizações de água quente e água fria, existe o aparecimento de manchas de ferrugem por baixo do lava-louças, e em algumas instalações sanitárias, por baixo do lavatório. O ruído é notório sempre que se abre uma torneira, e o caudal pouco intenso.

⁷³ IHRU. (2010). Guia Prático da Habitação. Lisboa. Pág.82.

É importante referir que o projeto inicial não veio acompanhado de desenhos da especialidade de redes de águas, esgotos e eletricidade, mas pelo que foi possível verificar na cave do bloco a norte a passagem de um tubo de esgoto cerâmico, não apresentava graves anomalias, mas sim tubagens de mal isoladas.

Como os edifícios foram executados há 50 anos atrás, segundo o caderno de encargos do projeto o material elétrico satisfaz as normas de segurança das instalações elétricas de baixa tensão, conforme o estabelecido no Decreto lei n. °29.782, de 27 de junho de 1939, estando deste modo a rede elétrica desatualizada porque não cumpre os regulamentos atuais.

Em alguns fogos verifica-se a permanência de antenas, e fios elétricos, pelo exterior da habitação. Em conversa com os moradores foi possível saber que existem muitas quebras de tensão na eletricidade, quando estão vários equipamentos em funcionamento, isto deve-se a fraca potência da eletricidade.

3.3. Segurança contra incêndios

Ao analisar estes dois edifícios, deparou-se que as medidas de prevenção e segurança de combate aos incêndios praticamente não existe.

Segundo o LNEC “as instalações elétricas são as maiores responsáveis pela ocorrência de incêndios (mesmo em edifícios que não são antigos)”⁷⁴, assim como a “existência de botijas de gás butano no interior das habitações”⁷⁵, se juntarmos estes dois principais fatores com a circulação em caso de fuga e com os obstáculos nas passagens, compreendemos que o edifício não está preparado para este tipo de situação nem os residentes tem medidas preventivas. A envolvente onde se insere o bairro carece da “insuficiência de uma rede pública de abastecimento de água à qual os bombeiros possam ligar as

⁷⁴ AGUIAR, J., CABRITA, A. R., & APPLETON, J. (1998). Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais (Vol. 1). Lisboa: LNEC. Pág.161.

⁷⁵ AGUIAR, J., CABRITA, A. R., & APPLETON, J. (1998). Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais (Vol. 1). Lisboa: LNEC. Pág.162

suas viaturas de combate e as suas mangueiras⁷⁶. Todas estas questões levantadas são fatores que condicionam a segurança da área urbana onde se insere o Bairro Calouste Gulbenkian.

3.4. Recolha de resíduos

A recolha dos resíduos é feita diariamente nesta zona, através do camião do lixo, alguns dos residentes já criaram o hábito de fazer a seleção do lixo e colocar nos respetivos ecopontos que se encontram ao início da rua e estes estão relativamente próximos. Os ecopontos estão situados à entrada do bairro, para dar apoio ao campo de futebol, cafés e moradias. Os caixotes do lixo comum, estão situados ao fundo da rua do Bairro Calouste Gulbenkian junto à zona do impasse e também a entrada do bairro.

3.5. Funcionalidade do edificado e dos fogos

Quanto a funcionalidade do edificado, este destina-se somente à habitação. Já na organização dos fogos detetamos algumas carências a nível das áreas de habitação. Ou seja, a sala considerada espaço de convívio e lazer poderia ser maior, para juntar todos os elementos do agregado familiar reunir em família etc., assim como uma instalação sanitária capaz de responder às necessidades de pessoas com mobilidade condicionada como se verificou em alguns casos. A falta de espaço para arrumos no interior da habitação e a área de lavandaria ser reduzida e mal gerida poderia ser pensada em conjunto lavandaria e espaço para arrumos.

A cozinha apresenta-se muito isolada com luz natural e ventilação proveniente da lavandaria, a cozinha poderia ser integrada com a sala de estar de modo a ganhar um espaço mais amplo luminoso e arejado proporcionando maior convívio entre as pessoas. O acesso ao interior das habitações não dispõe de qualquer equipamento mecânico, o que torna a vida dos muito idosos que vivem no bairro um obstá-

⁷⁶ AGUIAR, J., CABRITA, A. R., & APPLETON, J. (1998). Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais (Vol. 1). Lisboa: LNEC. Pág.163

culo de deslocação. Poderia se instalar elevadores de modo a permitir maior mobilidade aos idosos e deficientes. É de notar também que no bloco mais a sul não foram pensados espaços para caves, como foi no bloco mais a norte o que faz com que os residentes acumulem todos os seus pertences no interior da habitação, ocupando muito espaço e causando desconforto na arrumação, sugere-se que este bloco contenha também caves para arrumação.

Ambos os edifícios, não possuem qualquer representante ou responsável de condomínio, daí algumas situações não se encontrarem resolvidas por falta de comunicação, e também pelo facto de alguns residentes não terem boas relações de vizinhança. Seria importante que cada bloco tivesse um representante de modo a todos juntos manterem os espaços comuns cuidados.

No espaço exterior a maioria dos residentes apropriam-se do espaço verde para fazer hortas, estender roupa, e ocupar o espaço com lixo e alguns pertences, o que deveria ser limpo replantado e mantido, visto ser um espaço comum. A maioria dos residentes possuem transporte próprio o que cria um inconveniente dada a falta de espaço para o estacionamento. Tendo em conta que à entrada da rua para o bairro Gulbenkian existe um café dever-se-ia propor um estacionamento, respondendo as necessidades dos habitantes do bairro, assim como os clientes que vão ao café, e a todos aqueles que frequentam o campo de futebol.

Conclusões

Em conclusão podemos dizer que em Portugal existem muitos bairro semelhantes ao Bairro Calouste Gulbenkian, a necessitar de intervenção para melhorar as condições de habitação como anteriormente vimos nos casos de estudo do Bairro Lagarteiro, Cova da Moura, Vale da Amoreira, Zona J entre outros.

Também podemos tirar algumas conclusões sobre o levantamento e o diagnóstico do Bairro Calouste Gulbenkian, relativamente ao edificado entre elas a fraca qualidade construtiva associada a inúmeras anomalias, em destaque para as humidades. A falta de conforto térmico, ventilação, iluminação, manutenção e limpeza do interior e exterior dos fogos, que também de alguma forma contribui para a degradação do edificado. A má utilização do espaço exterior e interior, o bloqueio de algumas passagens em caso de emergência, a falta de estacionamento e ainda “a ausência de produtividade, ou seja, de meios que permitam criar receita para a manutenção dos edifícios”⁷⁷, a segurança contra incêndios e falta de reparação das infraestruturas de águas esgotos e eletricidade.

Assim perante o levantamento e o diagnóstico efetuado apresentados acerca do Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer recomenda-se que, seja feita a reparação das inúmeras anomalias identificadas ao longo do diagnóstico como por exemplo os problemas de humidade no edificado, a falta de ventilação e iluminação natural no interior dos espaços, o aumento se possível das áreas de habitação das tipologias T3. É também importante salientar a melhoria nos acessos verticais para pessoas com mobilidade condicionada, assim como as os compartimentos de cozinhas, lavandarias, e instalações sanitárias, pelo mau estado de conservação em que se encontram ao nível de canalizações, gás e eletricidade e esgotos. Importa também referir que o espaço exterior é um espaço de convívio e lazer para alguns residentes do bairro, sugere-se que assim se dê a devida importância para solucionar os problemas de estacionamento tanto para os residentes do bairro como para as pessoas que vão ver os jogos de futebol. A melhoria nos acessos pedonais, é também indispensável visto que, o espaço envolvente carece de melhores acessos, para maior integração ao nível urbano.

⁷⁷ MADEIRA DA SILVA, T., ALVES, P. M., MAGALHÃES, M. V., & DE OLIVEIRA, M. J. (2011). Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no Edificado. *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.22, pp.82-98.

Bibliografia

AA.VV. (2006). “Operação Lagarteiro. Lagarteiro - Uma intervenção alicerçada na participação”, T. S. Marques (coord.). Lisboa.

AA.VV. (2006). “Iniciativa Bairros Críticos, Operação Vale da Amoreira, Diagnóstico”, Vale da Amoreira: GAT.

AA.VV. (2006). “Operação Cova da Moura, Iniciativa Operação de Qualificação e inserção Urbana em Bairros Críticos”, Volume I-Diagnóstico, in J. Malheiros (coord. geral). Lisboa.

AGUIAR, J., CABRITA, A. M., & APPLETON, J. (1994). Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais. LNEC.

AGUIAR, J., CABRITA, A. R., & APPLETON, J. (1998). Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais (Vol. 1 e 2). Lisboa: LNEC.

AILMEIDA, P. (1994). Habitação : A Produção de um Conceito (Sociedade e Território, nº20, Ed. Afrontamento ed.). Porto.

ARÍS, C. M. (2000). Las formas de la residencia en la ciudad moderna. Barcelona: UPC.

COELHO, A. B. ((2006) 1984 - 2004). 20 Anos a promover a construção de habitação social. Instituto Nacional de Habitação.

COELHO, A. B. (2003). ITA 9 - Habitação evolutiva e adaptável. Lisboa: LNEC.

GROS, M. C. (1994). «Pequena História do Alojamento Social em Portugal», in: Sociedade e Território, nº20,. Porto: Afrontamento.

GUERRA, I. (1997). Um Olhar Sociológico Sobre o Alojamento, in: Sociologia, Problemas e Práticas, nº24. Lisboa.

IHRU. (2010). Guia Prático da Habitação. Lisboa.

J.SANTOS, A., COELHO, A. B., EUSÉBIO, M. I., RODRIGUES, M., COELHO, L., NASCIMENTO, J., . . . PAIVA, J. V. (Julho de 2010). Cadernos edifícios número 05- Conservação e reabilitação de edifícios recentes. Lisboa: LNEC.

LNEC. (2008). “Colaboração do LNEC na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das Necessidades de Reabilitação do Edificado. Relatório Síntese”. Lisboa.

MADEIRA DA SILVA, T., ALVES, P. M., MAGALHÃES, M. V., & DE OLIVEIRA, M. J. (2011). Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no Edificado. Cidades, Comunidades e Territórios, n.22,pp.82-98.

Normas técnicas para projecto de edifícios de habitação (2ª EDIÇÃO ed.). (1995). LISBOA: LNEC.

PEREIRA, L. V. (1983). Metodologia dos inquéritos à habitação urbana (MEMÓRIA N.º602 ed.). LISBOA: LNEC.

PEREIRA, L. V., & GAGO, M. A. (1983). O uso do espaço na habitação (2ª ed.). Lisboa: LNEC.

PORTAS, N. (1999). Funções e exigências das áreas da habitação. Lisboa: LNEC.

RESTIVO, J. C. (2014). Habitação Pública no Porto - Intervir para requalificar. Porto: Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Tese de doutoramento.

Sites eletrónicos:

Alberto Santos, 2015, Alenquer 25 de Novembro de 1967. Disponível em:<<https://saladainquietacao.wordpress.com/2016/01/13/alenquer-25-de-novembro-de-1967/>>. Acesso em :05 de Fevereiro de 2017

Aldo Paviani, 1968, em: Finisterra-revista portuguesa de geografia. Disponível em:< <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2512/2140>>. Acesso em: 13 de maio de 2017

Alexandra de Carvalho Antunes, Abraham Araújo, 2011, Conservação do Património-Companhia de Lanifícios da Chemina. Disponível em:< http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev50_Artigo%2017.pdf >. Acesso em: 13 de maio de 2017

António Baptista Coelho,2010, Revista semanal sobre o habitat humano-fohohabitar- Como fazer novos alojamentos e refazer os que foram malfeitos- fohohabitar 296. Disponível em:<<http://fohohabitar.blogspot.pt/2010/05/como-fazer-novos-realojamentos-e.html>>. Acesso em: 19 de março de 2017.

António Baptista Coelho, 2010, Revista semanal sobre o habitat humano- infohabitar- Melhor Habitação com Melhor Arquitectura II: a Acessibilidade - Infohabitar 291. Disponível em: < http://infohabitar.blogspot.pt/2010_03_01_archive.html#>. Acesso em: 19 de março de 2017.

António Fonseca Ferreira, 2011, Anos 1970/1980 do Fundo de Fomento de Habitação ao Instituto Nacional de Habitação. Disponível em : <<http://fonsecaferreira.pt/discurso-directo.html>>. Acesso em: 19 de Março de 2017.

António Fonseca Ferreira, 2012, Regeneração: Novo paradigma e prioridade das políticas urbanas. Disponível em: <<http://fonsecaferreira.pt/discurso-directo.html>>. Acesso em: 19 de Março de 2017.

Antunes, Joel Junqueira, 2011, Projeto de Requalificação Urbana dos Bairros de Génese Ilegal das Galinheiras e dos Fetais, dentro do tema das novas Centralidades, Resumo alargado. Disponível em: <<https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395143164259/Resumo%20alargado%20PT.pdf>> Acesso em 18 mar.2017.

AU, 2012, Edifícios, Projeto de Druot, Lacaton & Vassal contempla inclusão de módulos pré-fabricados em edifício parisiense. Disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/217/funcionalidade-sensivel-druot-lacaton-vassal-paris-franca-2005-2012-255667-1.aspx>. Acesso em :05 de Agosto de 2017.

Câmara Municipal de Alenquer, 2006, Fábrica de Lanifícios da Chemina. Disponível em: <http://www.cm-alenquer.pt/Catalogs/listentities.aspx?category=24&page=11>. Acesso em :15 de Maio de 2017.

Câmara Municipal de Alenquer, 2006, PDM-Documentos do processo de revisão. Disponível em: <<http://www.cm-alenquer.pt/plataforma/home/ListaDocsPublicosUI.aspx>>. Acesso em: 05 de Fevereiro de 2017

Carreiras, Marina Gaboleiro- A integração socioespacial dos bairros de habitação social: um estudo da situação na Área Metropolitana de Lisboa, 2015, Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Gestão do Território e Urbanismo Especialização em Ordenamento do Território e Urbanismo. Universidade de Lisboa Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Disponível em : <file:///C:/Users/melin/Downloads/igotul005736_tm.pdf>. Acesso em: 28 de Maio de 2017.

Diário de Notícias, 2014, A tragédia provocada pelas cheias de 1976. Disponível em: <<http://150anos.dn.pt/2014/09/29/a-tragedia-provocada-pelas-cheias-de-1967/>>. Acesso em :05 de Fevereiro de 2017.

Diário de Notícias, 2007, Nunca choveu tanto como em 67. Disponível em: <<http://www.dn.pt/dossiers/cidades/inundacoes-em-portugal/noticias/interior/nunca-choveu-tanto-como-em-67-1042067.html#>>. Acesso em: 05 de Fevereiro de 2017.

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2009, Reabilitação de edifícios, As Patologias Mais Frequentes e as Técnicas de Reabilitação de Edifícios. Disponível em: <https://paginas.fe.up.pt/~projfeup/cd_2009_10/relatorios/R201.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2017.

Ferreira, Leonardo Machado - Possíveis causas e soluções para fissuras em fachadas com revestimento argamassado em edifícios de formosa-go-estudo de caso, 2014, Trabalho de Conclusão de Curso Engenharia Civil do UniCEUB - Centro Universitário de Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.uni-ceub.br/bitstream/235/6362/1/20914843.pdf>>. Acesso em: 28 de maio de 2017.

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) ,2016, Planos Integrados. Disponível em:<<https://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/habitacao/planeamento/planos.html>>. Acesso em :8 de Fevereiro de 2017.

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), 2016, Portal da habitação-Habitações a custos controlados. Disponível em:<https://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/programas_de_financiamento/custoscontrolados.html> Acesso em:13 de Junho de 2017.

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), 2017, Resumo Histórico. Disponível em :<https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/_Resumo_historico.html>. Acesso em: 13 de Maio de 2017.

MADEIRA da SILVA, Teresa; ALVES, Pedro Marques; MAGALHÃES Miguel Vasconcelos; OLIVEIRA, M. João ,2011, Edifícios de Habitação Social: Diagnóstico e Cenários de Intervenção no edificado. CIDADES, Comunidades e Territórios, n.22, pp. 82-98. (ISSN: 2182-3030). Disponível em: <<http://cidades.dinamiacet.iscte-iul.pt>>. (indexação: Latindex).

Melo, Inês Quental - O Mercado de Arrendamento Principais Oportunidades e Fragilidades face ao Mercado de Habitação Própria, 2009, Dissertação para obtenção de grau de Mestre em engenharia do

território. Instituto Superior técnico, Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em:<<https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395139430560/dissertacao.pdf>>. Acesso em: 11 de Junho de 2017.

Pavillon de L'Arsenal, Exposition, 2006, Transformation de la tour Bois-le-Prêtre 1959/2006, 5, bd du Bouis-le-Prêtre, Porte Pouchet, 75017. Disponível em:<http://www.pavillon-arsenal.com/data/expositions_fbcdd/fiche/8530/pav_173_cp_6208a.pdf>, Acesso em 5 de Agosto de 2017.

Retalhos de bem-fica, 2009, As “cheias “de 1967. Disponível em:<<http://retalhosdebemfica.blogspot.pt/2009/07/as-cheias-de-1967.html>>. Acesso em :12 de Maio de 2017.

SIPA,2010, Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer, Portugal Lisboa, Alenquer, União das freguesias de Alenquer (Santo Estevão e Triana). Disponível em:<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29293>. Acesso em :05 de Fevereiro 2017.

Sousa, Inês Filipa Nunes-Princípios da Reabilitação de Edifícios. Aplicação a casos de estudo, 2016, Trabalho final para obtenção de grau de mestre em engenharia civil. Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Disponível em:<<http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/6514/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 11 de Junho de 2017.

Universidade do Algarve- Escola Superior de Tecnologia, Construção e Processos, tema 11, Patologias na construção. Disponível em:<http://w3.ualg.pt/~aandre/tema11_vc.pdf>. Acesso em: 15 de Maio de 2017.

Anexos

Inquéritos e visitas aos fogos

INQUÉRITO

REABILITAÇÃO DO BAIRRO CALOUSTE GULBENKIAN

Inquérito á população, do Bairro Calouste Gulbenkian, afetada pelas cheias de 1967. Este inquérito destina-se a avaliar a situação atual do Bairro Calouste Gulbenkian, em Alenquer, inserido no âmbito de uma da dissertação de Mestrado em Arquitetura, que tem por base tratar o tema “Avaliação para intervenção na reabilitação de edifícios Do Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer”.

AGREGADO FAMILIAR

1. Número de pessoas que vive no fogo: **2**

Sexo: M ☒ Nº pessoas: **1 (37 anos)**
F ☒ Nº pessoas: **1 (42 anos)**

2. Número de filhos: **2**

Sexo: M ☒ Nº: **1 (17 anos)**
F ☒ Nº: **1 (17 anos)**

3. Pessoas com deficiência e incapacidade:

Sim ☐ Não ☒

~~Quantas:~~ _____

4. Tem viatura? Sim ☒ Não ☐ Nº viaturas: **2**

HABITAÇÃO

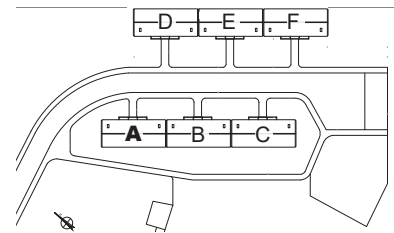
Casa própria ☐ Casa arrendada ☒ Casa cedida ☐

PLANTA DA HABITAÇÃO

- Fração A,
2º Direito

 AMARELOS = DEMOLIDOS

Localização do Fogo

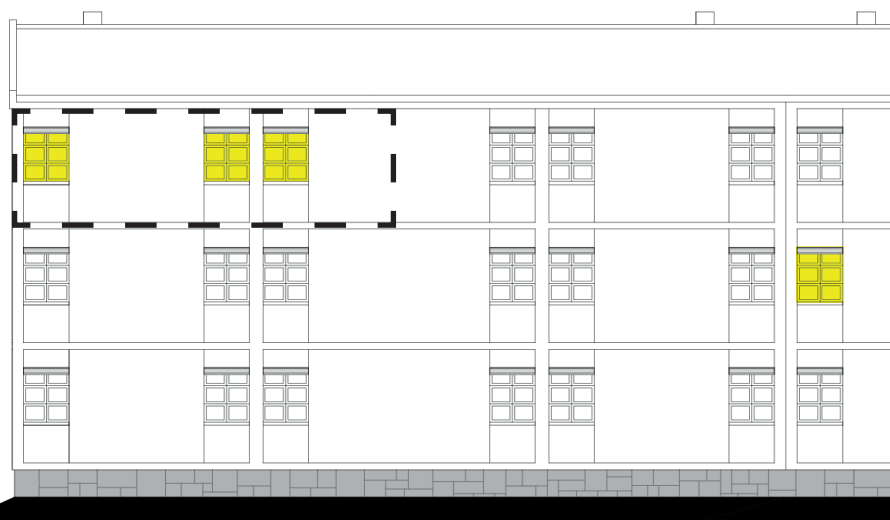


Planta 2º piso





Alçado Principal Nordeste



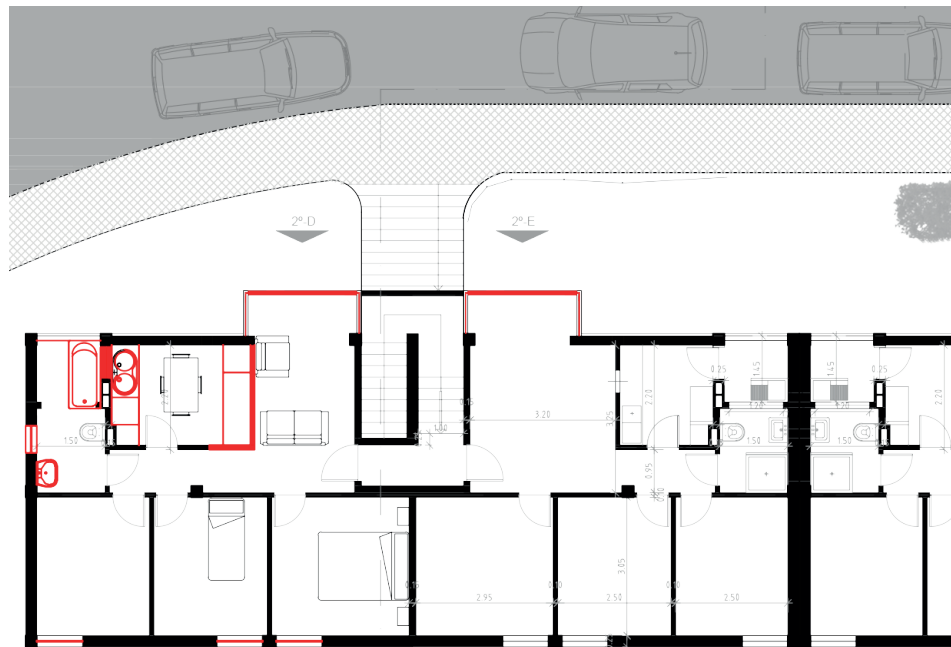
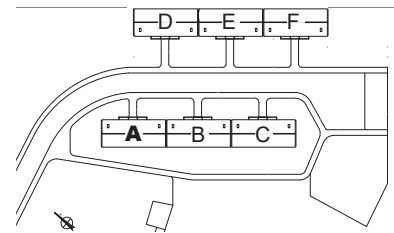
Alçado Posterior Sudoeste



- Fração A,
2º Direito

11/11/2019

Localização do Fogo



Planta 2º piso





Alçado Principal Nordeste



Alçado Posterior Sudoeste



Fração A

2ºDireito

Quanto a este fogo é alugado, e as principais alterações encontradas foram na instalação sanitária, lavandaria, cozinha e sala. Na instalação sanitária foi removido todo o mobiliário fixo e substituído por um mais atual, colocaram uma banheira, e eliminaram o espaço de lavandaria para a instalação sanitária ganhar mais área e luz natural. Em contrapartida perderam o espaço para tratamento da roupa e retiraram a ventilação e iluminação natural da cozinha, que anteriormente beneficiava da luz indireta da lavandaria, e colocaram a máquina de lavar roupa dentro da instalação sanitária. Ainda neste compartimento foi aberto um vão na fachada cega (ver alçado/corte c-c ‘-noroeste, dos amarelos/vermelho/situação atual), colocaram novos cerâmicos em todo o pavimento e paredes, assim como iluminação junto ao lavatório. Na cozinha retiraram área à sala para poder meter uma mesa de refeição ao centro, puseram nova bancada com módulos 60x60, já pensado o espaço para o frigorífico e fogão, também revestiram paredes e chão com cerâmico, para ser mais fácil limpar. Na sala o proprietário deste fogo decidiu encerrar a varanda com tijolos 30x20x7cm e pelo exterior a colocação de caixilharia, assim ao encerrar a varanda a sala ganha mais área. Pintou todo o fogo, substituiu as portas e janelas dos quartos, mas manteve os pavimentos de madeira nos quartos. O quarto principal é ocupado pelos moradores, aqui não se nota qualquer problema de humidades, também esta fachada esta voltada mais a sul, os quartos são bem luminosos, no quarto do meio só é ocupado quando a filha vai passar o fim de semana com o pai, e o último quarto serve para passar a roupa a ferro, arrumar coisas, funciona como uma dispensa praticamente. Pelo exterior a fachada principal deste bloco mais a sul é ocupada pelo residente do rés-do-chão, que ocupa o “espaço verde” com a sua horta, gaiola para os pássaros, e o pequeno trator a tapar a entrada de acesso ao fogo. A residente que agora habita este fogo tem viatura própria, e estaciona também em frente ao bloco por ser mais comodo para se deslocar, e normalmente faz sempre o mesmo percurso como os outros habitantes deste bairro, por exemplo se tiver de ir às compras, ou ir trabalhar, ou ir ao centro de saúde, desloca-se pela rua principal, e pela rua do Pedro-gão, se quiser ir em direção ao carregado, ou continua o percurso viário pela rua principal ou apanha o IC2 em direção ao Carregado e a Lisboa.



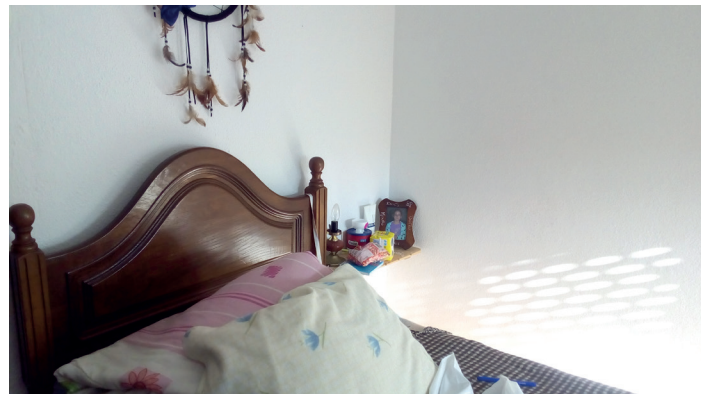
Instalação sanitária



Sala



Cozinha



Quarto principal



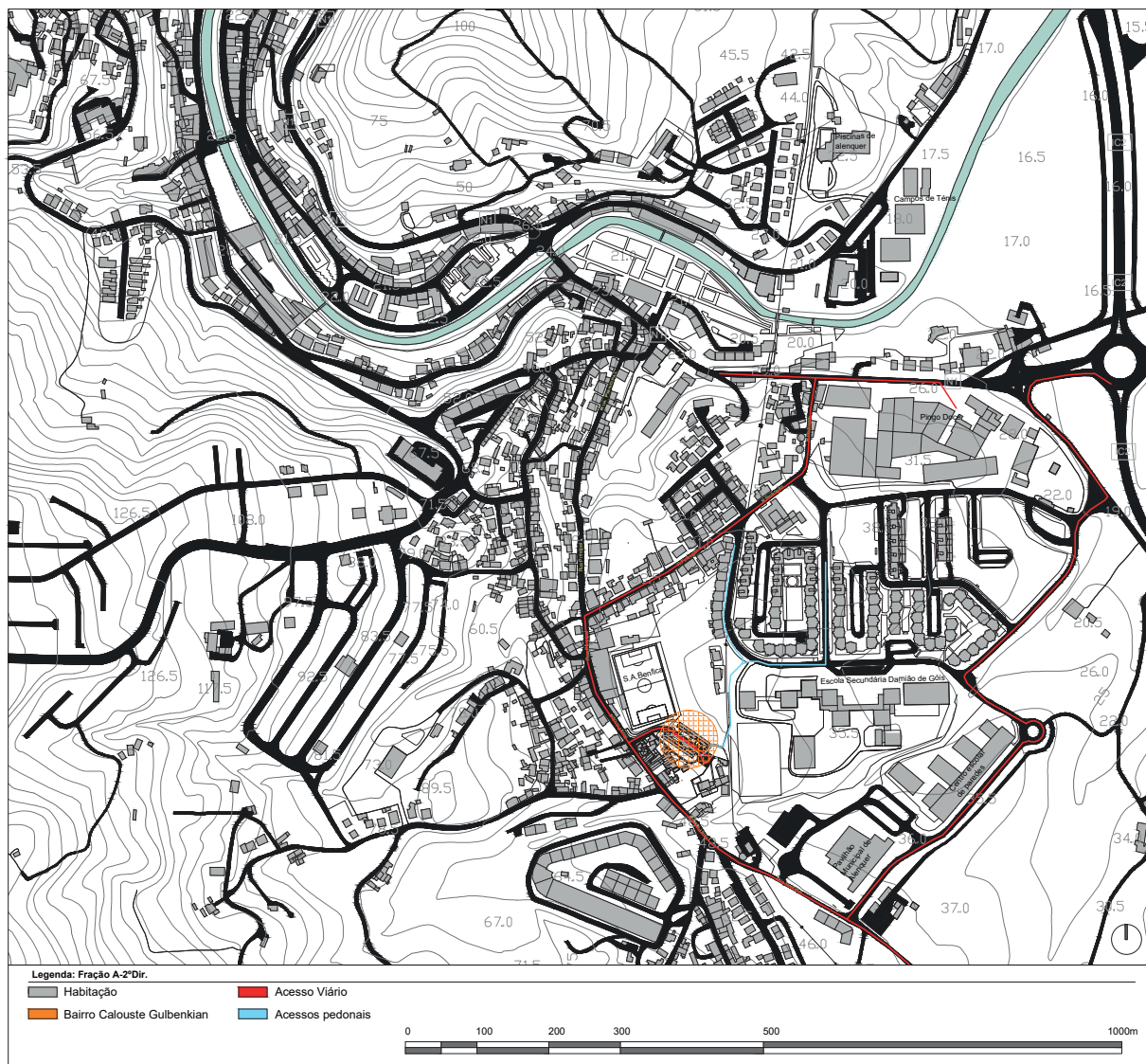
Quarto 3



Quarto principal



Fachada principal, Bloco Sul



INQUÉRITO

REABILITAÇÃO DO BAIRRO CALOUSTE GULBENKIAN

Inquérito á população, do Bairro Calouste Gulbenkian, afetada pelas cheias de 1967. Este inquérito destina-se a avaliar a situação atual do Bairro Calouste Gulbenkian, em Alenquer, inserido no âmbito de uma da dissertação de Mestrado em Arquitetura, que tem por base tratar o tema “Avaliação para intervenção na reabilitação de edifícios Do Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer”.

AGREGADO FAMILIAR

1. Número de pessoas que vive no fogo: **2**

Sexo: M ☒ Nº pessoas: **1 (neto, 25 anos)**
F ☒ Nº pessoas: **1 (72 anos)**

~~2. Número de filhos: _____~~

~~Sexo: _____ M ☐ Nº: _____
F ☐ Nº: _____~~

3. Pessoas com deficiência e incapacidade:

Sim ☐ Não ☒

~~Quantas: _____~~

4. Tem viatura? Sim ☐ Não ☒ ~~Nº viaturas: _____~~

HABITAÇÃO

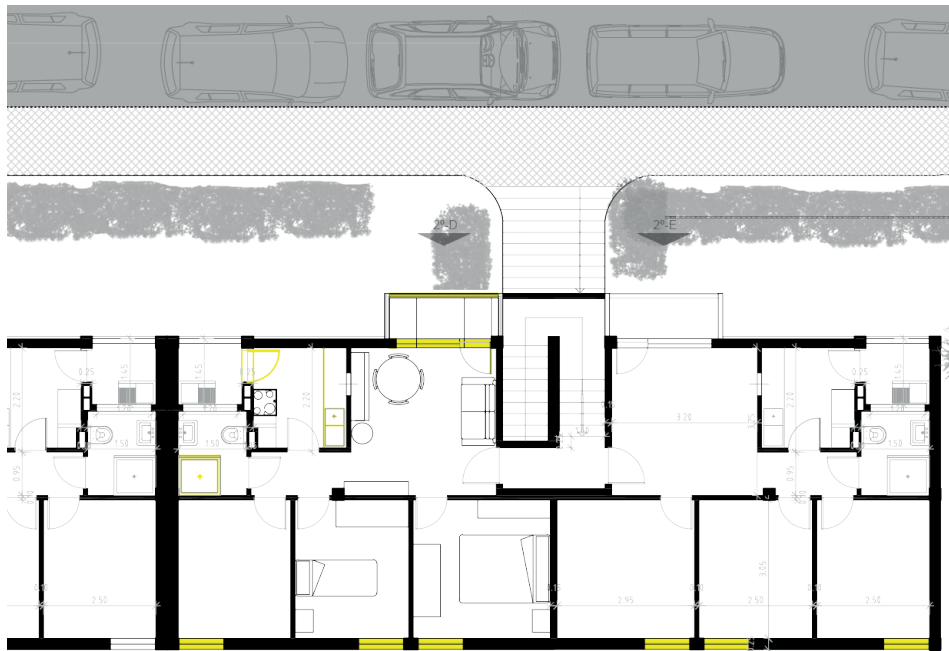
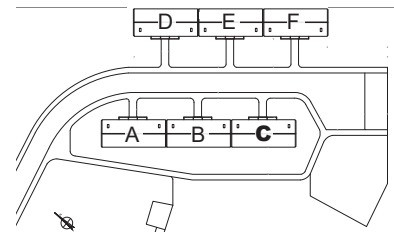
Casa própria ☐ Casa arrendada ☒ Casa cedida ☐

PLANTA DA HABITAÇÃO

- Fração C,
2º Dierito

 AMARELOS = DEMOLIDOS

Localização do Fogo



Planta 2º piso





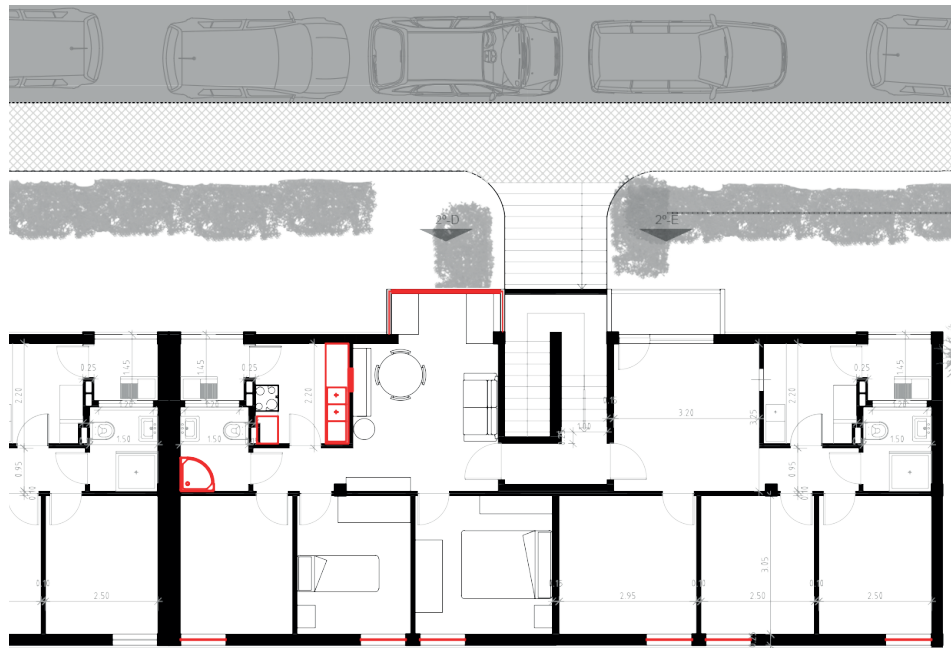
Alçado Principal Nordeste



Alçado Posterior Sudoeste



- Fração C,
2º Direito





Alçado Principal Nordeste



Alçado Posterior Sudoeste



Fracção C

2ºDireito

Durante a visita a esta habitação as principais alterações encontradas ao nível das demolições e de novas construções foram encontradas na sala com o encerramento da varanda pelas mesmas razões já mencionadas anteriormente falta de espaço para arrumos. O encerramento da varanda foi feito com tijolos rebocados e pintados a tinta branca, o pavimento interior também foi substituído para ficar de acordo com o novo acrescento. A cozinha foi outro compartimento que sofreu obras, foram retirados os antigos armários e bancadas e colocados novos módulos à medida. Este compartimento à semelhança das outras visitas nos mesmos compartimentos, também foi revestido com cerâmicos, encerraram o antigo “passa-pratos” porque não funcionava e a proprietária não gostava, e também não era favorável a colocação de mobiliário nessa parede por existir uma abertura. Ao ser remodelada a cozinha não foi pensado o espaço para o frigorífico como vimos anteriormente noutra foga da fracção A-2ºD, este elemento está colocado no espaço de lavandaria, juntamente com a máquina de lavar. A lavandaria não só serve de espaço para tratamento da roupa como também para arrumar coisas da cozinha, tipo panelas, produtos de limpeza, tábua de engomar etc. A configuração deste espaço não foi alterada, assim como os quartos que não sofreram quaisquer obras. O quarto principal é ocupado pela senhora que já é idosa, o quarto do meio é ocupado pelo neto, e o último quarto serve de arrumos, para a roupa de Verão/Inverno, roupas de cama, e alguns móveis que já não usa. Em todos os compartimentos foi substituída caixilharia, exceto a instalação sanitária e a lavandaria. Na instalação sanitária o mesmo acontece como anteriormente visitamos, foi colocado novo poliban, e retirado as paredes de alvenaria que fazia de duche, foi colocado cerâmico nas paredes e pavimento, e colocaram outro mobiliário fixo, porque o anterior já se encontrava degradado. É importante referir que estes dois últimos apartamentos, não contêm caves, daí a necessidade de ocupar um quarto para arrumações da casa. Exteriormente o espaço verde em frente à fachada principal, está simplesmente ocupado por um lado com hortas pertencentes ao residente do rés-do-chão, e do outro lado simplesmente vegetação. O estado de conservação da fachada

desta fração contém os mesmos problemas que anteriormente citados, presença de humidade, fungos pretos, descoloração da pintura e a falta de limpeza e manutenção do edifício. A senhora por se encontrar numa idade mais avançada, e já ter algumas dificuldades para andar, o neto normalmente a ajuda nas coisas a fazer. Por exemplo ir às compras, e ir com a senhora tratar de assuntos pessoais.



Cozinha



Cozinha



Lavandaria



Sala



Sala



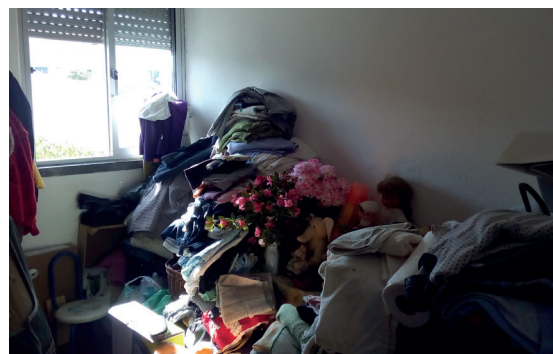
Instalação sanitária



Instalação sanitária



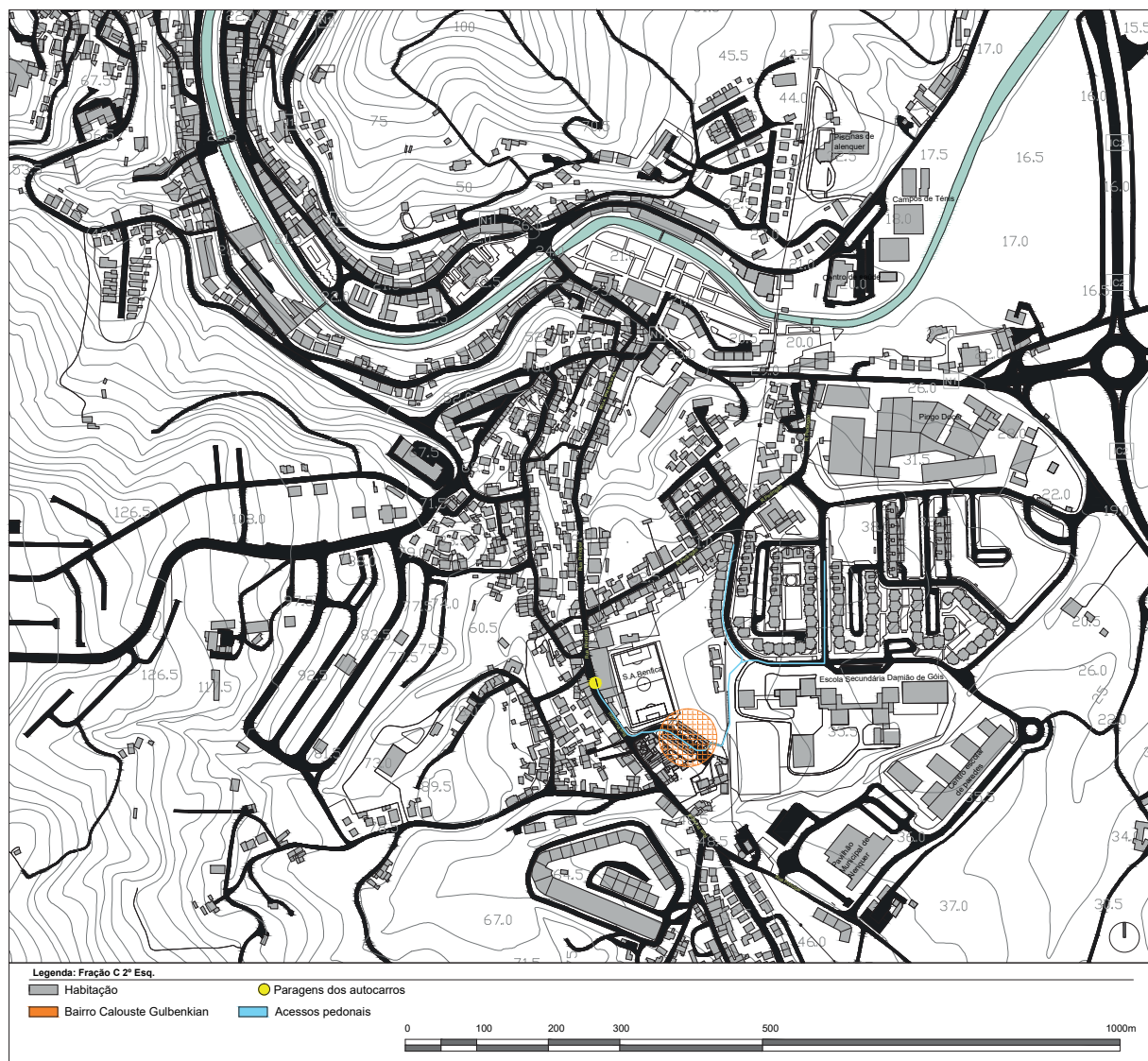
Quarto 2



Quarto 3



Fachada principal, Bloco Sul



INQUÉRITO

REABILITAÇÃO DO BAIRRO CALOUSTE GULBENKIAN

Inquérito á população, do Bairro Calouste Gulbenkian, afetada pelas cheias de 1967. Este inquérito destina-se a avaliar a situação atual do Bairro Calouste Gulbenkian, em Alenquer, inserido no âmbito de uma da dissertação de Mestrado em Arquitetura, que tem por base tratar o tema “Avaliação para intervenção na reabilitação de edifícios Do Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer”.

AGREGADO FAMILIAR

1. Número de pessoas que vive no fogo: **3**

Sexo: M ☒ Nº pessoas: **1 (21 anos)**
F ☒ Nº pessoas: **2 (70 e 40 anos)**

2. Número de filhos: **1**

Sexo: M ☒ Nº: **1 (21 anos)**
~~F ☐ Nº: _____~~

3. Pessoas com deficiência e incapacidade:

Sim ☐ Não ☒

~~Quantas:~~ _____

4. Tem viatura? Sim ☐ Não ☒ ~~Nº viaturas:~~ _____

HABITAÇÃO

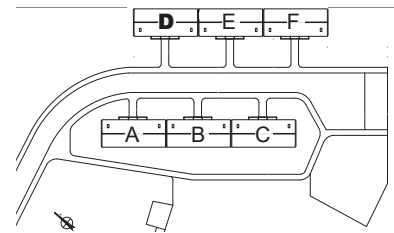
Casa própria ☐ Casa arrendada ☒ Casa cedida ☐

PLANTA DA HABITAÇÃO

- Fração D,
1º Esquerdo

 AMARELOS = DEMOLIDOS

Localização do Fogo



Planta 1º piso





Alçado Principal Sudoeste



Alçado Posterior Nordeste

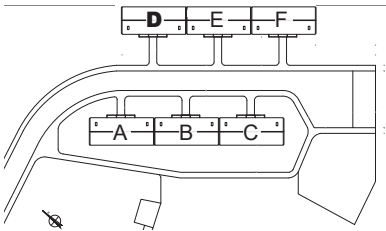


PLANTA DA HABITAÇÃO

- Fração D,
1º Esquerdo

 VERMELHOS = COSNTRUÍDO

Localização do Fogo

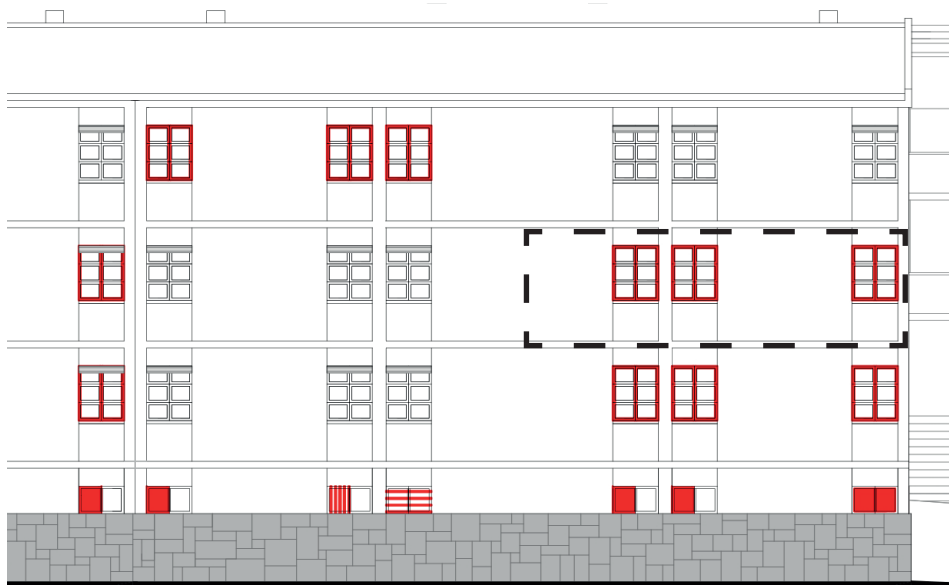


Planta 1º piso





Alçado Principal Sudoeste



Alçado Posterior Nordeste



Fração D

1ºEsquerdo

A visita ao interior deste fogo foi acompanhada pela filha da proprietária, em que podemos verificar ao nível das demolições(amarelos) e novas construções(vermelhos) que na sala foi retirado todo o pavimento de madeira e colocado cerâmicos. Porque o anterior já se encontrava desgastado, também foi recentemente pintada este compartimento, a varanda de acesso ao exterior se manteve a filha da proprietária menciona que dá sempre jeito a varanda nem que seja para secar roupa. A cozinha mantém o seu estado original, desde a bancada, armários e pavimento. A lavandaria neste momento é ocupada pelo frigorífico, maquina de lavar, esquentador, produtos de limpeza para a casa, e o espaço de dormir do gato. O antigo passa pratos foi improvisadamente fechado por uma porta igual às dos armários da cozinha, porque a proprietária não vê utilidade nenhuma nesta abertura. O quarto principal é ocupado pela senhora idosa, que se encontra acamada, e requer cuidados especiais (proprietária), o quarto do meio é ocupado pelo neto, e o ultimo quarto ocupado pela filha da proprietária. Nos três quartos a pintura é recente, as caixilharias de madeira foram substituídas por caixilharias de alumínio, as anteriores já se encontravam apodrecidas, e os pavimentos de madeira mantiveram-se nos quartos.

A instalação sanitária é o ponto mais crítico da casa, a presença de humidade por condensação (provocado pelos banhos), fungos nas paredes e teto, a falta de ventilação e também porque as paredes desta secção não são revestidas com cerâmicos, dai também dificulta a limpeza das paredes de alvenaria rebocadas. Exteriormente na fachada principal o espaço é ocupado por objetos, que não pertencem a esta proprietária, isto porque normalmente o residente que vive no rés-do-chão apodera-se do espaço exterior, para colocar mesas velhas, improvisar churrasqueiras com bidons e lenha, a filha da proprietária menciona que é desagradável, mas não pode fazer nada. Quanto a fachada tardoz deste bloco mais a norte, deste fogo em questão, já foi analisada anteriormente, mas encontra-se com a superfície desgastada, apresenta manchas de humidades, fungos pretos, sujidades, erosão provocada pelos ventos, etc., e a pintura rosa desenquadrada do conjunto. A filha da proprietária não tem carro, normalmente os seus afazeres são feitos com transporte público, dependendo do que vai fazer, mas utiliza frequentemente a paragem de autocarro do sport Alenquer Benfica assim como o filho que trabalha e utiliza a mesma estação.



Instalação sanitária



Instalação sanitárias



Cozinha



Cozinha



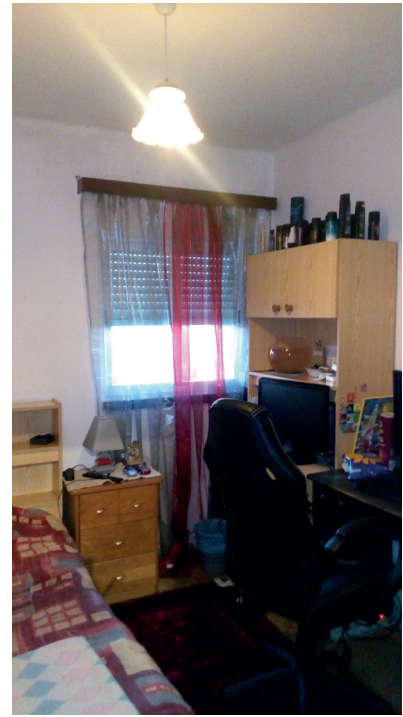
Lavandaria



Quarto 3



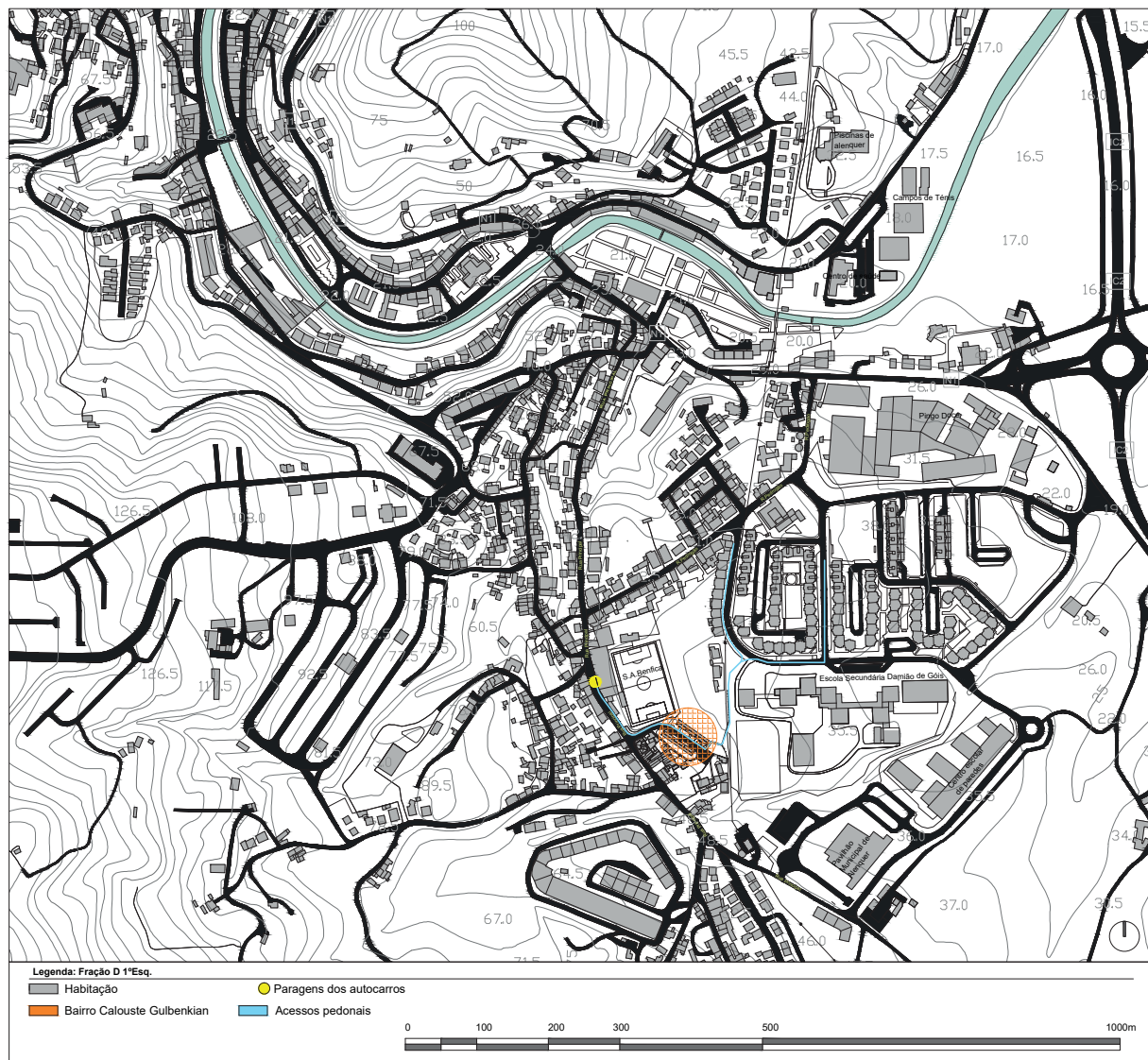
Quarto 3



Quarto 2



Fachada principal, Bloco Norte



INQUÉRITO

REABILITAÇÃO DO BAIRRO CALOUSTE GULBENKIAN

Inquérito á população, do Bairro Calouste Gulbenkian, afetada pelas cheias de 1967. Este inquérito destina-se a avaliar a situação atual do Bairro Calouste Gulbenkian, em Alenquer, inserido no âmbito de uma da dissertação de Mestrado em Arquitetura, que tem por base tratar o tema “Avaliação para intervenção na reabilitação de edifícios Do Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer”.

AGREGADO FAMILIAR

1. Número de pessoas que vive no fogo: **2**

Sexo: M ☒ Nº pessoas: **1 (18 anos)**
F ☒ Nº pessoas: **1 (57 anos)**

2. Número de filhos: **1**

Sexo: M ☒ Nº: **1 (18 anos)**
~~F ☐ Nº: _____~~

3. Pessoas com deficiência e incapacidade:

Sim ☐ Não ☒

~~Quantas:~~ _____

4. Tem viatura? Sim ☐ Não ☒ ~~Nº viaturas:~~ _____

HABITAÇÃO

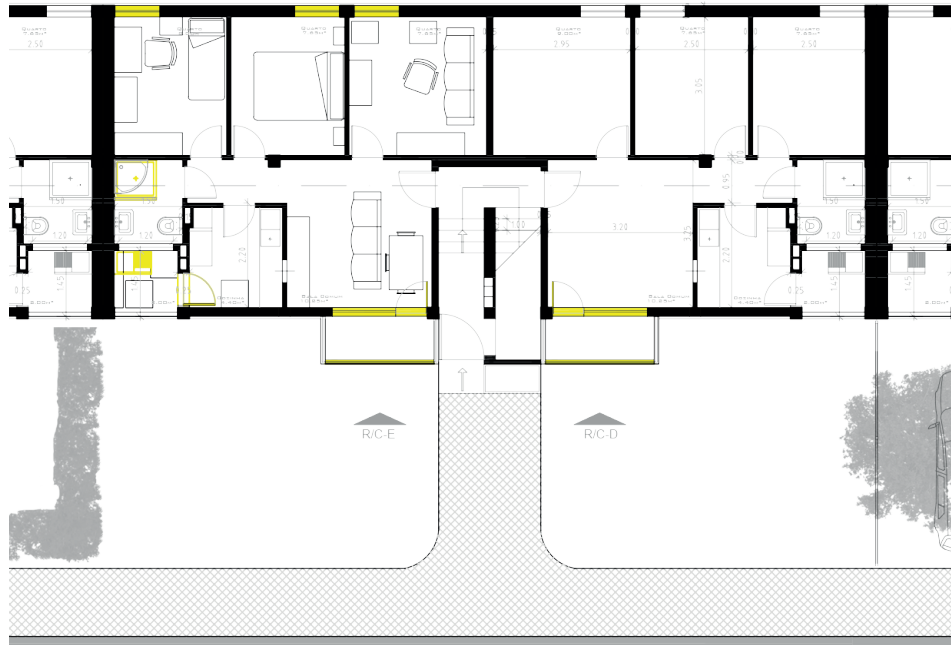
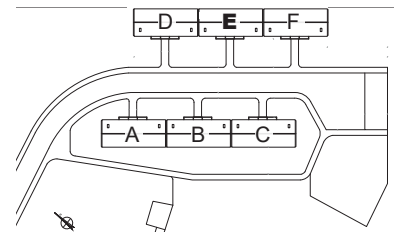
Casa própria ☒ Casa arrendada ☐ Casa cedida ☐

PLANTA DA HABITAÇÃO

- Fração E,
R/c Esquerdo

 AMARELOS = DEMOLIDOS

Localização do Fogo



Planta do R/c





Alçado Principal Sudoeste



Alçado Posterior Nordeste

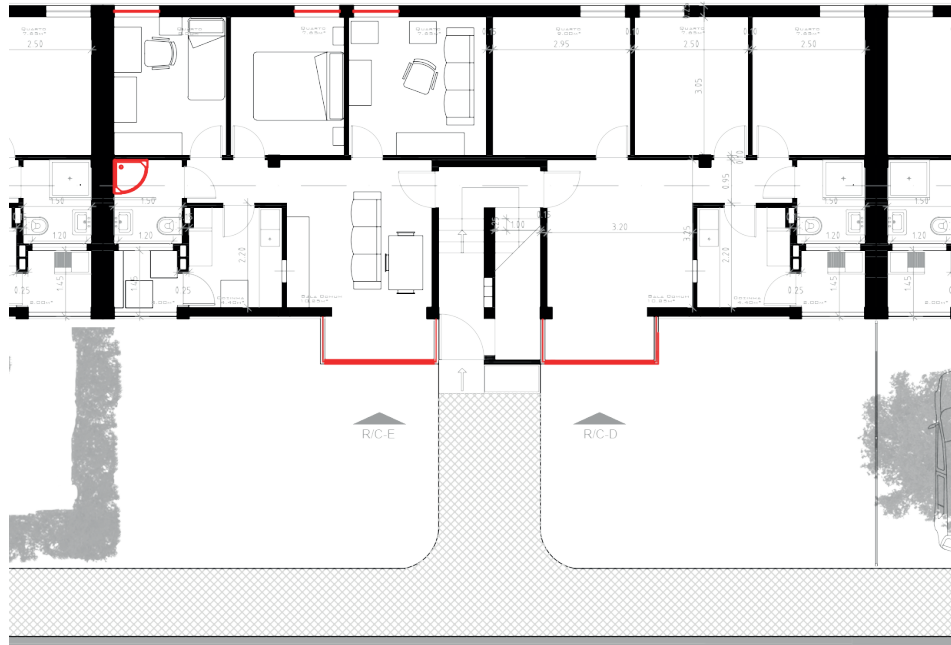
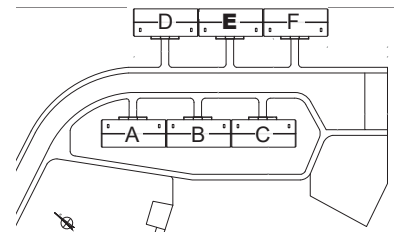


PLANTA DA HABITAÇÃO

- Fração E,
R/c Esquerdo

 VERMELHOS = COSNTRUÍDO

Localização do Fogo



Planta do R/c





Alçado Principal Sudoeste



Alçado Posterior Nordeste



Fração-E

R/C-Esquerdo

Face à visita efetuada a este fogo ao nível das demolições (amarelo) e novos(vermelhos), na instalação sanitária foi demolido o duche antigo, e colocado um poliban, a instalação sanitária foi revestida com cerâmicos nas paredes e pavimento, na lavandaria foi removido o antigo tanque de lavar a roupa e instalado uma máquina de lavar/secar roupa, e o esquentador. Na cozinha tudo se manteve-se, os mesmos armários, mas foi removida a pedra da bancada e revestida a madeira. A abertura na parede para o passa-pratos foi fechada com uma placa de madeira. Na sala foi opção da moradora fechar a varanda com tijolos 30x20x7, reboco e acabamento a tinta e caixilharia metálica. No quarto principal tudo se manteve, no quarto do meio também e no último quarto junto à instalação sanitária foi colocado cerâmico no pavimento. Atualmente as obras que foram efetuadas na varanda a tinta já está a descascar surgindo em toda a superfície, devido a fissuras mapeadas, infiltrações de água, por falta de impermeabilização, o pavimento de madeira apodrecendo e soltando-se. O quarto principal serve de arrumação o quarto do meio é o quarto da proprietária, e o ultimo quarto individual ocupado pelo filho. A instalação sanitária encontra-se um pouco degradada, pelo uso constante assim como a cozinha e lavandaria. As caves estão intactas desde a sua inicial construção, ou seja, as mesmas portas, as caixilharias das caves já se encontram partidas, a tinta desgastada por exemplo a eletricidade não funciona, a proprietária teve de instalar uma lâmpada junto a sua cave, as portas estão degradadas, falta de iluminação, ventilação, arejamento, seria necessário neste compartimento até mesmo por causa do cheiro, da humidade proveniente do terreno. Exteriormente a fachada principal, apresenta presença de sujidades e humidades, fungos, corrosões no metal da caixilharia simples instalada na varanda, assim como a erosão da tinta. O espaço verde é inexistente porque é ocupado por objetos partidos por exemplo o antigo tanque da roupa, cercas, mesas velhas, lenha, alguns brinquedos, roupa estendida etc. Quanto aos percursos a moradora deste bairro usa muito o trajeto traçado de terra batida que vai em direção às escolas, ou para ir à mercearia, ou ir tratar de coisas no banco, porque é mais perto se tiver de ir fazer compras para o mês, costuma ir de carro com a filha, pois assim consegue trazer tudo em maiores quantidades, e se tiver de ir ao centro de saúde vai com a filha, ou seja aguarda pela filha quando tem de fazer coisas a longa distância já o filho como vai trabalhar, apanha o autocarro na estação do sport Alenquer e Benfica , que vai em direção ao carregado.



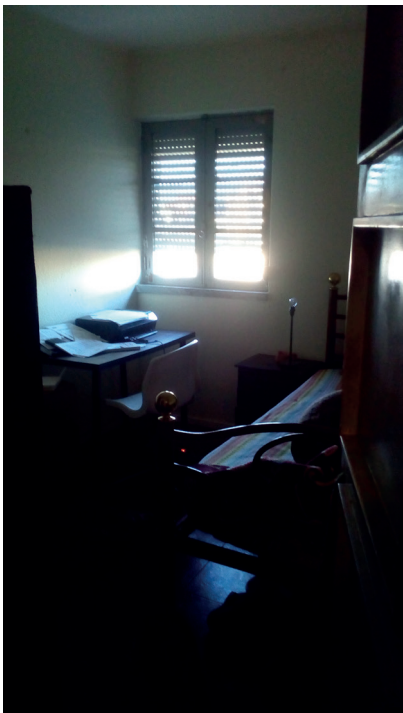
Instalação sanitária



Instalação sanitária



Lavandaria



Quarto 3



Quarto principal



Sala



Sala



Cave



Cave



Fachada principal, Bloco Norte

INQUÉRITO

REABILITAÇÃO DO BAIRRO CALOUSTE GULBENKIAN

Inquérito á população, do Bairro Calouste Gulbenkian, afetada pelas cheias de 1967. Este inquérito destina-se a avaliar a situação atual do Bairro Calouste Gulbenkian, em Alenquer, inserido no âmbito de uma da dissertação de Mestrado em Arquitetura, que tem por base tratar o tema “Avaliação para intervenção na reabilitação de edifícios Do Bairro Calouste Gulbenkian em Alenquer”.

AGREGADO FAMILIAR

1. Número de pessoas que vive no fogo: **3**

Sexo: M ☒ Nº pessoas: **2 (65 e 22 anos)**
F ☒ Nº pessoas: **1 (59 anos)**

~~2. Número de filhos: **1**~~

~~Sexo: M ☒ Nº. _____
F ☐ Nº. _____~~

3. Pessoas com deficiência e incapacidade:

Sim ☒ Não ☐

Quantas: **1 (pé amputado)**

4. Tem viatura? Sim ☒ Não ☐ Nº viaturas: **1**

HABITAÇÃO

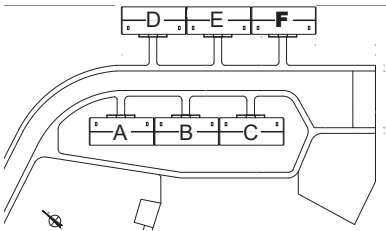
Casa própria ☒ Casa arrendada ☐ Casa cedida ☐

PLANTA DA HABITAÇÃO

- Fração F,
R/c Direito

 AMARELOS = DEMOLIDOS

Localização do Fogo



Planta do R/c





Alçado Principal Sudoeste



Alçado Posterior Nordeste

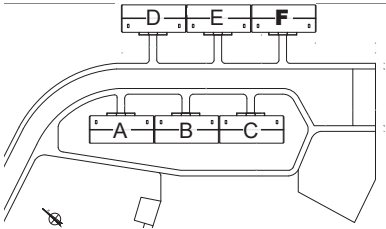


PLANTA DA HABITAÇÃO

- Fração F,
R/c Direito

 VERMELHOS = COSNTRUÍDO

Localização do Fogo



Planta 1º piso





Alçado Principal Sudoeste



Alçado Posterior Nordeste



Fração-F

R/C-Direito

A visita ao interior deste fogo permitiu fazer uma localização das demolições (amarelos) que a casa sofreu ao longo do tempo e registar as novas construções (vermelhos). Na instalação sanitária, foi demolido o antigo duche de alvenaria e colocado um poliban, colocaram cerâmicos nas paredes e no chão. Atualmente estão a por um novo teto, em gesso cartonado e a lixar para depois pintar a tinta branca. Na cozinha foram demolidos todos os antigos armários e respetiva bancada, e colocados armários à medida, porque os anteriores já estavam partidos, e a pedra que revestia a bancada também. A proprietária sentiu também a necessidade de colocar cerâmicos nas paredes e pavimento da cozinha para facilitar a limpeza deste espaço. Também com a instalação de novos módulos na cozinha conseguiu arranjar mais espaço para arrumar as coisas e livrar-se do antigo “passa-pratos” (abertura na parede da cozinha para a sala) que não tinha utilidade nenhuma. Na lavandaria, deu continuação ao pavimento, de momento este espaço de lavandaria não só contém a máquina de lavar roupa como também consta uma arca congeladora, torradeira, tachos, panelas, produtos de limpeza, roupa suja para lavar etc. Na sala a proprietária encerrou a varanda para obter mais espaço interior, mesmo assim não é o suficiente, porque este espaço de estar e de convívio torna-se apertado pela presença de muitos elementos como mesa de refeições, cadeiras, sofás louceiros televisão, gaiola com pássaros, roupas, etc. Neste compartimento além da nova construção de encerramento da varanda, foi colocado novo pavimento e foi encerrado o espaço de abertura do “passa-pratos”, e inserido novo rodapé. No quarto principal dorme os proprietários, no quarto do meio, é ocupado quando lá vai o neto, e o último quarto com arrumos até ao teto. Nestes três compartimentos as portas já estão danificadas, algumas já nem fecham daí improvisadas com fechaduras de portões as madeiras já degradadas, e a humidade a predominar nas paredes, com a presença de fungos pretos, bolores, e cheiro desagradável. As caixilharias de madeira deste compartimento já foram removidas e substituídas por caixilharias de alumínio brancas, porque as primeiras já estavam a ficar apodrecidas, devido as águas da chuva, o facto dessa fachada ser voltada a norte, e as humidades provenientes do terreno. Este fogo também beneficia de uma cave, que já está lotada de arrumações até ao teto, a caixilharia já está partida, leva por dentro umas chapas de aço para tapar, a ventilação é inexistente assim como a iluminação natural. Para além desta cave a proprietária também utiliza outra que não pertence a ninguém. Pelo exterior do rés-do-chão deste

fogo a fachada principal alberga uma quantidade imensa de coisas, tais como cercas, plantação de árvores, couves, flores, frigorífico avariado, bilhas do gás, tábuas de madeira, carro estacionado, mesa de plástico partida, cadeiras, caixas de madeira, chapas de aço, brinquedos velhos etc. A fachada principal recentemente foi pintada, mas em algumas zonas aparenta sujidade. Na fachada voltada a norte como já foi analisada anteriormente, é possível verificar novas caixilharias, as paredes com presença de humidade, a tinta branca com muita sujidade e a descascar. Estes moradores como têm carro, a proprietária é que conduz, porque o marido teve de amputar o pé, cada vez que saem para algum lugar o senhor precisa de ajuda para descer os quatro degraus no interior da habitação, e assenhora acaba por estacionar o carro em frente ao bloco a sul por ser mais comodo para o senhor entrar dentro do carro. Normalmente fazem o percurso para ir ao centro de saúde pela rua principal, apanham o troço da N1, e seguem para a Rua Francisco José Lopes, caso necessitem de ir ao pingo doce optam mais por ir pela rua principal, rua do Pedrogão e o troço da N1.



Instalação sanitária



Instalação sanitária



Lavandaria



Cozinha



Cozinha



Sala



Sala



Quarto do principal



Quarto 2



Cave 2 (comun)



Cave



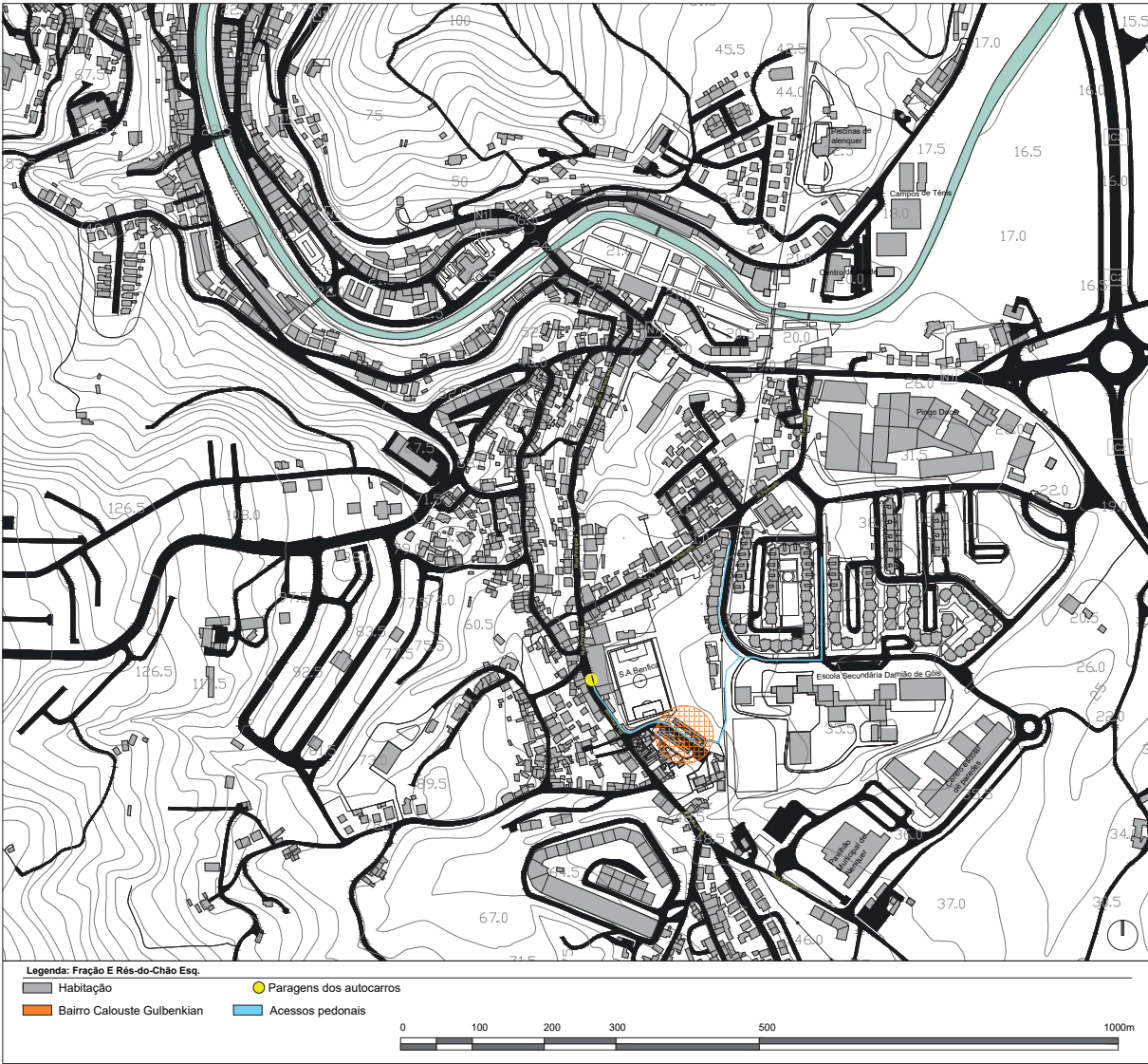
Cave



Cave



Fachada principal, Bloco Norte





Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Melinda de Jesus da Costa Rodrigues

Reabilitação do Bairro Calouste Gulbenkian

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Tutor da vertente prática:
Arq. Pedro Viana Botelho, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE-IUL

Lisboa, Outubro de 2017

Índice

Âmbito e enquadramento.....	5
Capítulo I: Trabalho de Grupo.....	7
1.1. Contextualização.....	11
1.2. Estratégia de intervenção.....	25
Capítulo II: Projeto individual.....	29
2.1. Análise.....	30
2.2. Projeto construído 1967.....	31
2.3. Amarelos / Demolidos.....	37
2.4. Vermelhos / Novos.....	43
2.5. Situação atual.....	49
2.6. Processo de estudo.....	55
2.7. Projeto final.....	61

Âmbito e enquadramento

No âmbito da vertente prática da unidade curricular de projeto Final de Arquitetura, do ano letivo 2016/2017, consistiu numa intervenção de projeto em Alenquer.

Este desafio foi lançado pelo ISCTE-IUL, em parceria com a Câmara municipal de Alenquer com o objetivo dos alunos do 5º ano apresentarem soluções para melhorar o espaço territorial, e também resolver questões mais complexas, desde a “requalificação do edificado e espaço público, construção de novos equipamentos, passando pelo Bairro Calouste Gulbenkian, Carregado até às estações de comboio”¹.

Esta vila de Alenquer inserida na área metropolitana de Lisboa, pode-se dividir em duas partes, a vila baixa junto ao rio de Alenquer, e vila alta designada como zona de Paredes.

Com base no enunciado, a intervenção arquitetónica em grupo e individual incidiu sobre a zona de Paredes. Esta intervenção de projeto conteve três fases: a primeira um levantamento do território efetuado pela turma, a segunda fase a proposta de grupo, e a terceira fase o projeto individual.

A estratégia geral foi definida em grupo (juntamente com Micael Pepe e João Alves), depois de se encontrar definida cada um desenvolveu individualmente seu projeto.

¹ Enunciado do exercício prático da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, 5º ano Mestrado Integrado em arquitetura, Ano letivo 2016/2017, ISCTE.

Capítulo I

Trabalho de Grupo



Figura 1-Enquadramento do concelho de Alenquer



Figura 2-Ortofotomapa Alenquer-Carregado.

1.1. Contextualização²

Situada numa localização privilegiada, a Vila de Alenquer define-se em torno dum pequeno rio que a atravessa, formando um vale, responsável pelas designações de Vila Alta e Vila Baixa. Com uma história de vários séculos, a vila tem conseguido tirar vantagem da sua posição geográfica para se afirmar como ponto marcante do território português (figura 3).



Figura 3-Fotografia panorâmica sobre a Vila Alta e Vila Baixa de Alenquer.

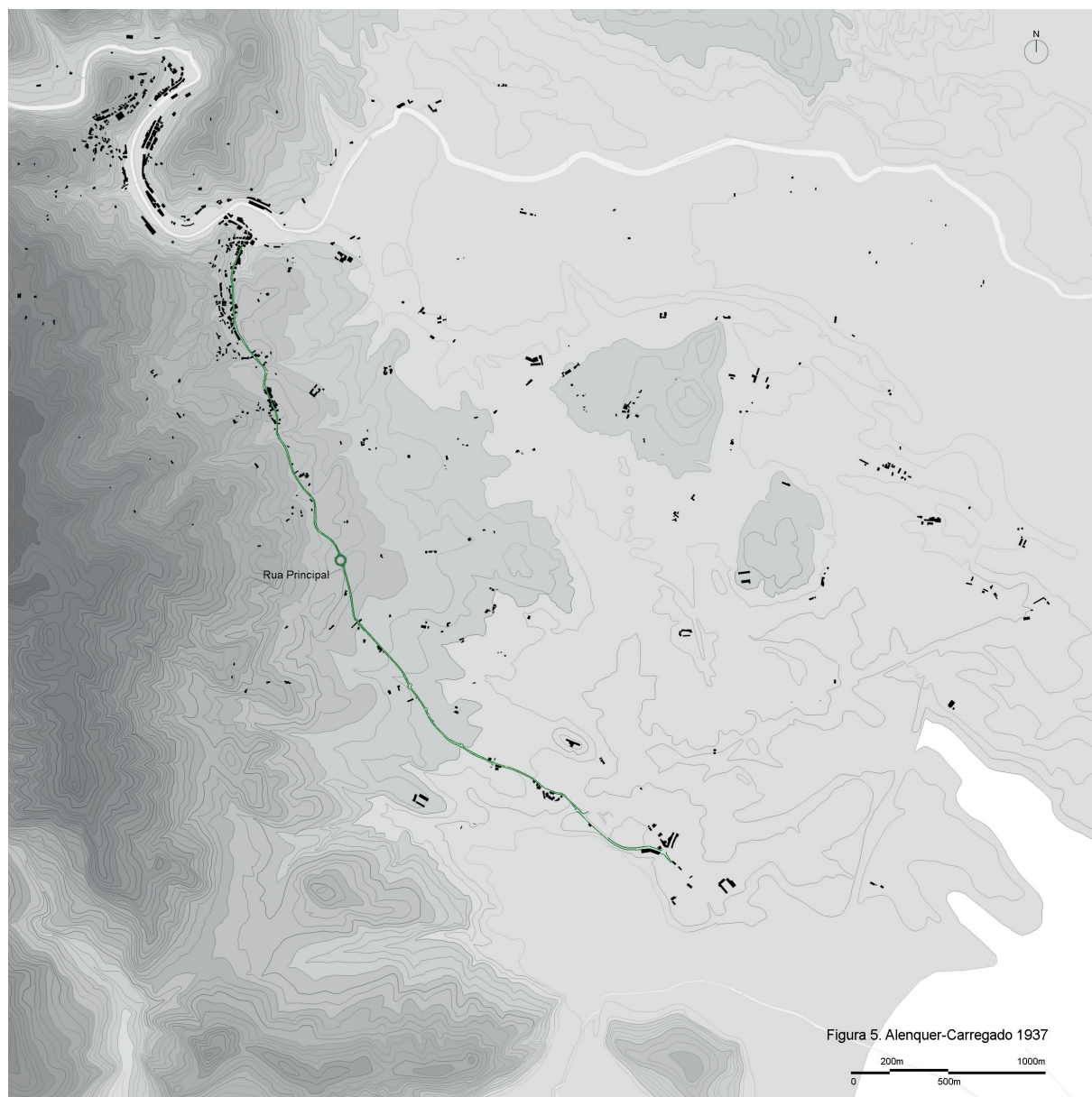
² Texto elaborado em grupo, por Micael pepe, Melinda Rodrigues e João Alves.

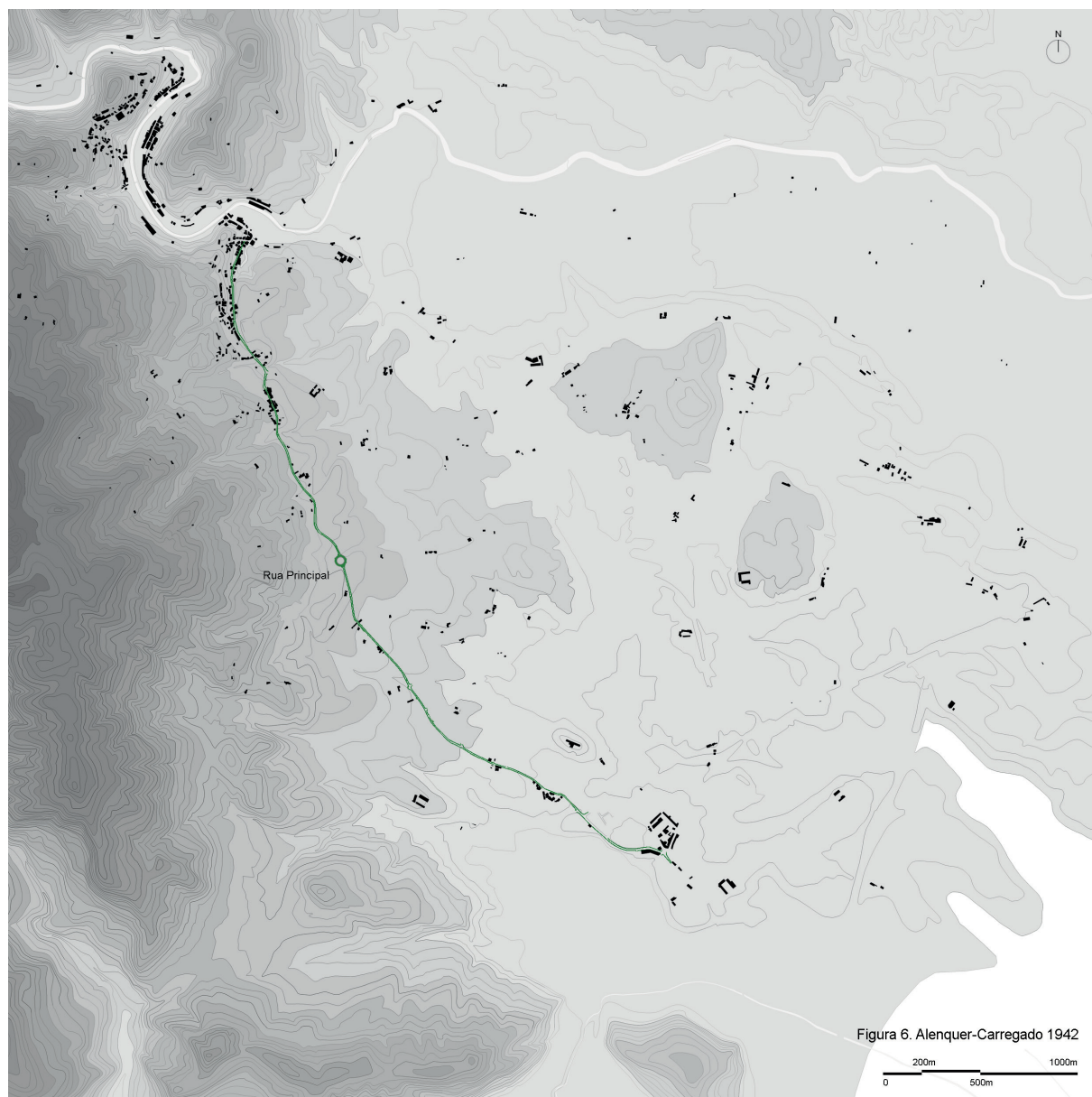
Escavações efetuadas no local, mais precisamente a sul da vila, permitiram encontrar um conjunto de vestígios arqueológicos, que datam do Período Romano e revelam a presença de um importante assentamento urbano durante essa época. A partir deste, surge também um conjunto de evidências duma rede viária ortogonal, uma característica dos aglomerados urbanos romanos, centrada na atual zona de Paredes (figura 4).

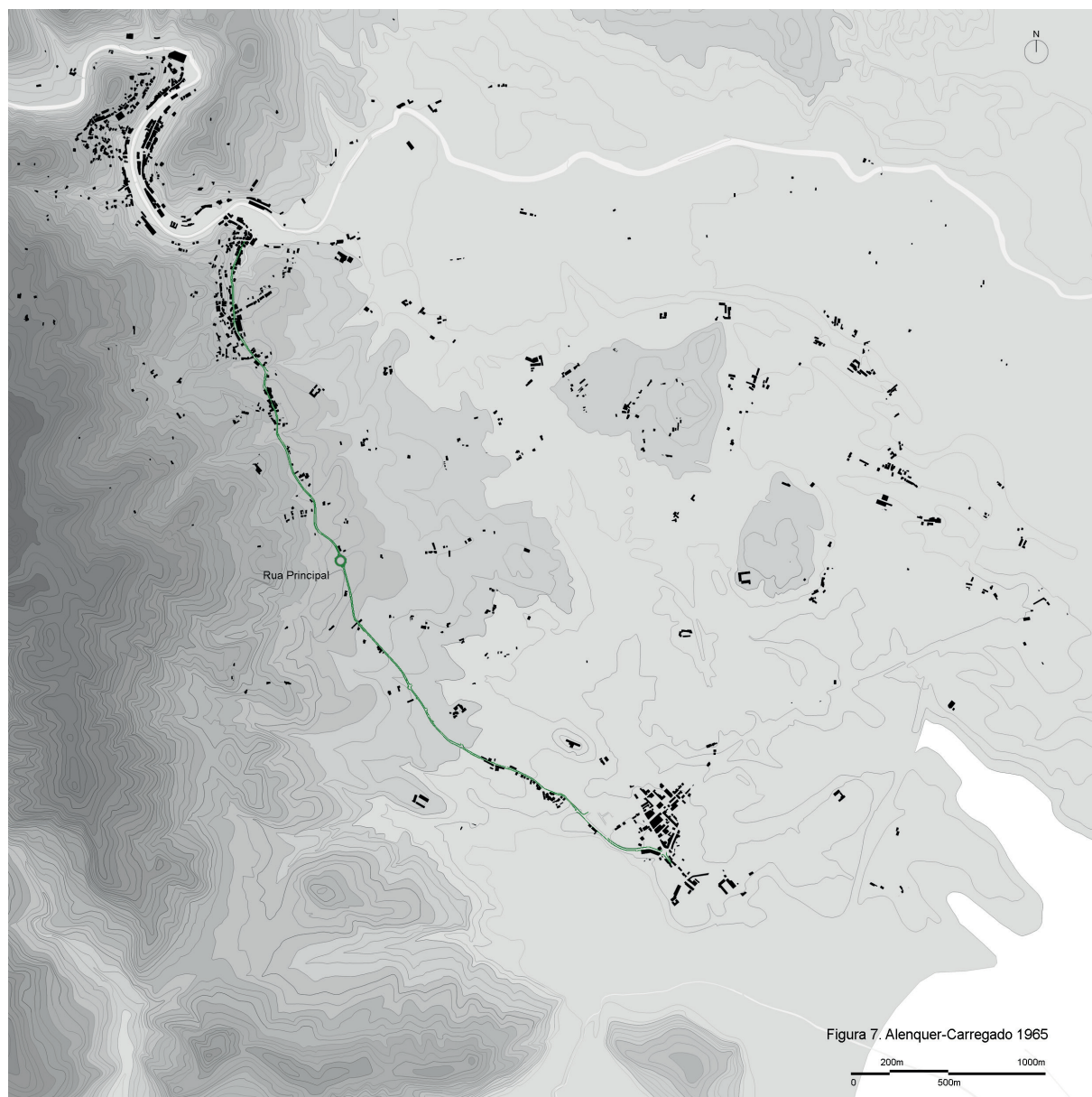
O traçado da via norte-sul existente na Antiguidade, apesar da passagem do tempo, permaneceu como um dos principais eixos de circulação pedonal que conduziam até Alenquer, até às últimas décadas do século XX. A topografia desta região, bastante acidentada, parece estar na origem da escolha desta linha de meia encosta, à qual foi atribuído o topónimo de Rua Principal, como rota de comunicação entre o Sul e a vila e por consequente eixo estruturante dum novo aglomerado populacional (figuras 5 a 10).

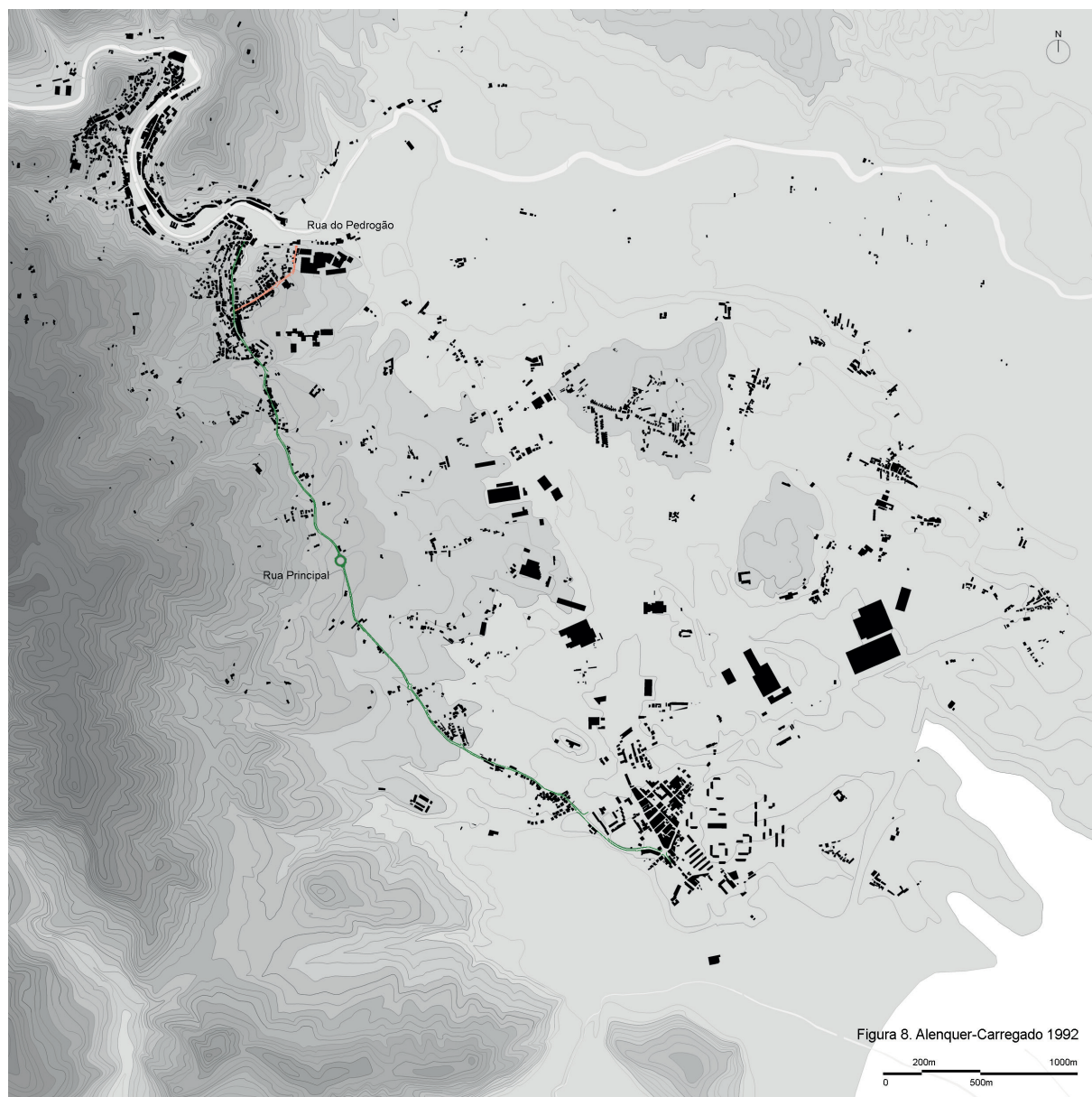


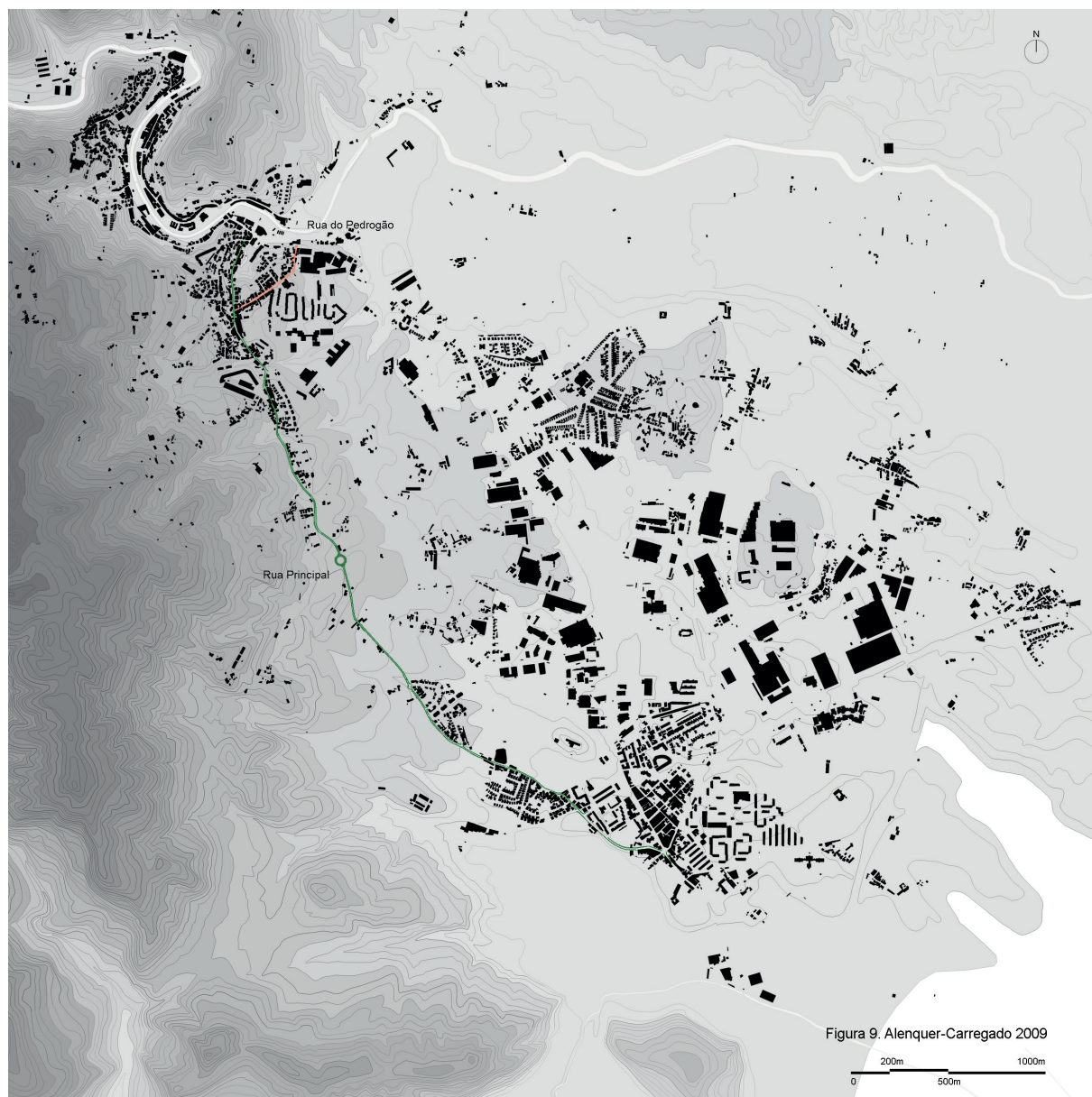
Figura 4-Vila Vedra, um povoamento romano.

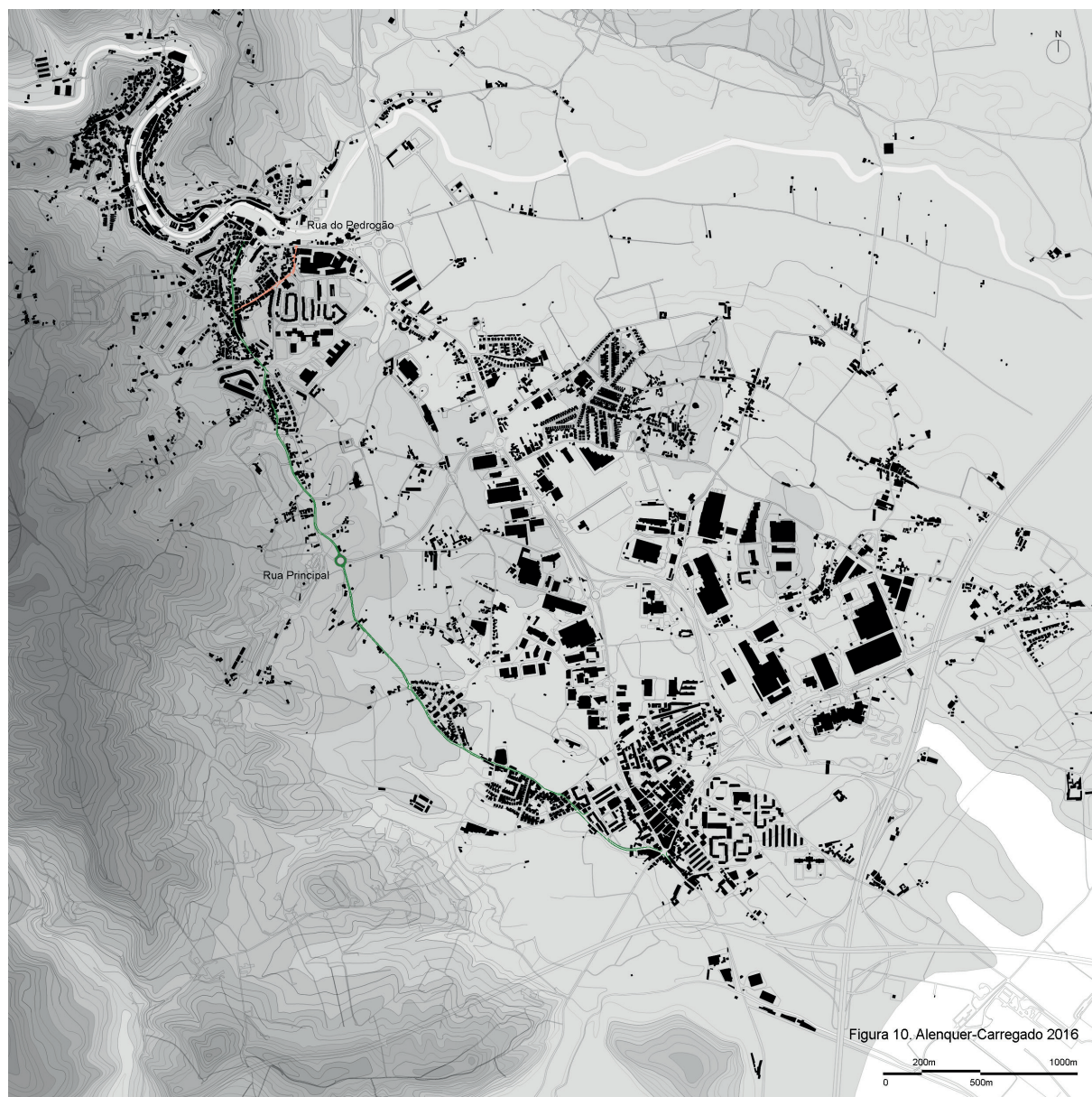












Em 1991, depois de um período fraco em termos de crescimento populacional, em grande parte devido às características predominantemente rurais da região, assiste-se a uma inversão da situação como resultado dum maior dinamismo económico e uma maior integração na Área Metropolitana de Lisboa, proporcionando um afluxo de indivíduos exteriores ao concelho (figura 11).

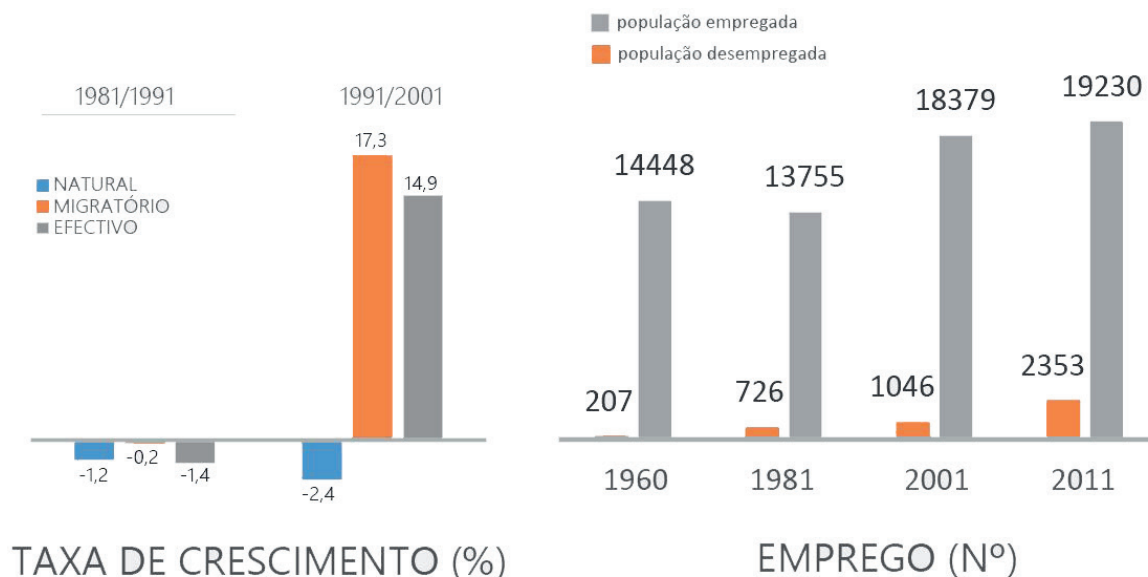


Figura 11-Taxa de crescimento e emprego.v

Este fenómeno, cuja expressão teve maior intensidade nas freguesias com melhores acessibilidades a Lisboa (figura 12), encontra-se, no entanto, condicionado por fatores inerentes à própria topografia, como é o caso de Santo Estevão e Triana. Nestas freguesias, nas quais se insere a vila de Alenquer, assiste-se a um estrangulamento da massa edificada devido à presença das encostas íngremes que limitam o seu crescimento, levando à sua expansão para outras zonas, nomeadamente Paredes (figura 10).

O desenvolvimento desta zona, considerada por alguns autores no passado, como subúrbio de Alenquer³, levou ao aparecimento de novos equipamentos (figura 13), tornando-se cada vez mais aliciante à fixação humana. Contrariamente a Paredes, a vila original começou a padecer dum fenómeno que afeta os centros históricos de muitas cidades, o abandono e consequente deslocação da população para a periferia, onde o acesso à habitação está mais facilitado.

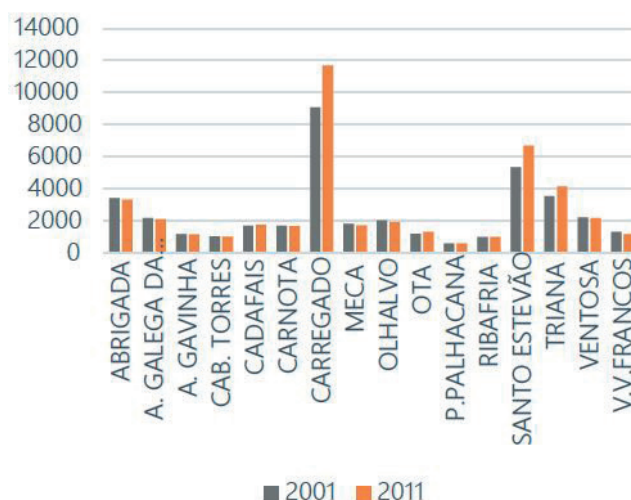
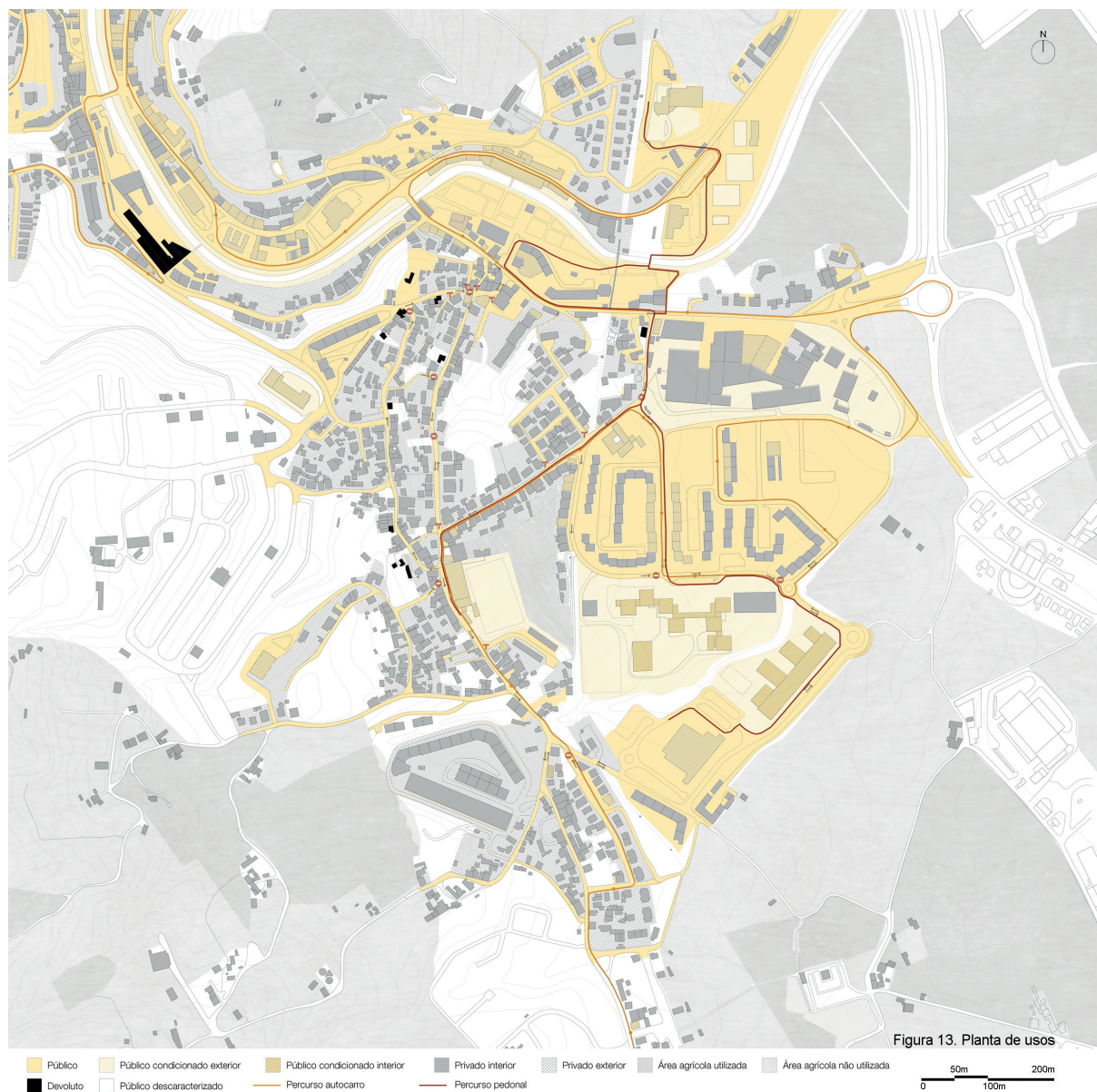


Figura-12-População residente por freguesia.

³ Em 1873, Guilherme Henriques escrevia “Logar das Paredes. – Hoje distante poucos metros da villa de Alemquer, esta povoação passa como suburbio; mas em poucos annos provavelmente estará encorporada n’esta villa”.



A agravar esta situação, está também o problema de envelhecimento da população, algo transversal a todo o concelho (figura 14 e 15).

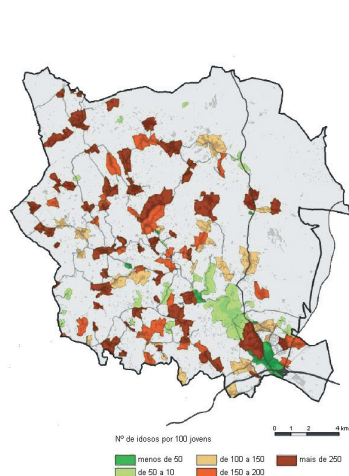


Figura 14-Índice de envelhecimento da população.

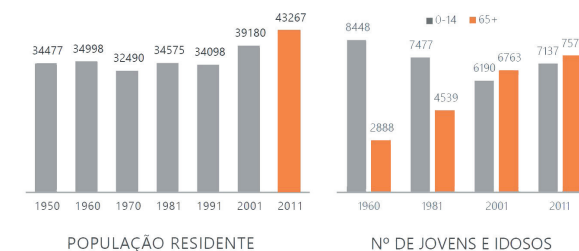


Figura 15-População residente, nº jovens e idosos.

A banalização do uso do automóvel contribuiu para a alteração das dinâmicas deste lugar, ao apoderar-se de vias com características predominantemente pedonais. A Rua Principal, que durante muito tempo constituiu uma alusão ao próprio nome, acabaria por ceder este papel à rua do Pedrogão, fortemente caracterizada pelo transporte mecânico privado.

Atualmente a Vila de Alenquer encontra-se num momento delicado, depois do êxodo verificado nos últimos anos, sobretudo para a zona de Paredes. Apesar de se encontrarem numa posição geográfica próxima, a irregularidade do terreno, o condicionamento das vias pelo automóvel e a escassez de transportes públicos entre os dois polos (figura 16) representam os grandes entraves à deslocação da população, cada vez mais envelhecida e com dificuldades de locomoção.

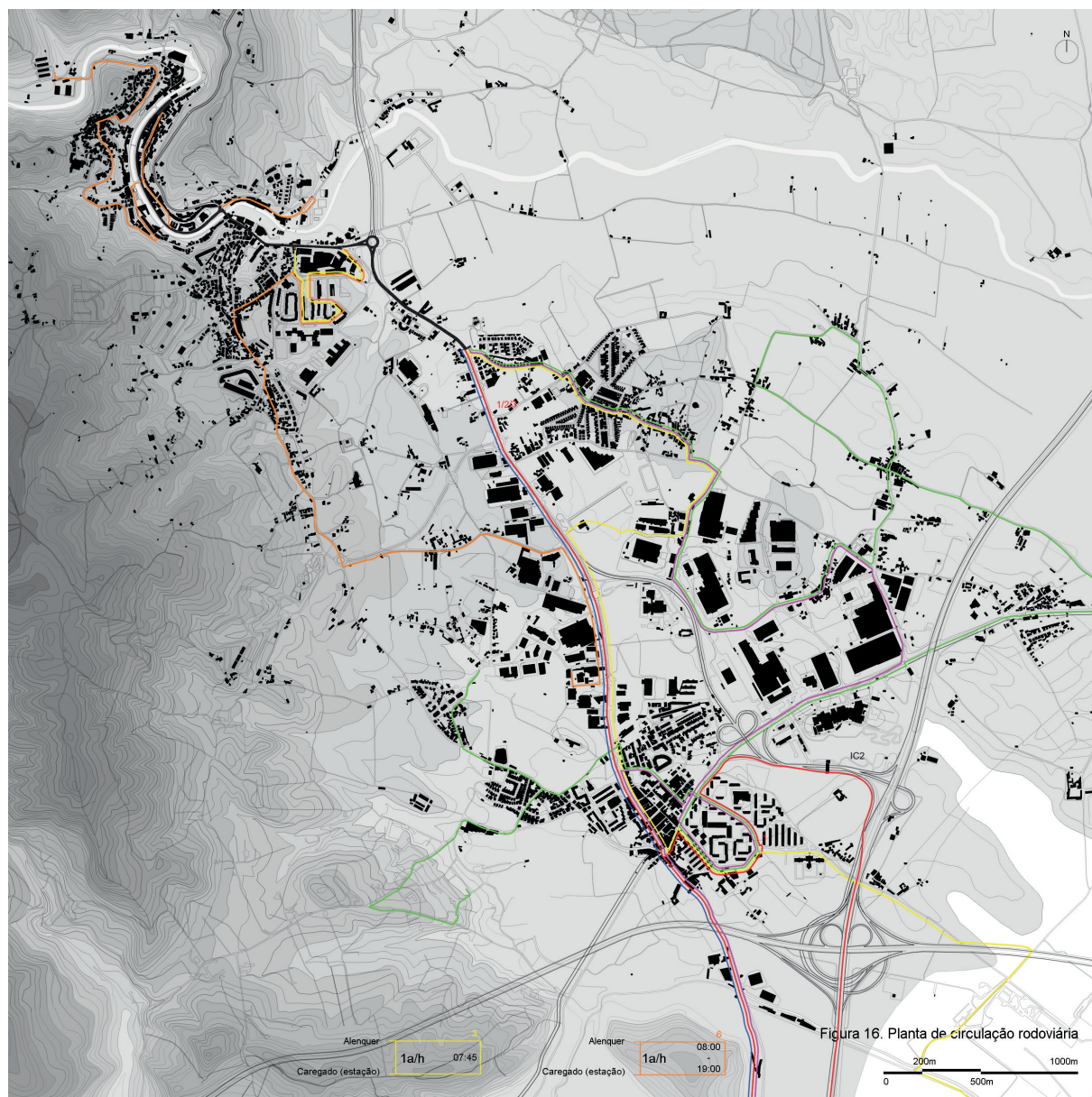




Figura 17-Dois elementos característicos da situação de Paredes



Figura 18-A ausência de passeios leva os peões a deslocarem-se na mesma via que os automóveis.



Figura 19-Rua Principal.

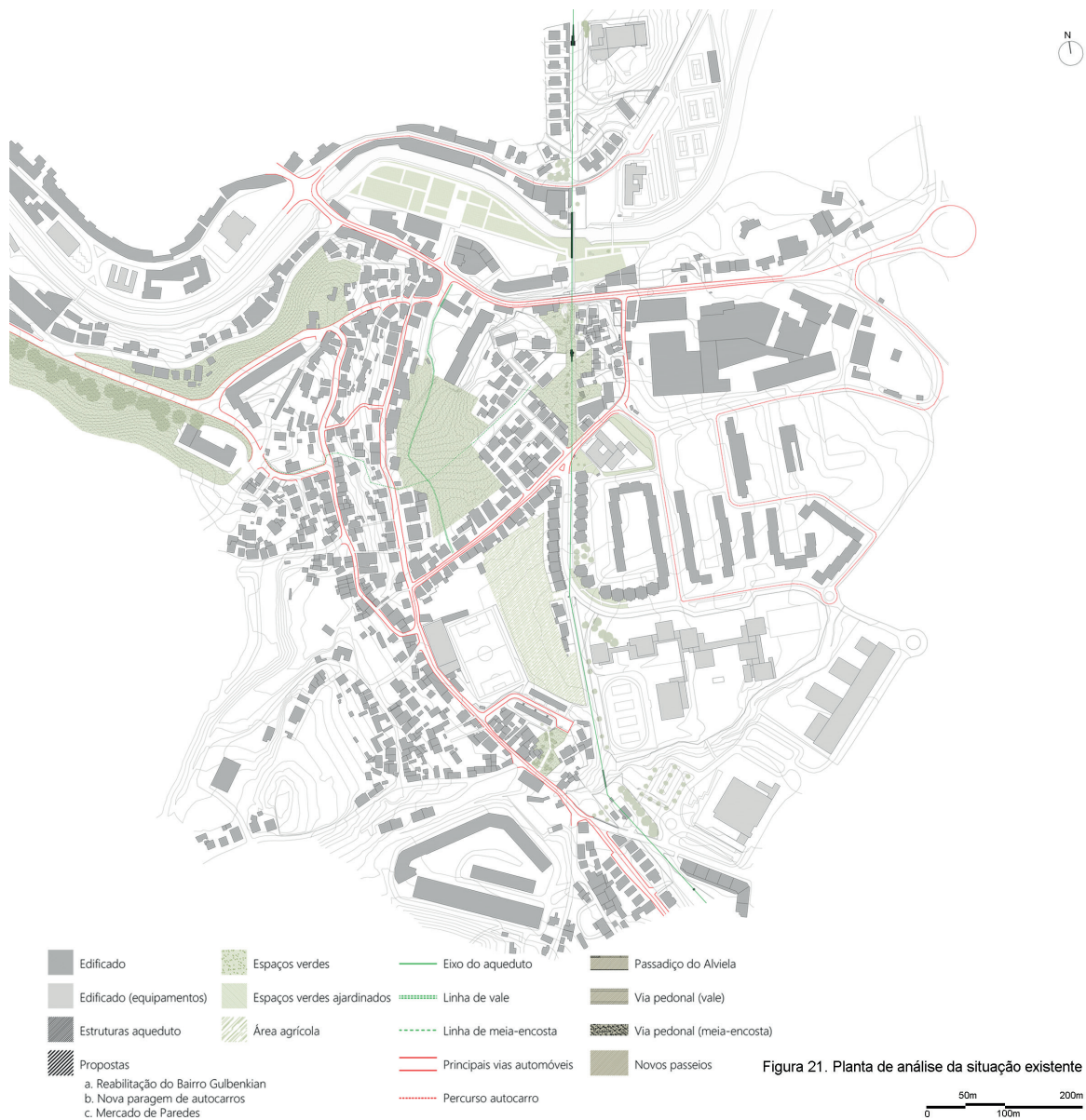


Figura 20-Rua do Pedrogão.

1.2. Estratégia de intervenção

No seguimento dos problemas encontrados no território de estudo, procedeu-se a uma reflexão crítica, que teve por base o conjunto de elementos produzidos inicialmente pela turma e posteriormente trabalhados pelo grupo, culminando na produção duma planta síntese de análise (figura 21). As dificuldades de mobilidade encontradas em Paredes e o acesso à Vila de Alenquer condicionado por diversos fatores motivaram a procura duma estratégia de intervenção, onde é dada prioridade ao peão, levando assim à definição dum Plano de Mobilidade Pedonal, que pretende também contribuir para a qualidade dos espaços públicos desta localidade. O plano materializa-se na criação de duas vias principais, exclusivamente pedonais, que nascem no mesmo ponto e se desenrolam no sentido de abranger os vários pontos desta área. Selecionou-se, como sítio de partida, o local coincidente com o início da localidade de Paredes e onde é possível encontrar um dos grandes equipamentos públicos, utilizado por diferentes faixas etárias – o Pavilhão Municipal.

Uma destas vias é orientada segundo a direção norte-sul e o seu traçado sobrepõe-se ao de uma infraestrutura do território, um aqueduto para abastecimento de água, parcialmente visível em certos pontos. A solução encontrada para implementar esta proposta, que tem como condicionante, a não construção ao longo da faixa onde se insere o aqueduto, passou pela criação dum passadiço com estrutura suspensa e erguida em consola. O novo percurso pedonal, desenvolvido no âmbito duma das propostas individuais, integra no mesmo circuito o Bairro Gulbenkian, a Escola Damião de Góis, as novas Urbanizações da Quinta do Bravo, o Centro de Escuteiros e num dos extremos o Parque Urbano da Romeira e o Centro de Saúde.



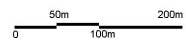
Na interseção da Estrada Nacional 1 com esta nova via, a estrutura proposta assume o carácter de ponte, libertando os peões de atravessar esta estrada de grande fluxo rodoviário. O acesso à cota da rua e do parque é feito através dum elevador proposto, que serve também de argumento para implantar uma nova paragem de autocarro.

A segunda via projetada assume-se como independente junto ao bairro Gulbenkian, alvo duma proposta de reabilitação individual, e atravessa o interior de dois quarteirões, nos quais se localizam o Complexo Desportivo do Sport Alenquer e Benfica e um antigo terreno agrícola, sendo apenas interrompida pela Rua do Pedrogão. No terreno, onde outrora era explorada uma plantação agrícola, é proposto e desenvolvido individualmente um equipamento de mercado, de produtos biológicos e regionais, como alternativa às grandes superfícies comerciais e cujo acesso privilegia o uso do automóvel. A partir deste ponto, que se pretende de fácil acesso a toda a população, através da introdução de meios mecânicos, a via pedonal base é prolongada para norte até chegar à Vila Baixa de Alenquer e para montante até à Vila Alta,

Os objetivos da proposta contemplam ainda algumas opções de planeamento urbano, como meio de reduzir a presença automóvel em Paredes, libertando ruas cujas dimensões não são as mais adequadas a este tipo de transporte. Para tal, são propostos dois novos parques de estacionamento à entrada do bairro Gulbenkian e à entrada do Complexo do Benfica, bem como o redirecionamento do trânsito no último troço da Rua Principal e da Rua das Fontes, para as ruas do Pedrogão, do Patrício, da Chemina e N1. (figura 22)



Figura 22. Planta de Estratégia geral



Capítulo II

Projeto individual

Reabilitação do bairro Calouste Gulbenkian

2.1. Análise

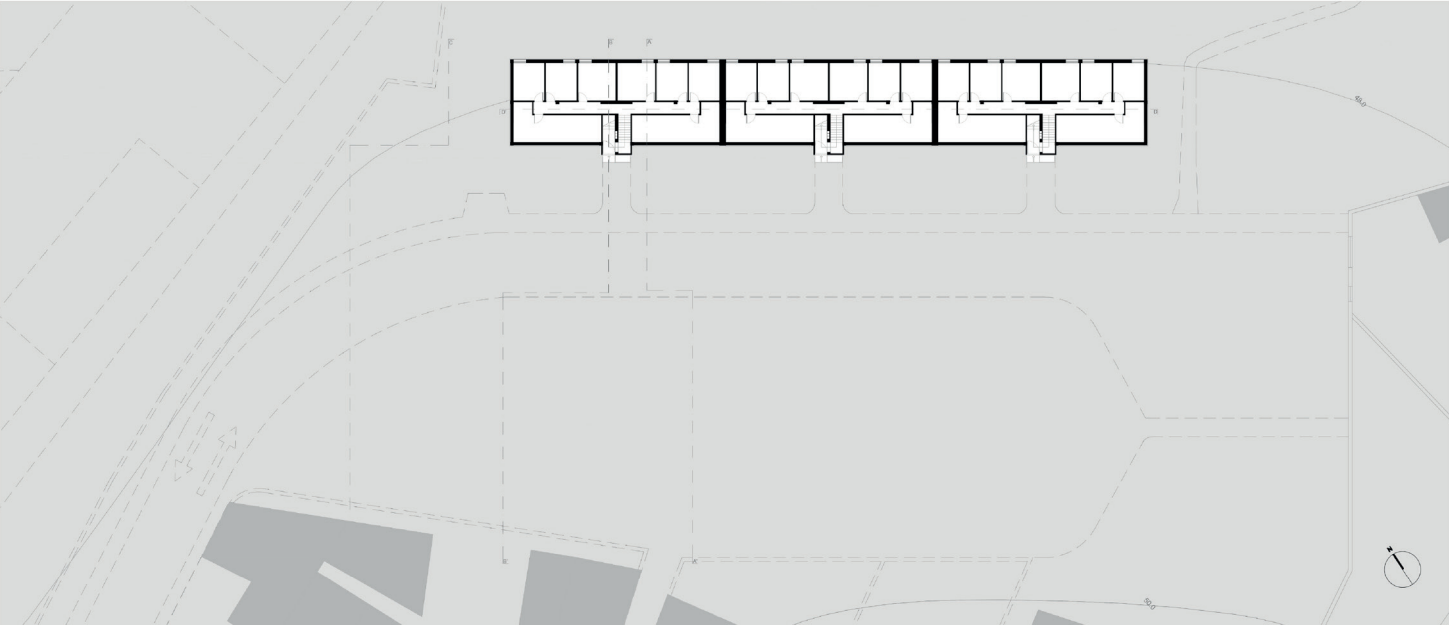
Face ao diagnóstico efetuado na vertente teórica, a vertente prática visa complementar o estudo apresentando uma possível proposta de intervenção ao Bairro Calouste Gulbenkian.

Numa primeira análise, constatou-se que o objeto em estudo não continha informação suficiente, então procedeu-se à produção de peças graficamente desenhadas a partir do projeto consultado no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian. Após o desenho das peças exatamente como se apresentavam em arquivo, percebeu-se que eram muito generalistas e não se apresentavam em bloco de conjunto como o construído, mas sim como uma peça individual.

Perante o projeto consultado, sentiu-se a necessidade de visitar os edifícios várias vezes com os moradores, de modo a perceber se alguma coisa mudou entre o projeto proposto para o bairro, e a construção realizada. De fato encontrou-se algumas diferenças entre o proposto e o construído e complementou-se os desenhos que já haviam sido efetuados previamente, e agora descritos e atualizados como uma primeira fase “Projeto Construído de 1967” (ver desenhos do projeto construído).

Após a conclusão das peças desenhadas, avaliou-se o edificado e procedeu-se ao desenho numa segunda fase do projeto de plantas, cortes e alçados dos “Amarelos” (ver desenhos dos amarelos-demolidos) que visa explicar as demolições feitas pelos moradores. Concluindo esta segunda fase de “Amarelos”, procedeu-se ao desenho das mesmas peças, mas designado como “Vermelhos” (ver desenhos dos vermelhos-novos) que pretende demonstrar e assinalar as novas construções efetuadas pelos residentes ao longo dos anos de modo a perceber como intervir no edificado. Assim concluímos essas três fases com os desenhos da situação atual (ver desenhos da situação atual), em que se encontra o estado de conservação dos edifícios.

2.2. Projeto construído 1967



PLANTA DA CAVE / ARRECADAÇÕES



PLANTA DO RÉS-DO-CHÃO



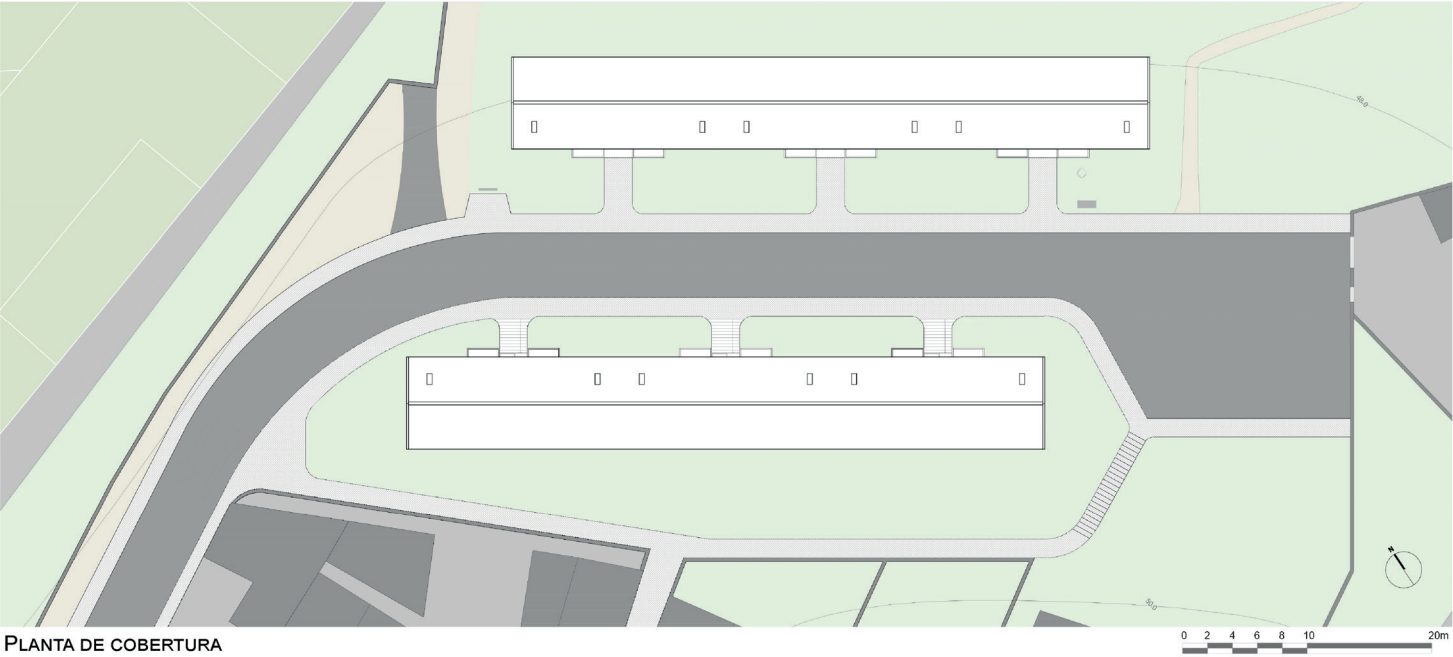


PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2





PLANTA DE COBERTURA



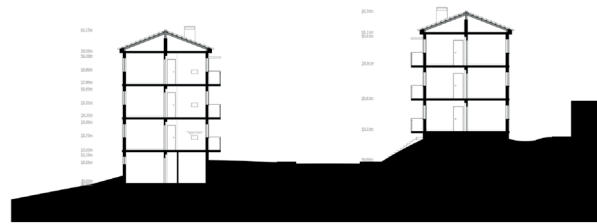
ALÇADO PRINCIPAL SUDOESTE



ALÇADO POSTERIOR NORDESTE



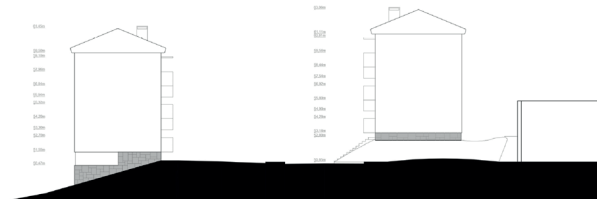
CORTE D - D'



CORTE A - A'



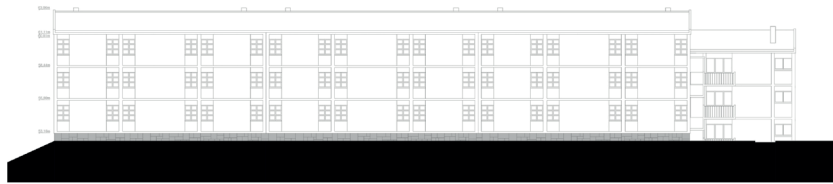
CORTE B - B'



CORTE C - C'



ALÇADO PRINCIPAL NORDESTE



ALÇADO POSTERIOR SUDOESTE

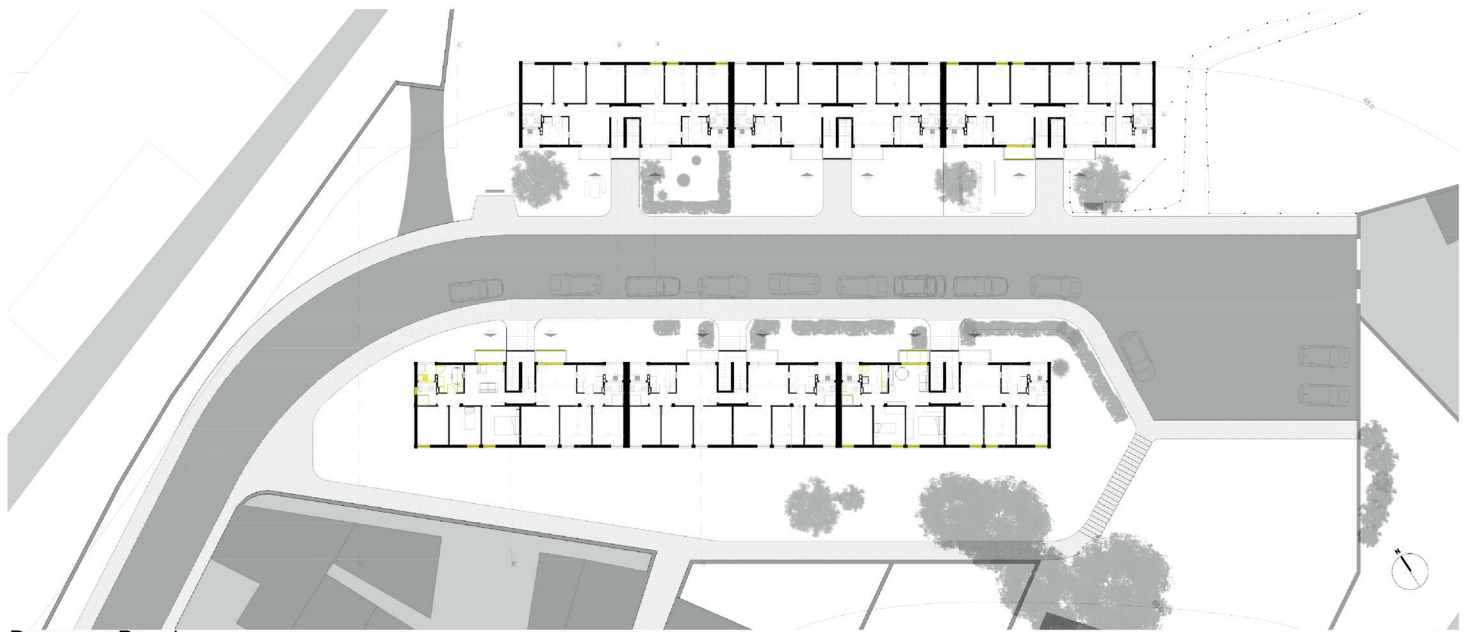
2.3. Amarelos / Demolidos



PLANTA DA CAVE / ARRECADAÇÕES



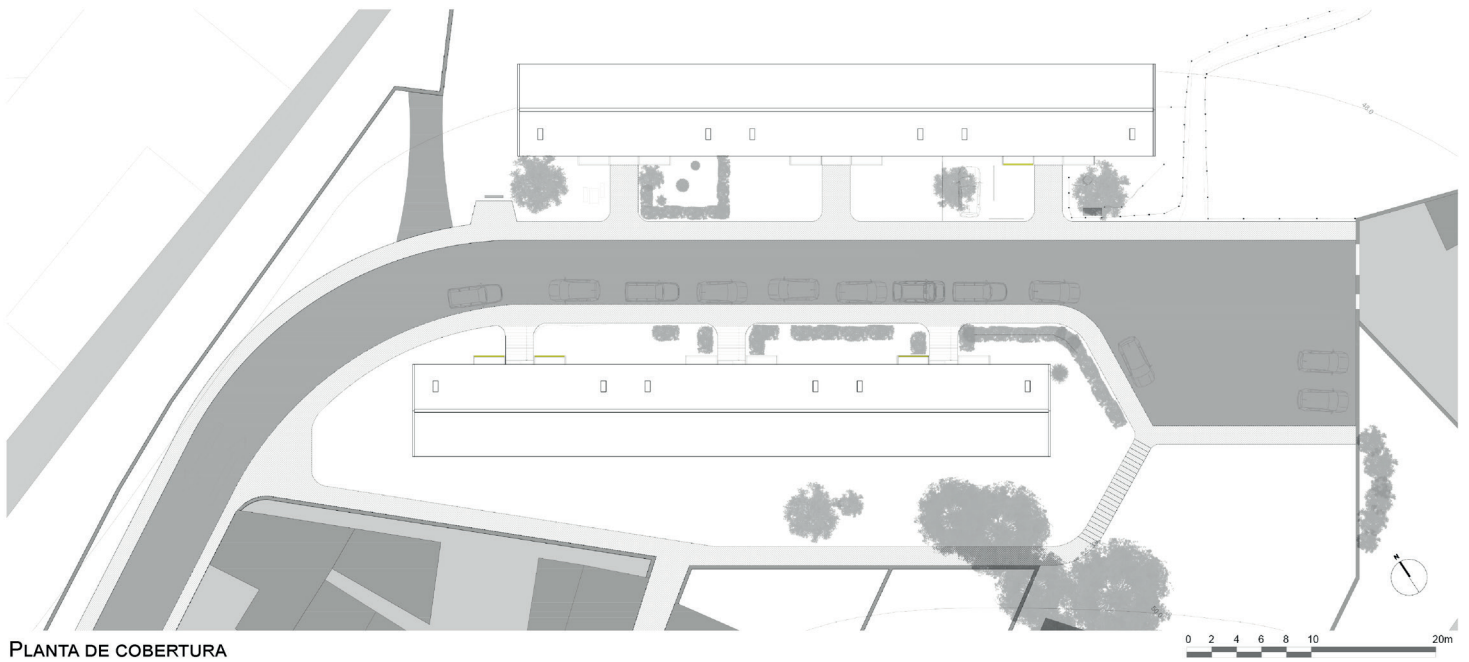
PLANTA DO RÉS-DO-CHÃO



PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2



PLANTA DE COBERTURA



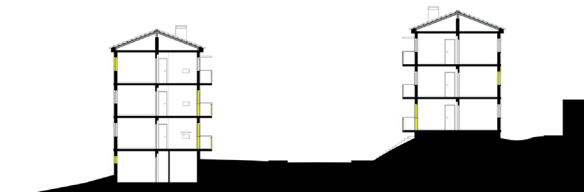
ALÇADO PRINCIPAL SUDOESTE



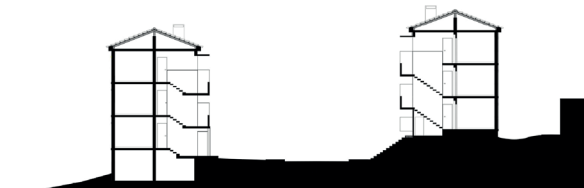
ALÇADO POSTERIOR NORDESTE



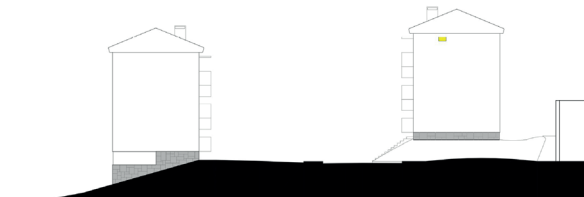
CORTE D - D'



CORTE A - A'



CORTE B - B'



CORTE C - C'



ALÇADO PRINCIPAL NORDESTE



ALÇADO POSTERIOR SUDOESTE

2.4. Vermelhos / Novos



PLANTA DA CAVE / ARRECADAÇÕES



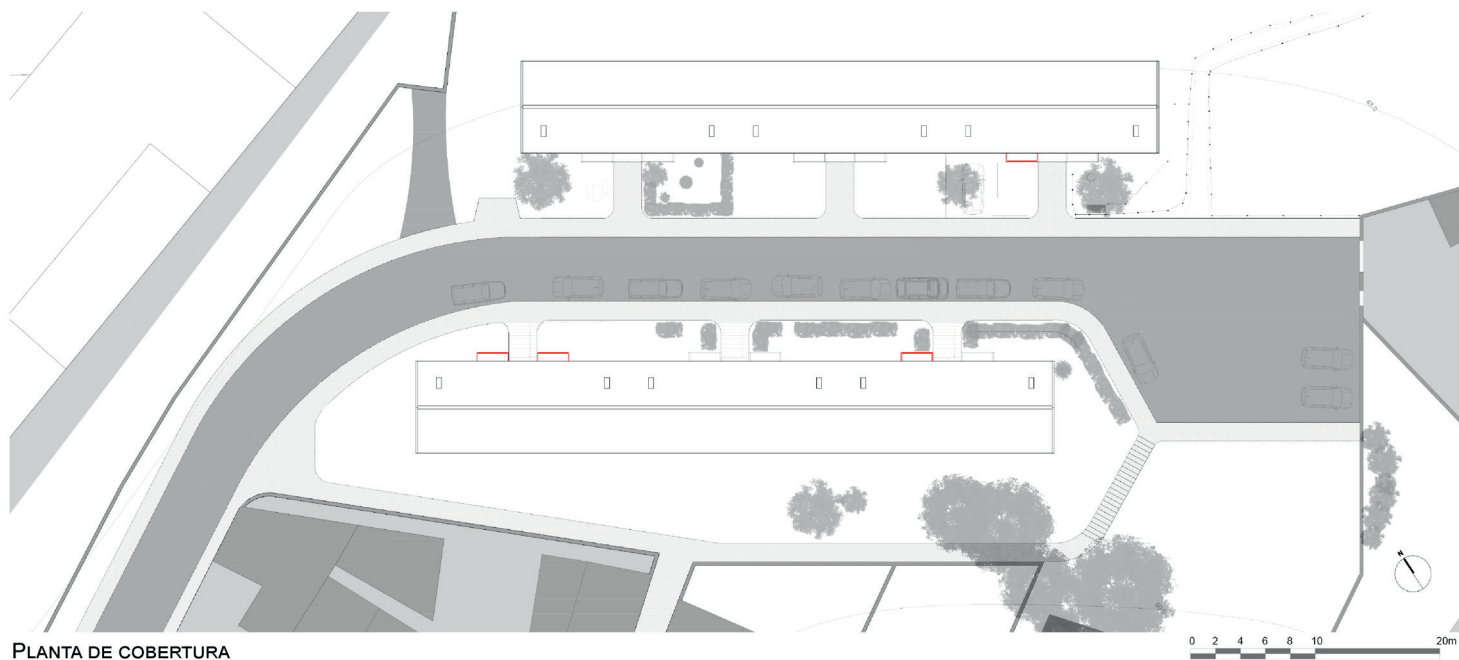
PLANTA DO RÉS-DO-CHÃO



PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2



PLANTA DE COBERTURA



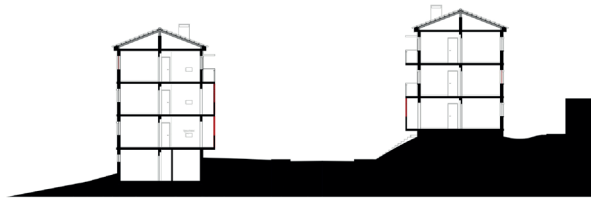
ALÇADO PRINCIPAL SUDOESTE



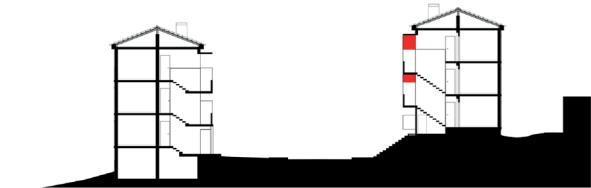
ALÇADO POSTERIOR NORDESTE



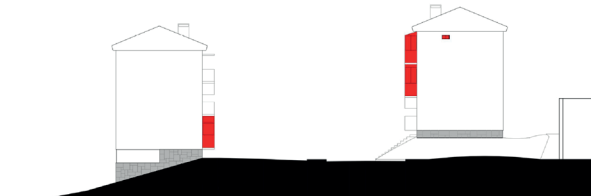
CORTE D - D'



CORTE A - A'



CORTE B - B'



CORTE C - C'



ALÇADO PRINCIPAL NORDESTE



ALÇADO POSTERIOR SUDOESTE

2.5. Situação atual



PLANTA DA CAVE / ARRECADAÇÕES



PLANTA DO RÉS-DO-CHÃO

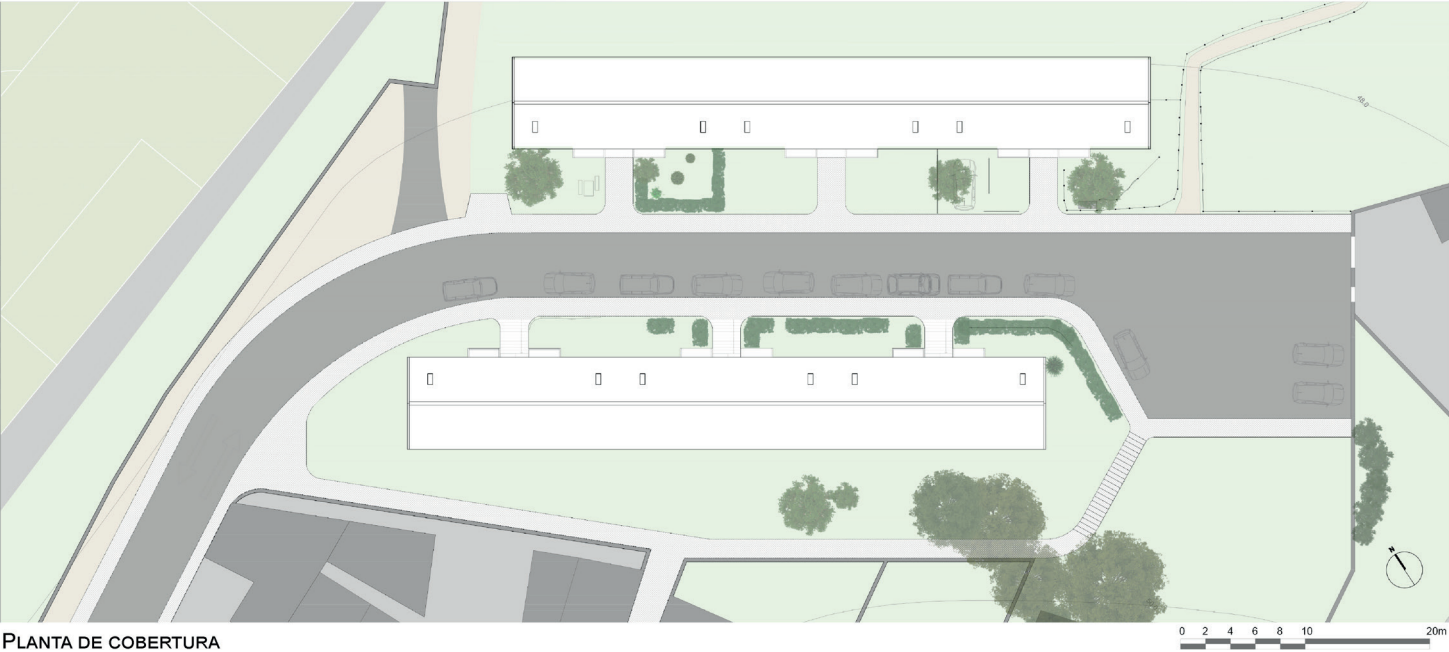




PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2



PLANTA DE COBERTURA



ALÇADO PRINCIPAL SUDOESTE



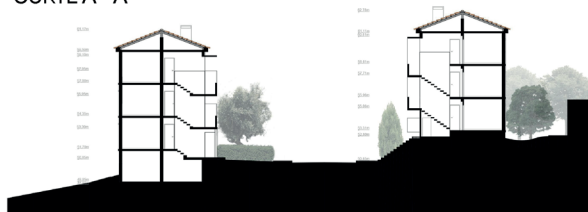
ALÇADO POSTERIOR NORDESTE



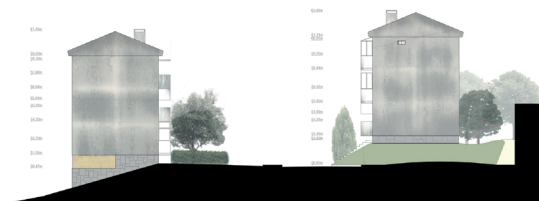
CORTE D - D'



CORTE A - A'



CORTE B - B'



CORTE C - C'

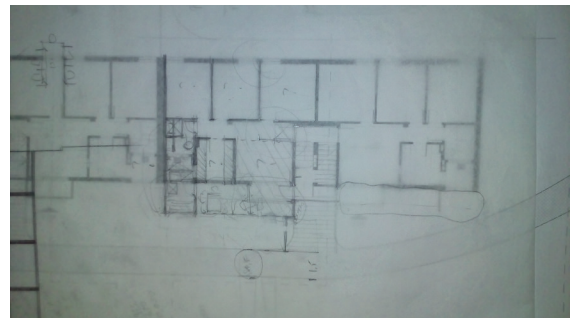
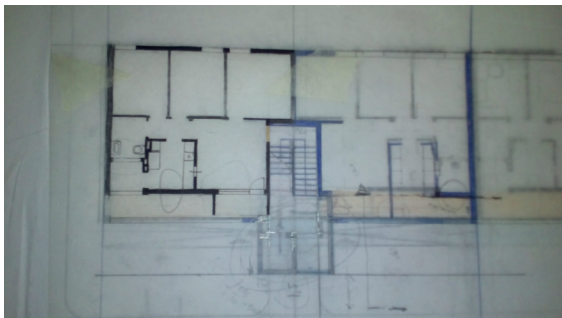
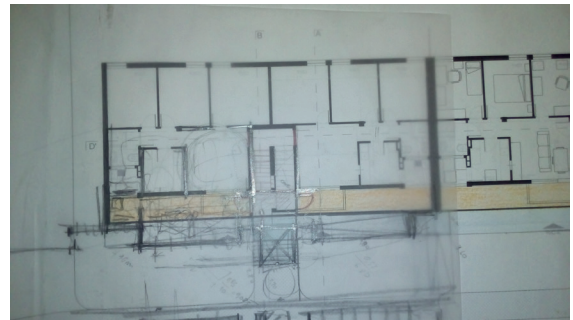
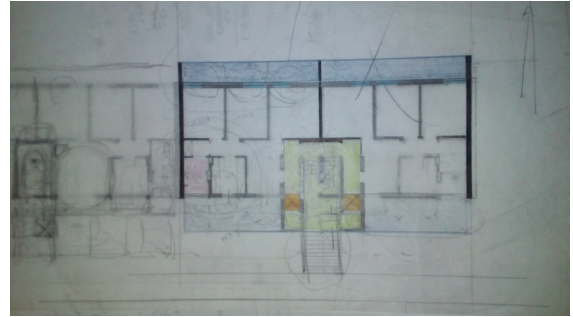
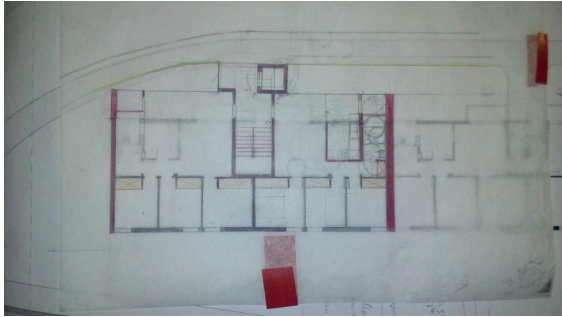


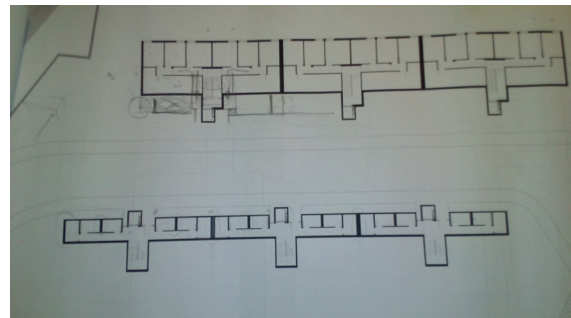
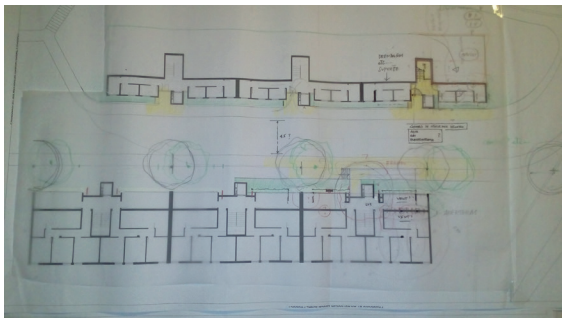
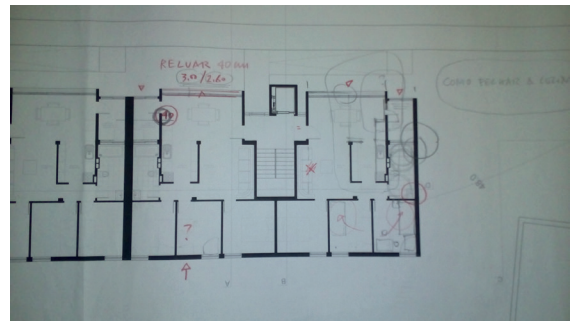
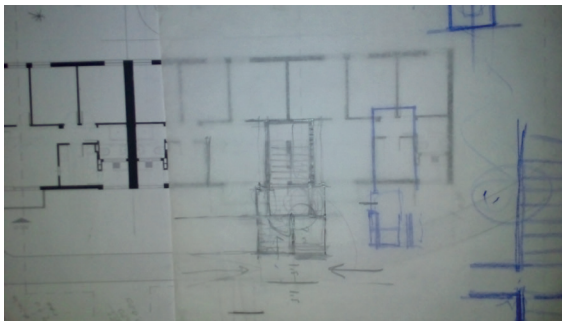
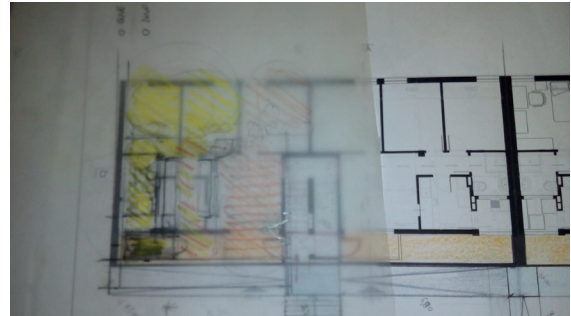
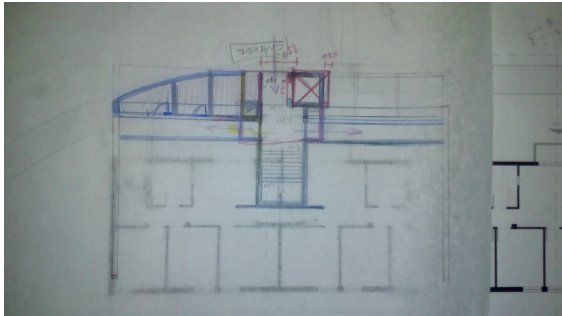
ALÇADO PRINCIPAL NORDESTE

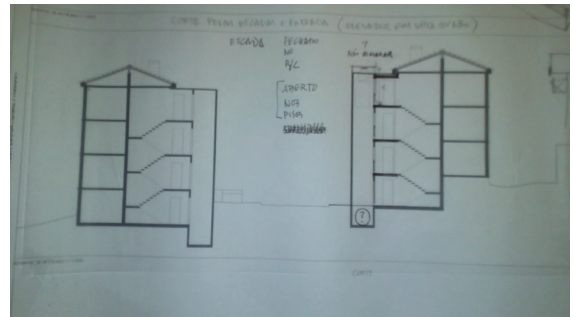
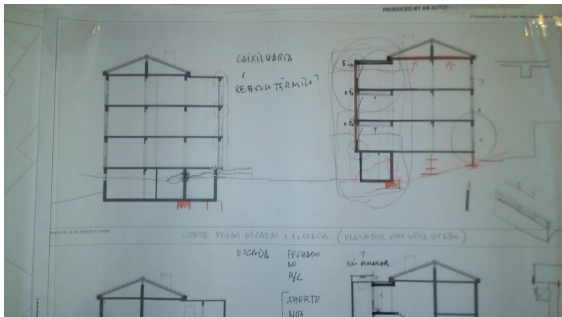
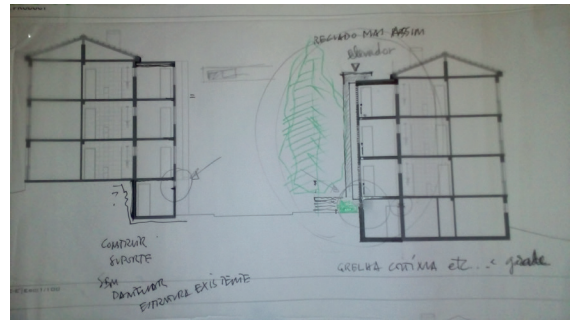
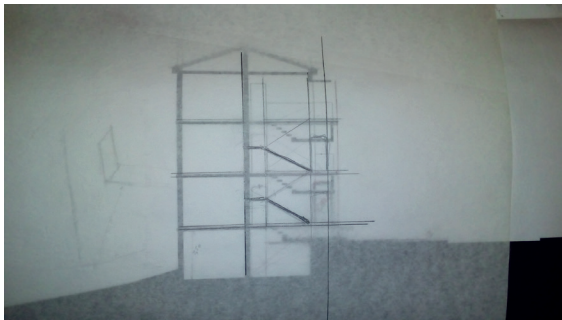
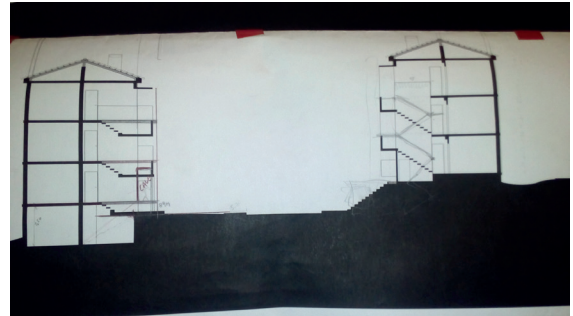
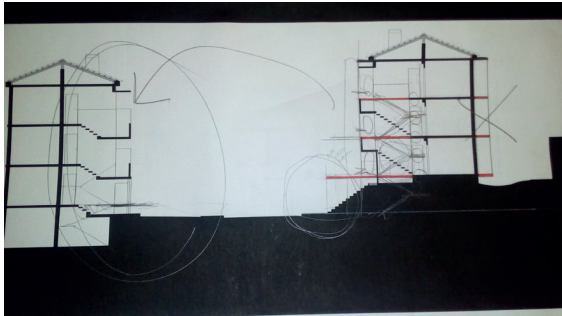


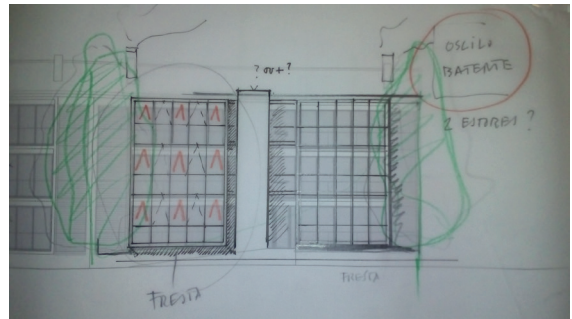
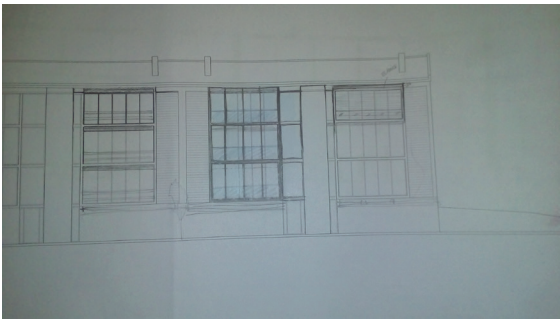
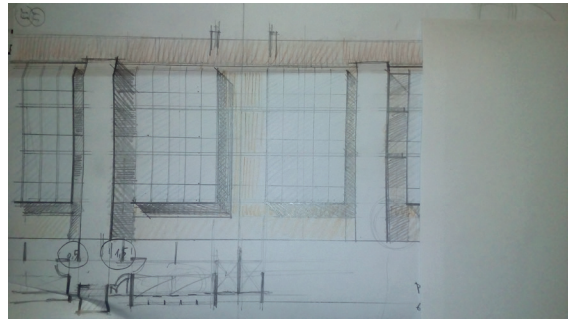
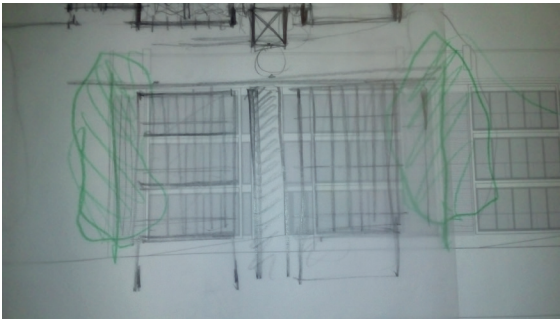
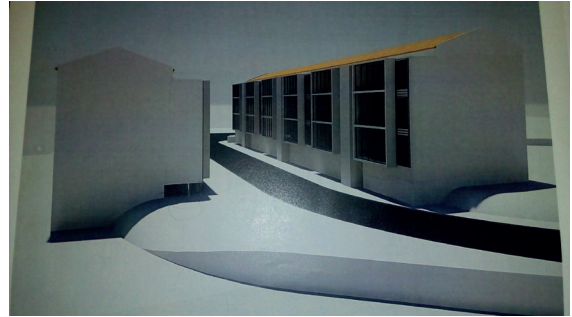
ALÇADO POSTERIOR SUDOESTE

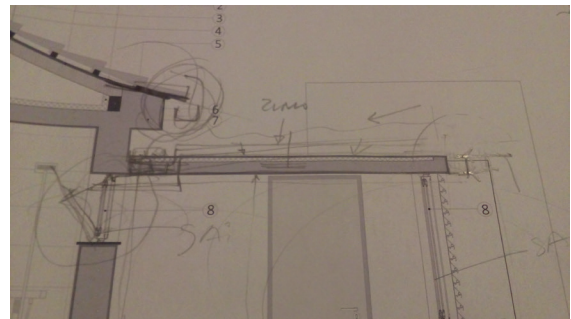
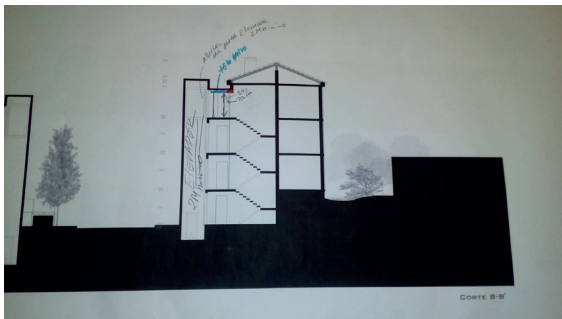
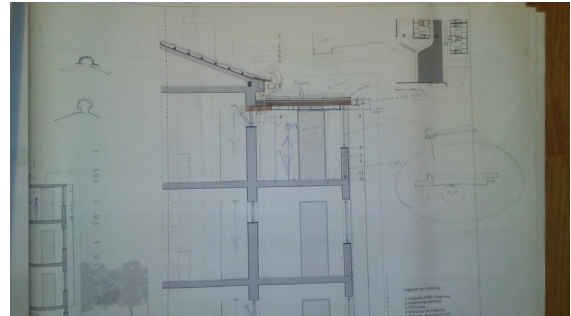
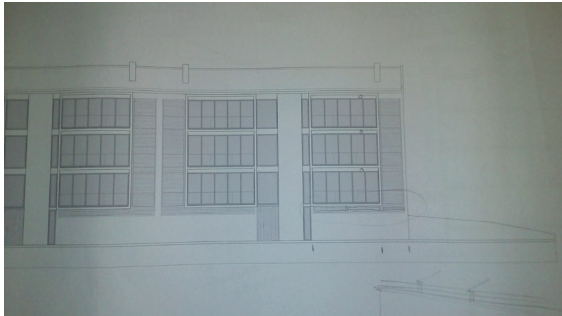
2.6. Processo de estudo











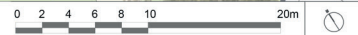
2.7. Projeto final



Projeto Final



PLANTA DAS CAVES





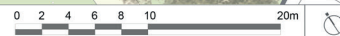
PLANTA DO PISO 0



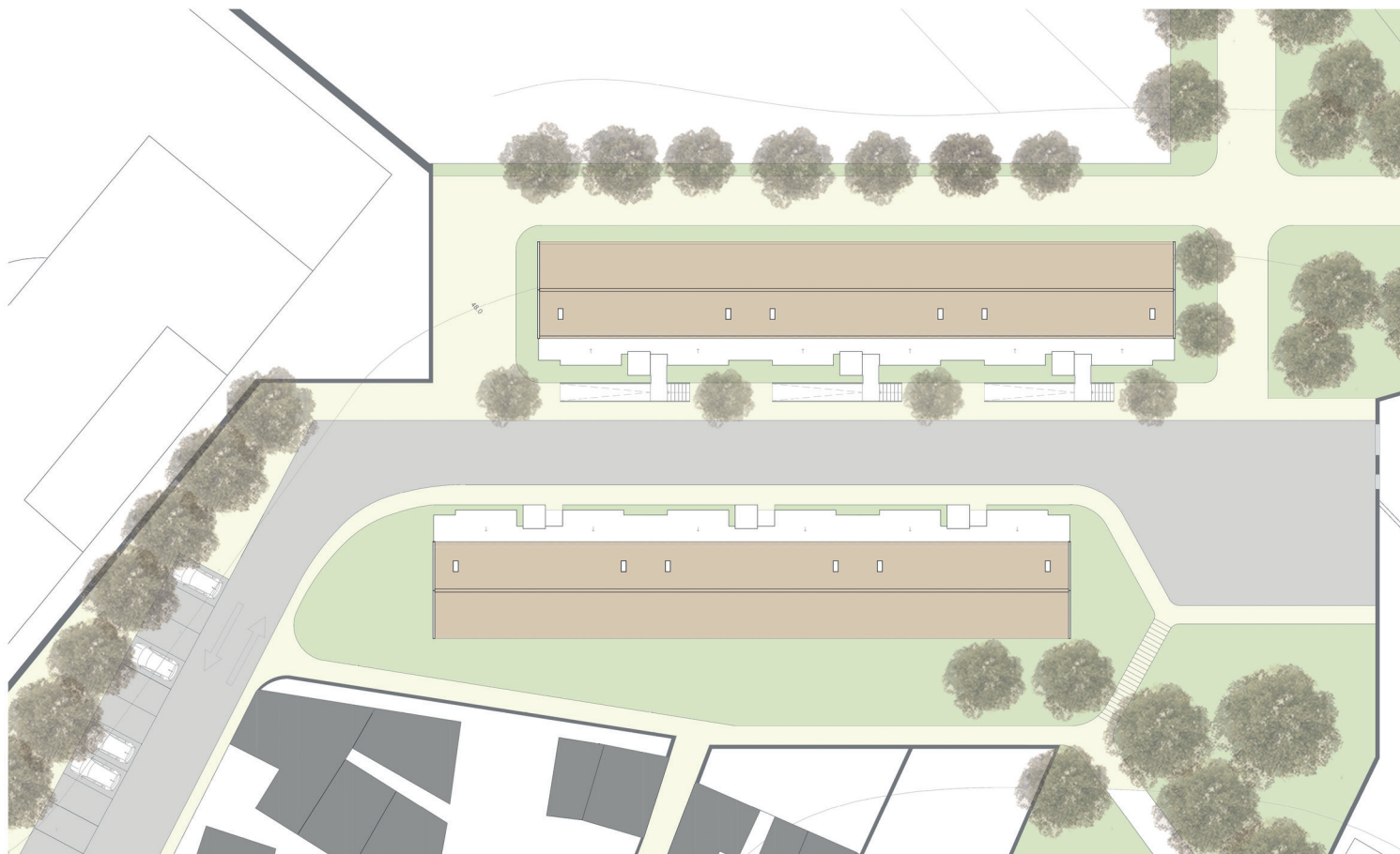
PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2

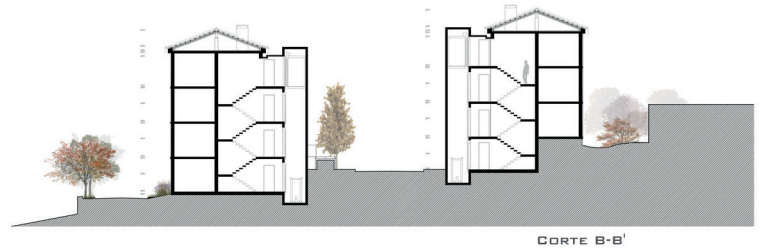
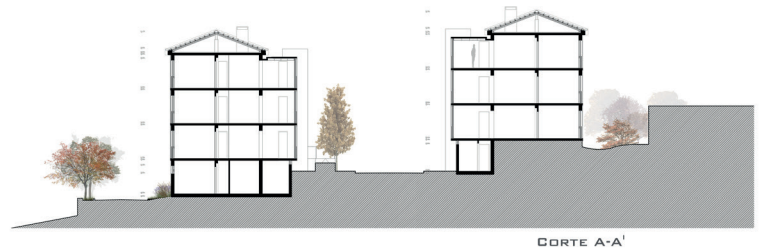


Projeto Final



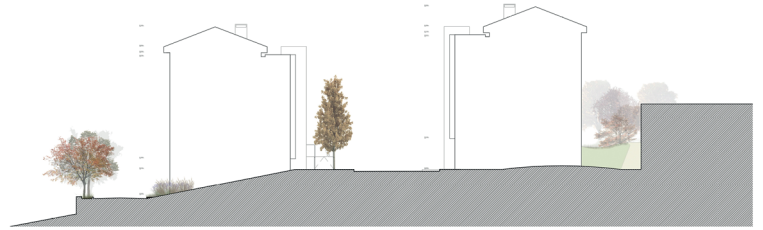
PLANTA DE COBERTURA







CORTE E-E'



CORTE/ALÇADO - C-C' (NORDESTE)



CORTE D-D'



ALÇADO PRINCIPAL (NORDESTE)

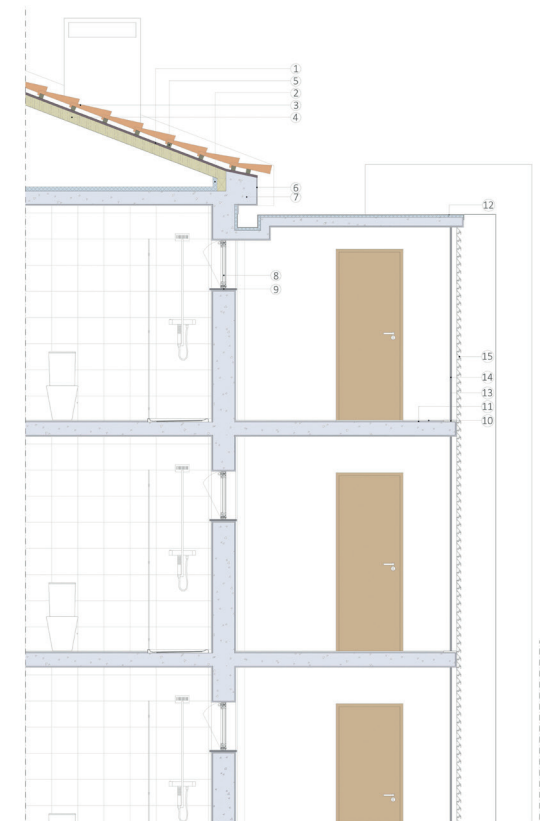


ALÇADO POSTERIOR (SUDDESTE)

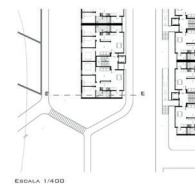




PORMENOR CONSTRUTIVO E-E' Esc. 1/50



PORMENOR CONSTRUTIVO Esc. 1/20



- Legenda de materiais:
- 1-Subtelha ST50, Onduline
 - 2-Isolamento térmico
 - 3-Telha lisa
 - 4-Estrutura de madeira
 - 5-Barrotes de madeira 5x5
 - 6-Reboco com acabamento a tinta branca
 - 7-Laje de betão
 - 8-Caixailharia de alumínio, basculante ecothermic 65 da technal;
 - 9-Pedra natural (cinza)
 - 10-Cerâmico Revigrês
 - 11-Betonilha de regularização
 - 12-Chapa de zinco
 - 13-Soleira em pedra
 - 14-Grade
 - 15-Lâmina de sombreamento fixa







